

Fundação Biblioteca Nacional

Ministério da Cultura



Programa Nacional de Apoio à Pesquisa
2009

Programa Nacional de Apoio à Pesquisa

Fundação Biblioteca Nacional - MinC

Ana Cristina Magalhães Jardim



De “Marília de Dirceu” ao “Romanceiro da Inconfidência” a construção de um mito na sociedade brasileira a partir do século XVIII

2009

Para Adélia,

Agradecimentos

À Biblioteca Nacional pela concessão da bolsa de estudos que permitiu a dedicação a este trabalho de pesquisa e à Prof^a. Dr^a. Adriana Romeiro, minha orientadora, tão presente nessas páginas quanto eu, sem sua dedicação e empenho este trabalho não seria possível.

Agradeço também a Guiomar de Grammont, Sérgio Alcides, João Adolfo Hansen, Rafael de Freitas e Souza, Luiz Carlos Villalta, Cláudia Gomes Pereira, Ronald Polito e ao Museu da Inconfidência, nas pessoas de Dr. Rui Mourão, Carmem Silva Lemos, Celina Santos Barbosa, Rosa Wood e Suely Perucci.

E a todos os amigos, colegas e familiares cuja troca contribuiu de alguma maneira para esta construção.

INTRODUÇÃO	6
O MITO DE MARÍLIA DE DIRCEU	
– Morte como gênese do mito Marília	12
= <i>Marmota Fluminense – Jornal de Modas e Variedades</i>	13
= Beatriz Brandão	14
= Joaquim Norberto de Souza e Silva	17
– A obra <i>Marília de Dirceu</i>	23
MITO, TRADIÇÃO, FAMÍLIA E GÊNERO	
– Um poeta e sua musa: tópica de um mito	37
– Mito da tradicional família mineira – mito da mineiridade	39
– Amor e família nos séculos XVIII e XIX	43
– Construção do papel da mulher na sociedade brasileira: Patriarcalismo e Honra	48
MARÍLIA DE DIRCEU: AUTORES E VERSÕES DO MITO	
– Tomás Antônio Gonzaga	52
– Maria Dorotéia Joaquina de Seixas	58
– Marília de Dirceu: autores e versões	58
– O nome de Maria Dorotéia	59
– Viajantes	61
– Richard Burton	62
– <i>Jornal do Comércio</i>	66
– Thomas Brandão	66
– Augusto de Lima Jr.	71
– Rodrigues Lapa	74
– Eduardo Frieiro	77
– Cecília Meireles	79
CONCLUSÃO	82
ANEXOS	84
FONTES/VIAJANTES/BIBLIOGRAFIA	93

Introdução

*Vou retratar a Marília,
A Marília, meus amores;
Porém como? Se eu não vejo
Quem me empreste as finas cores!*¹
LIRA VII, parte I

O livro de poesias *Marília de Dirceu* de Tomás Antônio Gonzaga é a obra fundadora do mito Marília. Trata-se da história de um grande amor desmantelado por forças políticas, num dos últimos espetáculos do absolutismo português no Brasil², quando a Coroa buscava garantir seu poder sobre a colônia e seus vassallos rebeldes. Tudo isso somado à destreza do autor no engenho dos versos. Liras que contam a história daquele amor e que deram ao casal contornos de notoriedade ainda no século XVIII.

Mas o mito de Marília não se consolidou apenas com uma obra. Ele é formado pela força histórica da Inconfidência Mineira, pela busca de heróis para fortalecerem o nacionalismo brasileiro a partir do século XIX e pela sucessão de várias publicações históricas e literárias sobre a obra e o casal Marília e Dirceu.

Maria Dorotéia morreu em 1853. Seu obituário foi publicado em alguns dos principais jornais do Rio de Janeiro, *Marmota Fluminense – Jornal de Modas e Variedades* e *O Mercantil*, citado pelo primeiro jornal como fonte de sua matéria, como veremos adiante.

Em 1862, Joaquim Norberto de Sousa e Silva incluiu Marília em seu volume *Brasileiras Célebres*, publicado pela editora Garnier. Na segunda metade do século XIX, Marília já havia deixado de ser apenas a musa do poeta inconfidente ou alvo de especulações e boatos para se transformar em um mito.

O mito de Marília (Maria Dorotéia Joaquina de Seixas/1767-1853) noiva de Dirceu, poeta, ouvidor e Inconfidente (Tomás Antônio Gonzaga/1744-1810) permanece vivo na sociedade brasileira desde o século XVIII, adaptado e modificado a cada momento, mas figurando como um estereótipo que ajuda a compreender um modelo para o papel da mulher na sociedade naquele período.

Qual era a relevância de Maria Dorotéia Joaquina de Seixas, a Marília de Dirceu? Ser a bela musa cantada em versos por Tomás Antônio Gonzaga.

¹ GONZAGA, 1992, p.23.

² FURTADO, 2002, p. 12.

Depois da prisão, desfecho da Inconfidência Mineira e degredo de Gonzaga para Moçambique, o que impossibilitou definitivamente os planos de casamento dos dois, Marília entra para a história como a noiva que permaneceu apaixonada e fiel ao seu amado até morrer com a idade avançada de oitenta e cinco anos e numa Ouro Preto³ que entra na segunda metade do século XIX, decadente e praticamente abandonada.

Para o público leigo, Marília possui uma única face, a de musa do poeta Gonzaga. Mas, ao examinar de perto e ao acessar uma bibliografia mais ampla sobre o tema, verificamos que Marília é um mito de várias faces cuja verdadeira aparência jamais poderá ser apurada. Aliás, as dúvidas, as lacunas, a existência de várias versões para uma mesma história são os principais ingredientes na composição de um mito: donzela, mártir, musa ou apenas uma mulher comum?

Este trabalho busca conhecer as versões de sua história e evidenciar o processo que transformou Marília de Dirceu em mito. O caminho para isso começou a ser traçado nas fontes que relatam as impressões atuais sobre Marília. Depois disso, o trabalho passou a ser o de examinar a extensa bibliografia, datada dos séculos XVIII ao XX, sobre a noiva de Gonzaga. A grande questão consistia em descobrir as etapas do processo de constituição do mito Marília, a partir dos primeiros relatos sobre ela, ainda no século XVIII. Para tanto, buscou-se reunir o maior número possível de referências: bibliografia, documentos oficiais, fontes literárias, jornais e imagens que auxiliassem na interpretação mais aproximada da imagem existente sobre ela, com o objetivo de interpretar aqueles rastros da formação do mito Marília de Dirceu. Essa monografia não contempla nem de longe toda a documentação encontrada sobre o tema proposto.

Optamos por tratar do foco primordial, a consolidação do mito, segundo as fontes encontradas na Biblioteca Nacional. Fontes estas fundamentais para compreensão e interpretação do problema levantado: como e quando se consolidou o mito Marília de Dirceu na sociedade brasileira? Um mito que representa um modelo para as mulheres e para a sociedade brasileira.

A mulher em Minas, no século XVIII, enquanto objeto de pesquisa, ainda não foi suficientemente investigada. Considerada ora reclusa, dependente da proteção e tutela

³ O decreto imperial de 24 de fevereiro de 1823 elevou à categoria de cidade todas as vilas que eram capitais de províncias no Brasil. Em 20 de março do mesmo ano, por carta régia, Vila Rica foi elevada à cidade com a denominação de Imperial Cidade de Ouro Preto. Com a proclamação da república, em 1889, a sua denominação ficou restrita a Ouro Preto. Em dezembro de 1897, Ouro Preto perdeu os foros de capital, que foi transferida para Belo Horizonte. Fundo – Câmara Municipal de Ouro Preto – Arquivo Público Mineiro. Disponível em: http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/modules/fundos_colecoes/brtacervo.php?cid=8. Acesso em: 06 fev. 2011.

masculina, ora pecadora, desonrada, feiticeira, sedutora e lasciva (SOUZA, 1986; DEL PRIORE, 1992; FIGUEIREDO, 1993; ALGRANTTI, 1999; FURTADO, 2003; RODRIGUES, 2010). A constituição do mito de Marília de Dirceu propaga um modelo ideal a ser seguido na sociedade por tantas outras mulheres em condições de vida semelhantes à dela. Muitas lacunas permanecem, fato que possibilita a construção de um mito de propagação da honra que se pretendia como comportamento ideal para as mulheres. Principalmente, se considerarmos suas conexões com o imaginário relativo à mulher branca do século XVIII.

Por outro lado, a história de Marília é atrelada a outro mito caro à sociedade brasileira: a Inconfidência Mineira. Trata-se de um mito dentro de outro.

Quanto a Maria Dorotéia, nenhuma das fontes estudadas revela sua fala explícita, apenas algumas informações que podem ser lidas e nas entrelinhas de poucos documentos oficiais.

A Inconfidência Mineira continua a ser um tema rico e recorrente. Volta periodicamente. É analisado sob novas perspectivas. Somam-se ao seu estudo novas versões, mas nenhuma parece ser suficiente para sua interpretação definitiva. João Pinto Furtado, por exemplo, diz de seu trabalho *O manto de Penélope* que o:

(...) livro procura examinar os processos de construção, desconstrução e reconstrução permanente da historiografia sobre o tema da Inconfidência Mineira, os quais parecem retomar de tempos em tempos o legado simbólico de seus agentes: permanente promessa, supostamente não cumprida, de um regime de governo representativo de fato.⁴

Para entender a amplitude do mito de Marília, é preciso voltar o olhar para a Inconfidência Mineira, a partir de uma perspectiva centrada no processo de monumentalização do evento, que o transformará numa espécie de apoteose do nacionalismo brasileiro. Ademais, o estudo da história de gênero, especialmente no contexto mineiro, dentro da história da Inconfidência Mineira, nos ajuda a entender a complexidade do mito.

Se Gonzaga e seus companheiros tivessem conseguido realizar a rebelião, o dia do batizado, sua noiva Marília teria se tornado uma das primeiras damas daquela sociedade, a mulher de um dos líderes políticos mais importantes da capitania de Minas. Essa expectativa talvez explique a grande comoção ante o desmantelo da nobre união formal, romanticamente precedida por versos, da moça de tradicional família mineira com o bacharel português.

Maria Dorotéia era uma moça de quinze anos quando Gonzaga chegou à Vila Rica para assumir seu cargo de Ouvidor em 1782, não se sabe a data exata, mas em alguns anos ele

⁴ FURTADO, 2002, p. 13.

estaria a cortejá-la através de suas líras. Quando ele foi deportado para Moçambique em 1792, ela tinha 25 anos, e por volta de 43 anos, quando Gonzaga faleceu em Moçambique, casado com Juliana de Souza Mascarenhas desde 1793⁵. Após a morte do poeta, Marília passou ainda 42 anos de sua vida em Vila Rica. Significa que viveu os acontecimentos de sua relação com Gonzaga e de sua vida pessoal em momentos diversos de sua maturidade e também da vida brasileira. Mesmo assim, com o afastamento prematuro da relação dos dois, o inconfidente e poeta Gonzaga e sua musa inspiradora continuaram sendo o casal de amantes mais conhecido do Brasil.

Figuras hoje populares e profundamente arraigadas no imaginário nacional, os inconfidentes de Minas foram, antes de sua conversão em mitos, homens inscritos em seu tempo e, portanto, antes de mais nada, devem ser vistos à luz de sua própria temporalidade.⁶

A obra de Tomás Antônio Gonzaga permanece e se impõe na galeria de autores clássicos da literatura de língua portuguesa. Mas a força trágica dos acontecimentos da Inconfidência eleva essa obra ao patamar mítico que ecoa e se expande com o passar do tempo. Essa questão interessa ao tema desse trabalho, pois está diretamente ligada à mitificação de Marília, personagem que para o leitor se descola da obra e adquire vida própria, fruto do trabalho literário do poeta Gonzaga.

Os mitos, dada a sua natureza de pura significação, colocam para o investigador a tarefa de estabelecer as conexões entre as falas por eles emitidas e a história de onde são originários (...) O principal empreendimento dos cientistas sociais preocupados com as elaborações míticas deve dirigir-se para o estabelecimento dos elos entre os problemas transpostos pelos mitos e a rede social que lhes atribui significado.⁷

O objetivo desse trabalho é entender que autores influenciaram o processo de constituição do mito, articulando-o com o imaginário da época. E, ao mesmo tempo, examinar as múltiplas facetas que o mito possa ter, eventualmente, assumido ao longo da história.

Na capitania das Minas Gerais, tão estudada em seus aspectos diferentes como econômico, político, religioso, artístico e cultural, apenas para citar alguns, que vozes emitiram tal discurso e por que.

Os estrangeiros que se dirigiram ao Brasil no século XIX contemplam-nos com páginas que se aproximam tanto de nós, chegando a inquietar, em muitas passagens, os modernos historiadores. Numa mescla de relatos, análises e

⁵ LAPA, 1942, p. XXXVI – XXXVIII.

⁶ FURTADO, 2002, p. 30.

⁷ ARRUDA, 1999, p. 23.

observações pessoais, esses viajantes fundaram as bases das futuras interpretações do Brasil. Também por isso aparecem como fonte e explicação a um só tempo.⁸

Alguns viajantes chegaram a comentar em seus relatos de viagem pelas Minas Gerais, os acontecimentos e modos de vida daquela sociedade. Entre eles, Richard Burton, um dos mais ligados a assuntos de natureza cultural, modos de vida e comportamento das pessoas. Burton chega a relatar o que se falava de Marília na cidade de Ouro Preto da segunda metade do século XIX, numa versão bem diferente da musa encantada. A partir daquele ponto, da publicação do livro de Burton, as versões sobre a personagem se polarizam sendo que nenhuma das duas pôde ser comprovada. A versão corrente sobre a vida de Maria Dorotéia sempre foi a da noiva apaixonada que permaneceu solteira, lembrando-se do casamento que não aconteceu e sofrendo pela perda de seu amado. Segundo essa versão mais difundida, mesmo após a condenação de Tomás, deportado para Moçambique por causa do seu envolvimento na Inconfidência Mineira, Maria Dorotéia teria continuado pura e fiel a ele até morrer aos 85 anos de idade. Quando Burton incluiu em seu livro de viagem que era público e notório, na Ouro Preto da época, que Maria Dorotéia teria tido um relacionamento informal com um tal Queiroga, do qual havia gerado três filhos, coloca por terra a versão da mulher que segue os preceitos de uma sociedade tradicional. Longe da aura de mito, a versão que Burton diz ter ouvido em Ouro Preto inclui Maria Dorotéia numa vida de mulher comum, vil e desonrada da sociedade mineira. Retirando-a do quadro de personagem mítica e também de modelo que deveria ser seguido pelas outras mulheres, pela tradicional sociedade mineira dos séculos XVIII e XIX.

É realmente difícil resistir ao brilho fulgurante do mito dentro da história. O mito é bastante sedutor e, na maioria das vezes, oferece enredos muito mais interessantes que as chamadas “histórias verdadeiras”. A própria historiografia mineira é rica no que se refere às mitologias em torno de homens nobres, heróis libertários, escritores e artistas que são parte integrante da formação de toda uma ideologia chamada “Mineiridade”. Para Arruda, por exemplo, o autor de *Memórias do distrito diamantino*, Joaquim Fenício dos Santos é exemplo de historiador que não conseguiu se esquivar da glorificação do passado mineiro.

Marília é uma peça delicada no painel da Inconfidência Mineira. Uma peça de identificação do lado feminino, um brilho frágil e encantador, um sacrifício do amor, uma parte poética que insere o movimento e seus envolvidos em um contexto romântico peculiar e fundamental para a imagem que se fez e se faz imaculada de um povo. Um mito em torno do

⁸ ARRUDA, 1999, p. 29.

amor é capaz de integrar em torno de si, facções e partidários distintos, é capaz de reunir em vez de polarizar. Essa é a função do mito do amor da musa mineira pelo poeta inconfidente. Marília é parte integrante e fundamental de uma galeria de personagens míticos que compõem a Inconfidência Mineira e, portanto, a formação da identidade nacional brasileira.

O MITO DE MARÍLIA DE DIRCEU

Morte como gênese do mito Marília de Dirceu

Após inúmeras leituras das fontes utilizadas para o presente trabalho – bibliografia, viajantes, jornais e imagens – nos perguntávamos onde estaria a gênese do mito de Marília? Que documentos ou acontecimentos poderiam ter determinado o processo de formação ou de consolidação do mito que investigamos?

O livro de poemas *Marília de Dirceu* escrito por Tomás Antônio Gonzaga é, sem dúvida, a pedra fundamental da existência da imagem de Marília. Por narrar o amor de Dirceu por sua musa Marília, o livro é a ponta inicial desse processo que nos leva ao mito como conhecemos hoje. Mas trata-se de obra literária que, segundo pesquisadores, tanto da história quanto da literatura, mescla fatos reais e ficção. Quanto de cada parte e quais deles seriam fatos ou ficção é impossível determinar e não é esse o objetivo. Um mito é constituído de matéria volátil. Qualquer um, desde os mitos da antiguidade até os contemporâneos. Quanto menos se pode determinar sobre ele e quanto mais especulações sem possibilidade de comprovação existem em torno de um mito, mais sua chama parece crescer e se espalhar.

A imagem de Marília encontrada em livros, jornais e mesmo em ilustrações criadas para Marília e Dirceu é a do casal apaixonado e que depois de separado viveu de lembranças de um amor frustrado, uma perda ocorrida por circunstâncias maiores, a Inconfidência Mineira, inerente ao desejo cantado em versos de permanecerem juntos. Um desejo sinalizado pela tópica do amor impossível, trágico como em diversos outros casais da história e da literatura universal. Como Penélope e Ulisses durante a Guerra de Tróia narrada na Odisséia de Homero, os casais de histórias ou lendas medievais, como Tristão e Isolda e Abelardo e Heloísa ou ainda Pedro e Inês de Castro em Portugal no século XIV, aquela que depois de morta foi rainha, tão conhecida das histórias míticas portuguesas que fez parte de temas e versos inclusive de Camões e de Fernando Pessoa. Da mesma forma, inúmeros autores brasileiros já se detiveram ao tema e à memória do casal Marília e Dirceu como a versão brasileira para um modelo romântico universal, a tópica do amor que espera ou do amor impossível.

Mas, a morte parece reacender a notoriedade de um mito. É como o fechamento definitivo de uma trajetória pessoal a partir da qual se pode, enfim, recolher e juntar as pontas que estavam soltas e recontar a versão mítica ou popularizada de uma história. No caso, as circunstâncias da morte de Marília a elevam e a cristalizam como a musa que se preservou e

se dedicou ao seu amor até a morte em idade avançada na mesma cidade que foi palco da Inconfidência Mineira.

Marmota Fluminense

Em 10 de fevereiro de 1853, morreu na Imperial Cidade de Ouro Preto, Maria Dorotéia Joaquina de Seixas.⁹ De certo que a notícia da morte da musa do livro *Marília de Dirceu* se espalhou pelo Brasil. Tanto que em 22 de fevereiro do corrente ano saiu nota de seu falecimento no *Marmota Fluminense – Jornal de Modas e Variedades*¹⁰ do Rio de Janeiro:

Marília de Dirceu

Já não existe a desditosa amante do infeliz Gonzaga! O Mercantil de 19 do corrente dá a seguinte notícia, à qual cumpre acrescentar, que a constância de D. Maria Joaquina Dorotéia de Seixas, foi tal, que nunca quis tomar estado.¹¹

Verificamos uma confusão com relação à ordem do nome de Maria Dorotéia, talvez por erro ou mesmo desconhecimento de quem escreveu a matéria. Quanto à imagem existente de Marília, já no período de sua morte no século XIX, é semelhante à imagem que conhecemos atualmente, ou seja, já se acreditava naquela época que ela quisera permanecer solteira louvando a memória de Tomás. Como não foi localizado na Biblioteca Nacional o original de *O Mercantil*, continuamos a notícia do jornal *Marmota Fluminense* que reproduziu *O Mercantil*:

“Faleceu no dia 11 do corrente, na cidade do Ouro Preto, D. Maria Joaquina Dorotéia de Seixas, conhecida pelo nome de Marília de Dirceu, que imortalizou o gênio de Gonzaga. A musa inspiradora do grande poeta faleceu com 83 anos de idade segundo o seu próprio testemunho. O sentimento que lhe dominara e absorvera a vida inteira era tão forte e profundo, que apesar da idade e do lento trabalho do tempo, que fana as flores e derroca monumentos, 30 dias antes de morrer ainda falava com lágrimas do desterrado de ‘Angoche’! “Quando ELE foi preso, eu tinha 17 ou 18 anos, e tinha-me contratado com ELE para nos casarmos,” dizia ela ao Sr. Dr. Mello Franco, com quem conversava.”¹²

A nota de falecimento se alonga, para comunicar aos leitores do jornal que morrera em avançada velhice, a mulher que um dia havia sido a bela moça que fez aflorar toda a genialidade de Gonzaga. A matéria se estende num suposto depoimento de Maria Dorotéia, ainda em vida, contando reminiscências saudosas de seus planos de juventude com Tomás.

⁹ GOMES, 1966, p. 97. “Transcrição da Certidão de Óbito de Marília de Dirceu – Livro de Óbito n. 8 – 1836-1853 - Matriz de Nossa Senhora da Conceição - fl. 92”.

¹⁰ Ver ANEXO I.

¹¹ *Marmota Fluminense* - Jornal de Variedades n. 342 - Biblioteca Nacional - PRSOR 00284[2-4].

¹² *Marmota Fluminense* - Jornal de Variedades n. 342 - Biblioteca Nacional - PRSOR 00284[2-4].

Verificam-se aqui outros enganos da matéria, pois se Maria Dorotéia nasceu em 8 de novembro de 1767 quando Gonzaga foi preso em 23 de maio de 1789, ela estava para completar 22 anos no mês de novembro seguinte. Comparando a data de seu nascimento citada, podemos concluir também que quando morreu em 10 de fevereiro de 1853, Maria Dorotéia tinha 85 anos completos. E por fim, a matéria é concluída:

“O modesto féretro que encerra o corpo desse tipo de beleza, será doravante um constante motivo de saudoso pensamento para os corações sensíveis, e o dia de sua morte uma data histórica para o país.” [sic]¹³

Percebe-se que o jornal que relata a morte de Maria Dorotéia já mostra várias características da figura conhecida de Marília, enquanto mulher de inigualável beleza transformada em figura imortal pelas mãos do poeta Gonzaga. O final da matéria exalta romanticamente sua memória à posteridade de maneira semelhante a outros textos e autores do período. O jornal mostra também uma pretensão no sentido de sua transformação em mito e figura histórica para o país.

A imagem que os jornais da época revelam enquanto uma visão de domínio público, é apropriada posteriormente por diversos autores, como é o caso do livro *Brasileiras Célebres* de Joaquim Norberto de Souza e Silva, citado adiante, o primeiro autor que temos conhecimento de ter escrito após a sua morte.

Beatriz Brandão

Após a publicação daquela nota de falecimento, o mesmo jornal, *Marmota Fluminense* – Jornal de Modas e Variedades¹⁴ publica no dia 15 de março, uma nota extensa de autoria da prima em primeiro grau de Maria Dorotéia, a poetisa moradora do Rio de Janeiro, Beatriz Francisca de Assis Brandão¹⁵:

Marília de Dirceu

“D. Maria Dorothea de Seixas Mairink foi filha de Dona Maria Dorothea de Seixas Ferrão e do capitão de cavallaria Balthazar João Mayrink, e neta do tenente-geral Bernardo da Silva Ferrão e sua mulher, D. Francisca de Seixas da Fonseca Borges. Teve mais quatro irmãos, que a precederam na sepultura, ainda que mais moços. (1) José Carlos Mairink, senador do império, (2) Francisco de Paula Mairink, tenente-coronel de cavallaria, pai de José Carlos Mairink, negociante bem conhecido nesta Praça. (3) D. Anna Ricarda de Seixas Mairink, casada com o capitão de cavallaria Valeriano Manso da Costa Reis, de quem são parentes os Srs. Sayão Lobato, e (4)

¹³ *Marmota Fluminense* - Jornal de Variedades n. 342 - Biblioteca Nacional - PRSOR 00284[2-4].

¹⁴ Ver ANEXO II.

¹⁵ PEREIRA, 2005.

Emerenciana Evangelista de Seixas Mayrink, casada com o coronel de cavallaria Carlos José de Mello.”¹⁶

Percebemos que Beatriz começa citando a família, a mãe, o pai e os avós de Maria Dorotéia, irmãos dela e seus respectivos cargos ou patentes e depois duas irmãs e os respectivos maridos também com seus cargos ou patentes. Uma família de militares que casou também suas filhas com militares. Essa informação sobre as teias sociais, a descendência, o espaço conquistado na sociedade, ocupado ou mantido parece bastante importante para as famílias coloniais e como demonstrado, parecia importante também para a família de Maria Dorotéia. Parece-nos curioso que a prima, uma pessoa da família, se enganasse sobre o nome de Maria Dorotéia Joaquina de Seixas, versão que consta de seu próprio testamento, subtraindo o nome Joaquina e acrescentando o Mairink, e em seguida usasse o nome da mãe dela também de forma incorreta, mas no caso acrescentando agora o sobrenome Ferrão. Mas Beatriz não foi a primeira a cometer tal engano, isso será analisado posteriormente. O artigo continua:

“A que é objeto da presente memória, esteve sempre ao abrigo de nossas tias e tio, o marechal João Carlos Xavier da Silva Ferrão, que a deixou por sua herdeira.”¹⁷

Maria Dorotéia esteve sempre sob os cuidados das tias e tio, primeiro por ter ficado órfã e depois por ter permanecido solteira, vivendo com eles e terminando por ser responsável pelos bens que herdou de seu tio além dos bens que havia herdado do pai.¹⁸

“Prescindindo dos arroubos de um amante poeta Maria Dorothea gozava os foros de uma completa beleza. Era de estatura mais que mediana, esbelta e sem ser magra, alva de neve, faces de rosa, olhos negros e grandes, boca pequena e graciosa ornada de belos dentes; madeixas de ébano que se enrolavam naturalmente em lustrosos anéis sobre uma fonte de branco esmalte.”¹⁹

Tão bela quanto escreveu Gonzaga, a prima faz, narrativamente, o retrato dos traços físicos de Maria Dorotéia.

“Meus louvores devem ser suspeitos à vista dos laços de sangue que tão de perto nos prendiam, pois somos filhas de duas irmãs; mas, ainda que poetisa, sou verdadeira, e posso afirmar; por minha fé, que o retrato que dela fez *Gonzaga* é tão exato, que nada deixa a dizer; quanto ao físico.”²⁰

É interessante notar também que Beatriz, ao falar sobre sua prima Marília, diz que ainda que a poetisa é verdadeira, ressaltando a impressão corrente de que os escritores e

¹⁶ BRANDÃO, In: *Marmota Fluminense* - Jornal de Variedades n°348 - Biblioteca Nacional - PRSOR 00284[2-4].

Numeração e sublinhado nosso.

¹⁷ BRANDÃO, In: *Marmota Fluminense* - Jornal de Variedades n°348 - Biblioteca Nacional - PRSOR 00284[2-4].

¹⁸ GOMES,

¹⁹ BRANDÃO, In: *Marmota Fluminense* - Jornal de Variedades n°348 - Biblioteca Nacional - PRSOR 00284[2-4].

²⁰ BRANDÃO, In: *Marmota Fluminense* - Jornal de Variedades n°348 - Biblioteca Nacional - PRSOR 00284[2-4].

poetas seriam um pouco fantasiosos ou dados a matérias fictícias em tudo que escrevessem. Mas não nesse caso, afirma a autora, pois a poetisa diz relatar suas impressões sobre Maria Dorotéia, como pessoa da família, sua prima em primeiro grau, deixando claro, com o que para ela parece uma prova irrefutável, que eram filhas de duas irmãs.

“(…) só acrescentarei que Maria Dorothea era dotada de espírito vivo, e elegância natural; tinha bons ditos, respostas prontas e adequadas; lembranças felizes, que faziam apreciável sua conversação, sempre adubada desse sal ático, que também a fazia muitas vezes temível, quando propendia para o sarcasmo, que praticava com a maior graça e firmeza.”²¹

Se antes Beatriz havia feito o retrato físico de Marília como moça de beleza inigualável, igual àquela imagem descrita por Gonzaga em seus versos, agora a poetisa retrata o gênio e a personalidade de Maria Dorotéia. Ela nos revela que sua prima Marília era uma mulher que sabia se posicionar, de opinião e respostas próprias, uma mulher até mesmo sarcástica, ou seja, compondo uma idéia bem distinta da musa singela e apática transmitida pela história corrente. Mas a prima continua:

“Depois da morte de nosso tio, começou a viver isolada, e algumas pessoas, que desejavam conhecê-la, eram obrigadas a procurar pretextos, e mesmo estratagemas, e nem todos conseguiam o fim. Assim passou Maria Dorothea os últimos anos da sua longa vida em práticas de devoção e caridade, doce recurso de nosso sexo, quando fogem as ilusões da mocidade; contudo ela tinha sido sempre religiosa. É quanto posso dizer de minha falecida Prima; pois não fui ainda instruída das circunstâncias da sua morte, que devem ser as ordinárias em uma pessoa da sua idade.”²²

Segundo Beatriz relata, Maria Dorotéia se isolou do assédio das pessoas que a procuravam para conhecê-la. Não havia outro motivo para tal procura por ela, senão pelo desejo das pessoas por conhecer pessoalmente a musa que inspirou o amor e as poesias de Tomás Antônio Gonzaga. Procuravam conhecer Marília, enquanto estava viva, na então capital de Minas Gerais.

“Vós outros, apaixonados de *Gonzaga*, que tanto vos tendes interessado, e enternecido pela catástrofe de seus desafortunados amores, recebi esta notícia fiel da sua *Marília*, e dá-lhe essa lágrima de saudosa recordação, que tanto merecem os desgraçados amantes!” [sic]²³

Ouvir a fala de uma prima de Marília, mesmo contendo alguns enganos e sem sabermos ao certo se Beatriz conviveu com ela de maneira mais estreita, é ter contato com um relato que pode ser o mais próximo de Maria Dorotéia existente até hoje. Entendemos que se

²¹ BRANDÃO, In: *Marmota Fluminense* - Jornal de Variedades n°348 - Biblioteca Nacional - PRSOR 00284[2-4].

²² BRANDÃO, In: *Marmota Fluminense* - Jornal de Variedades n°348 - Biblioteca Nacional - PRSOR 00284[2-4].

²³ BRANDÃO, In: *Marmota Fluminense* - Jornal de Variedades n°348 - Biblioteca Nacional - PRSOR 00284[2-4].

Beatriz não teve uma relação de convivência com sua prima deve ter pelo menos ouvido estas impressões de pessoas íntimas ou de familiares. Além do mais, Beatriz era uma poetisa e escritora, uma mulher à frente dos padrões definidos para as mulheres do século XIX que percebeu nessa publicação uma boa oportunidade de falar ao público de um jornal carioca como teria sido a família, a aparência física e o gênio dessa Marília que morria em Vila Rica para entrar definitivamente na galeria de *Brasileiras Célebres*. A imagem mítica de musa encantada de Marília ainda hoje nos parece deslocada do real. Mesmo mantendo boa parte da idéia que se fazia de Marília naquele período, Beatriz mostra uma face até então desconhecida de sua prima, a de uma mulher de opiniões próprias e mordazes atualizando sua imagem pública com fragmentos bem diferentes daqueles criados a partir da poética de Tomás Antônio Gonzaga.

Joaquim Norberto de Souza e Silva

Continuando nos relatos que tratam da morte de Maria Dorotéia, agora nos confrontamos com uma referência bibliográfica importante na composição do mosaico da imagem de Marília, construída pelo imaginário nacional. Trata-se de Joaquim Norberto de Souza e Silva cuja relevância para nossa pesquisa foi o livro *Brasileiras Célebres*. O autor inclui Marília na galeria de mulheres que deveriam figurar para a posteridade dentro da história brasileira. *Brasileiras Célebres* foi publicado em 1862, nove anos após a morte de Maria Dorotéia, um tempo considerado relativamente curto para impressões históricas.

O volume que utilizamos é uma edição *fac-símile* do Senado Federal de 1997. Consideramos a publicação relevante por ser o primeiro livro conhecido publicado e destinado ao grande público com impressões sobre Maria Dorotéia, dentro de um volume emblemático que elegeu mulheres brasileiras consideradas célebres por diversas razões. Não se trata de um livro apenas sobre os poemas escritos por Gonzaga ou sobre os acontecimentos da Inconfidência, com Marília ou Maria Dorotéia em segundo plano, como sempre.

A inserção de Marília como personagem do livro de Joaquim Norberto dá à figura dela notoriedade dentro de uma publicação importante, notoriedade que antes era atribuída apenas a Tomás. O livro de Joaquim Norberto fala da pessoa de Maria Dorotéia como uma brasileira célebre e não apenas como a musa Marília, embora as duas permaneçam misturadas ainda: mito e mulher.

João Pinto Furtado, sobre as referências usadas para seu trabalho *O manto de Penélope*, considera que:

“Dentre os inúmeros trabalhos disponíveis sobre o tema da Inconfidência Mineira, procuramos cotejar especialmente, ao longo de toda a reflexão, os de Joaquim Norberto de Souza e Silva (1820-1891), Lúcio José dos Santos (1875-1944), Kenneth Maxwell (1941) e Márcio Jardim (1952), considerados fundamentais e de referência.”²⁴

Silva aparece como referência para os estudos da Inconfidência Mineira, tema sobre o qual publicou trabalho em 1872. Vinculado ao IHGB (Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro), Joaquim Norberto foi um pesquisador e autor levado a sério no Brasil do século XIX.

A valorização das personalidades femininas, e sua importância na sociedade, ainda eram recentes quando o volume *Brasileiras Célebres* foi publicado em 1862. É nesse tom que o editor da Garnier apresenta o livro:

“Nação de ontem, o Brasil já escreve sua história, já tem os seus heróis, que enumeram gloriosas batalhas, que apontam os lugares de suas vitórias; já possui sua literatura, ao princípio pálida cópia, depois elegante imitação, e por fim donosa originalidade; já conta seus artistas, de não pequena nomeada, já mostra seus homens científicos com reputação européia (...) pois não serão menos condignas de memória as Brasileiras que se tem distinguido ou se tem tornado célebres.”²⁵

O Brasil do século XIX carecia da construção de uma identidade nacional e encontrou suas referências na personalidade e nos feitos de heróis, escritores, artistas e cientistas. Havia chegado o momento de selecionar e revelar também as suas heroínas: as *Brasileiras Célebres*.

O período a que nos referimos, da publicação do livro de Joaquim Norberto, é o de um país monárquico, escravista e governado por D. Pedro II, o país de “uma elite que estava dividida sobre como o Brasil devia ser governado e, de fato, sobre que tipo de nação (ou nações) ele deveria ser”²⁶. Era fundamental para a unificação do país um projeto de identificação do povo com a nação brasileira. Para tal, era preciso que vários modelos pudessem coexistir e conviver integrando em torno de si homens, mulheres, economia, política, sociedade e valores morais e religiosos diversos.

José Murilo de Carvalho realiza um trabalho importante para o entendimento da história e dos modelos historiográficos brasileiros. O IHGB era a semente para estudos e pretensões em que a institucionalização do regime republicano no Brasil, buscou na Inconfidência Mineira o personagem do herói nacional, Tiradentes. O autor explica o processo de formação desse mito tão caro à historiografia brasileira:

²⁴ FURTADO, 2002, p. 48-9.

²⁵ SILVA, 1977, p. 1-2.

²⁶ SKIDMORE, 1998, p. 68.

“É por meio do imaginário que se podem atingir não só a cabeça mas, de modo especial, o coração, isto é, as aspirações, os medos e as esperanças de um povo. É nele que as sociedades definem suas identidades e objetivos, definem seus inimigos, organizam seu passado, presente e futuro. O imaginário social é constituído e se expressa por ideologias e utopias, sem dúvida, mas também por símbolos, alegorias, rituais, mitos. Símbolos e mitos podem, por seu caráter difuso, por sua leitura menos codificada, tornar-se elementos poderosos de projeção de interesses, aspirações e medos coletivos. Na medida em que tenham êxito em atingir o imaginário, podem também plasmar visões de mundo e modelar condutas.”²⁷

O volume de Silva dedicado às mulheres brasileiras dignas de celebridade é para a historiografia atual “obra típica de seu tempo e não esconde seus propósitos, digamos, pedagógicos”²⁸ além disso, “as biografias (...) destinavam-se à leitura do grande público”²⁹. Segundo o comentário de Antônio José Barbosa na introdução crítica que fez para a edição *fac-símile* do Senado Federal de 1997, o livro de Joaquim Norberto tratava de vários tipos de brasileiras:

“Da indígena (...) à pensadora, da religiosa à guerreira, da poetisa à patriota, modelos perfeitos e ideais a serem cultuados e seguidos. São exemplos de vida em que virtude, fé, destemor, pureza, fidelidade e caráter se misturam na idealização da esposa casta, da mãe amantíssima e da filha recatada.”³⁰

Para figurarem no livro *Brasileiras Célebres*, foram escolhidas modelos exemplares de mulheres, ressaltando nelas valores necessários para se forjar a nova nação brasileira.

Maria Dorotéia e Bárbara Eliodora dividem um capítulo da obra, como ilustres mulheres de inconfidentes:

“Tomás Antônio, que eternizou a história dos seus amores em suas liras, primando na suavidade das suas rimas, que depois foram publicadas com o título de Marília de Dirceu, a delinear a em seus versos, como a arcádia dessas cenas campestres, de que se fez pastor, para poder falar uma linguagem menos ostensiva e mais própria da sua modéstia, tomando para si o nome pastoril de Dirceu, e dando à sua amante, a mulher que devia ser sua esposa, o de Marília, com que a imortalizou.”³¹

Como vimos, Silva introduziu o assunto com a história já conhecida de Marília e Dirceu, o poeta e sua musa, a delicadeza dos versos e a necessidade que Tomás teria tido em usar a poesia para expor de forma mais amena sua própria vida e o destino que teve a história de seu amor de Vila Rica. Joaquim Norberto insinua que as poesias tratam da realidade.

O autor volta a narrar sua história:

“Na manhã do dia 10 de fevereiro de 1853 a velha porta da rústica choupana rangeu sobre seus enferrujados gonzo, para deixar passar o féretro, que foi levado por

²⁷ CARVALHO, 1990, p. 10.

²⁸ BARBOSA in SILVA, 1997, p. IV.

²⁹ BARBOSA in SILVA, 1997, p. IV.

³⁰ BARBOSA in SILVA, 1997, p. IV.

³¹ SILVA, 1977, p. 177.

poucas pessoas, todas oficiosas ou domesticas, à antiga capela de um dos fundadores de Vila Rica, o famigerado taubateano Antonio Dias.”³²

Para a época em que o livro foi publicado o fato mais recente da história de Marília era sua morte. O último acontecimento de sua história e talvez por isso o mais marcante, o fato que fechava uma história iniciada há muito tempo, no fim do século XVIII. Talvez sua morte fosse a grande novidade e o que mais atraía a curiosidade dos leitores e leitoras para quem o livro se destinava. Embora todos sabiam que aquele capítulo do livro era destinado à história de Marília de Dirceu, a narrativa do autor não revelou até ali de quem seria o féretro, nos contou apenas da simplicidade e solidão em que tudo se deu.

“A campa dos mortos levava os seus lúgubres e compassados sons aos extremos da cidade, e o modesto cortejo se aproxima; os sacerdotes se adiantam, tomam o féretro, e o colocam sobre a eça; abrem-no, e dentro estava o cadáver de uma mulher, trajando vestes nupciais, e coroada com as flores da virgindade.” [sic]³³

Percebemos que o autor continuou numa narrativa poética, teatralizada e repleta de imagens e sons que pudessem encher de emoção a imaginação dos leitores. Agora sabemos que o féretro é de uma mulher que faleceu ainda virgem, pelo ritual descrito por meio de suas vestes. Foi enterrada de roupas brancas como deveriam proceder à época com as mulheres que morressem puras.

“Era dona Maria Joaquina Dorotéia de Seixas, conhecida por Marília de Dirceu, ou a noiva do poeta.”³⁴

Por fim o suspense feito por Joaquim Norberto dá lugar à comovente revelação de que aquela mulher era Marília de Dirceu. A musa inspiradora de tais demonstrações de amor em forma de poesia havia falecido na solidão da velhice. Para completar o quadro, havia sido enterrada modestamente, segundo o autor, por pessoas quase estranhas à sua existência. Lembremos que seus, tios, tias, irmãos e irmãs faleceram antes dela. Observamos que curiosamente Joaquim Norberto comete erro idêntico ao do jornal *Marmota Fluminense* de 10 de fevereiro de 1853, com relação ao nome de Maria Dorotéia Joaquina de Seixas, invertendo a ordem dos nomes Joaquina e Dorotéia. Teria o autor feito uma possível cópia do nome de Marília como constava do jornal? Como já dissemos falaremos do nome dela logo adiante.

Continuamos com o texto de Joaquim Norberto:

“A deidade mortal, que inspirara ao desditoso Gonzaga tantas lirias imortais, a formosura peregrina, que lhe despertara o gênio pelos estímulos do amor, vinha

³² SILVA, 1977, p. 178.

³³ SILVA, 1977, p. 178.

³⁴ SILVA, 1977, p. 178.

agora povoar a morada dos mortos, habitar no asilo das lágrimas, cair na mudez do sepulcro, sumir-se enfim para sempre, no seio da eternidade.”³⁵

Como narrar o fim de um destino tão peculiar? Aquele era o desfecho de uma história acontecida sob os olhares públicos e observadores que acompanharam de longa data a fábula do casal de infelizes amantes.

“A mão da morte precipitou-se nesse abismo infinito, indefinido, e toda a ilusão deste mundo se dissipou ao aspecto da realidade do outro mundo; e em quanto seu corpo era tão singelamente conduzido ao jazigo dos mortos, seu espírito angélico voava ligeiro a unir-se, nas regiões celestes, à alma generosa de seu cantor e amante.”³⁶

É clara a necessidade de fechamento da história com a união do casal, mesmo que isso só ocorra em espírito e após a morte de ambos. Os autores, o público, os leitores, todos parecem ter a necessidade de unir finalmente o casal Marília e Dirceu. A literatura e as construções míticas preenchem as lacunas da imaginação popular. Preenchem o que a história não pôde dar conta. A história se fecha, se conclui. Se não for pelos fatos, poderá ser pela imaginação das pessoas.

Mesmo com tamanha distância física e temporal imposta a Maria Dorotéia e a Tomás, ela vivendo em Vila Rica e ele, preso e depois de exilado vivendo em Moçambique, mesmo que Tomás tenha se casado com outra mulher com quem teve filhos reconstruindo e redirecionando sua vida sem nunca mais voltar ao Brasil ou voltar a ver Maria Dorotéia.

“Em qualquer outro país, que não o nosso, já os restos mortais de Gonzaga estariam cuidadosamente recolhidos; seriam depositados em um túmulo e descansariam junto das cinzas da sua noiva. Então a mão do escultor gravaria sobre o mármore não aqueles tão conhecidos versos, que ele compôs para seu epitáfio: Quem quiser ser feliz em seus amores/ Siga os exemplos, que nos deram estes.”³⁷

Essa idéia de reunir os restos mortais de Marília e Dirceu, atravessando o oceano numa jornada épica, teria depois o engajamento de Augusto de Lima Jr. A missão patriótica ocorrida durante o governo de Getúlio Vargas, levou à criação do Museu da Inconfidência inaugurado em 1942. Voltaremos ao assunto mais adiante.

Por fim, Joaquim Norberto nos revela, em uma nota de referência, quem teria sido seu correspondente para a composição do texto sobre Marília.

³⁵ SILVA, 1977, p. 178.

³⁶ SILVA, 1977, p. 178.

³⁷ SILVA, 1977, p. 182.

“Devo estas importantes notícias às pesquisas do Ilmo. Sr. Rodrigo José Ferreira de Bretas, digno sócio correspondente do Instituto Histórico na província de Minas Gerais.”³⁸

Rodrigo José Ferreira Bretas é autor de *Antônio Francisco Lisboa - O Aleijadinho*³⁹, conhecida biografia do século XIX feita para o artista barroco mineiro. O texto de Bretas é fonte e lastro do trabalho que Guiomar de Grammont escreveu sobre a figura mítica que o Aleijadinho se tornou para a história do Brasil. Trabalho cuja impressão e paralelismo pode ilustrar a metodologia da nossa análise histórica sobre Marília. Na apresentação do livro de Grammont, segundo Chartier:

“Com minúcia e sutileza, Guiomar de Grammont identifica as ilusões, os anacronismos e as intenções que transformaram em um ícone da brasilidade uma vida sobre a qual se sabe tão pouco e uma obra de atribuições duvidosas. As ilusões são aquelas sobre as quais Pierre Bourdieu nos preveniu. Toda vida narrada, biográfica ou autobiográfica, é sempre habitada por uma dupla tentação: transformar os acasos e imprevistos de uma existência numa implacável necessidade; sustentar, com irredutível singularidade, o que foi um destino fragmentário.”⁴⁰

O tipo de trabalho da qual Chartier fala, parece-nos, em grande medida, paralelo e semelhante ao tipo de história que tangencia a formação do mito de Marília de Dirceu.

³⁸ SILVA, 1977, p. 195.

³⁹ BRETAS, 1858.

⁴⁰ CHARTIER, in GRAMMONT, 2008, p. 13.

A obra *Marília de Dirceu*

*Marília, teus olhos
São réus e culpados
Que sofra, e que beije
Os ferros pesados
De injusto senhor.
Marília, escuta
Um triste Pastor.
LIRA IV – Primeira Parte*

Compreender a real existência e a força de um mito sem olhá-lo de frente ao menos uma vez, seria difícil. Também não é possível, nem necessário, para o presente trabalho aprofundar o estudo sobre a obra poética de Gonzaga, existem inúmeros trabalhos literários nesse sentido. Foram selecionados aqui, alguns recortes e poemas de *Marília de Dirceu*, sob o olhar de pesquisadores que se debruçaram sobre as liras que Tomás Antônio Gonzaga dedicou a Maria Dorotéia Joaquina de Seixas: obra que representa a pedra fundamental do mito Marília.

No presente recorte, foram utilizados com maior abrangência, três livros. O primeiro é *Obras completas de Tomás Antônio Gonzaga*, publicado em 1942 pela Companhia Editora Nacional, com notas e organização de Manuel Rodrigues Lapa. O segundo foi publicado em 1992 pela Livraria Garnier, Edição do Bicentenário (1792-1992), com notas de Melânia Aguiar. O bicentenário em questão é o de publicação em Lisboa da primeira edição do próprio livro *Marília de Dirceu*. O terceiro livro utilizado foi *Um coração maior que o Mundo*, de Ronald Polito, publicado em 2004.

Todas as poesias do livro *Marília de Dirceu*, transcritas abaixo, foram retiradas da Edição do Bicentenário (1792-1992), com notas de Melânia Aguiar, que incorpora e analisa o trabalho de Lapa.

A escola literária denominada Arcadismo surgiu na Europa no século XVIII. Os poetas árcades utilizavam pseudônimos, escreviam sob métrica perfeita para os versos que compunham e exaltavam a natureza, suas musas inspiradoras e os inúmeros deuses e figuras gregas e latinas da literatura clássica.

O grande sucesso da obra de Gonzaga se dá pelo talento de seu trabalho poético. Mas também se dá pela curiosidade de milhares de leitores em acompanhar os versos que o poeta escreveu, enquanto vivia fatos importantes de sua vida, fatos inseridos e entrelaçados à história do Brasil.

Segundo Melânia Aguiar:

“Talvez em nenhum outro poeta da literatura brasileira se dê de forma tão transparente o estreitamento vida/obra, o que, possivelmente, ajude a explicar o enorme interesse despertado pelo poeta de Marília, desde o seu aparecimento em livro, em 1792. *Marília de Dirceu*, sendo uma obra que se viu reeditada numerosas vezes, sempre com sucesso, foi até mesmo ampliada por editores que, não se conformando em limitar sua publicação às duas partes das primeiras edições, sem maiores preocupações com a autenticidade das fontes, publicaram uma terceira, apócrifa e fraquíssima.”⁴¹

Inserir a obra *Marília de Dirceu* na Vila Rica do final do século XVIII, talvez ajude a compreender a importância do livro que foi composto tendo aparentemente o amor romântico como única inspiração. Porém, a obra perpassa um dos mais importantes períodos da história brasileira e por isso, deve possuir também, em vários aspectos, imagens da vida cotidiana do país.

A fala que temos no livro *Marília de Dirceu* é apenas a de Tomás Antônio Gonzaga, mas através de uma leitura mais apurada tentou-se resgatar ali, um diálogo que os pesquisadores da obra do poeta puderam perceber, ao investigarem a fala do interlocutor oculto (Marília) através do que diz o interlocutor explícito (Dirceu).

Com relação ao papel da mulher para Tomás Antônio Gonzaga em sua obra ou mesmo na sociedade mineira do século XVIII, segundo Ronald Polito:

“Não há quem duvide da importância da mulher na obra de Tomás Antônio Gonzaga (...) Esse tema remete necessariamente ao lugar ocupado pela mulher na sociedade e na literatura, sendo índice significativo para avaliação de mudanças coletivas ou grupais de comportamento.”⁴²

Ronald analisa a figura feminina na obra de Gonzaga pelas inúmeras decepções amorosas que o poeta deixa transparecer antes da aparição de Marília em suas líras “na maior parte dos poetas da época, a mulher e o amor são ‘tirânicos’, ‘inimigos’ inelimináveis.”⁴³ Ao mesmo tempo em que: “Em todos os poemas, a inconstância da mulher vem ressaltada em contraste com a firmeza do amante.”⁴⁴ Num panorama mais extenso, podemos perceber que:

“Esta primeira concepção da mulher enquanto perigosa porque essencialmente má é tributária do pensamento moralista cristão herdeiro do pensamento clássico e judaico, em que Pandora e Eva são um mesmo mito, o da mulher como sede do mal. No discurso normativo acerca da mulher em Portugal e no Brasil da época, a mulher possui as qualidades de ser tagarela, maldizente, lasciva, interesseira,

⁴¹ AGUIAR, 1992, p. 17.

⁴² POLITO, 2004, p. 187.

⁴³ POLITO, 2004, p. 188.

⁴⁴ POLITO, 2004, p. 188.

caprichosa, preguiçosa, gulosa, andeja, vaidosa, desmazelada, ignorante, gastadora, ambiciosa e inconstante, entre outras.”⁴⁵

Num próximo capítulo, será analisado o papel da mulher na sociedade brasileira e mineira do século XVIII. Foi feito aqui, apenas um breve parêntese para demonstrar a aproximação da obra *Marília de Dirceu* com a história da mulher no período em que ela está inserida.

Com relação às mudanças que Tomás Antônio Gonzaga parece insinuar através de sua poesia no livro *Marília de Dirceu*, para Polito:

“Se nos sonetos e em outras peças de “juventude” sobressai o desencantamento do poeta ante a inconstância feminina, além do contraste entre a beleza e atitudes, nos poemas para Marília o tema da inconstância feminina quase não se repete, e a imagem bela da mulher ganha novos significados.”⁴⁶

Tomás realça os traços da imagem ideal da mulher de perfeição imaculada, em uma mulher de “carne e osso”: Marília. Como só é possível compreender o todo pela amostra, vejamos a fala do próprio Tomás a Maria Dorotéia:

LIRA VII – Primeira parte – 3ª estrofe

*Só no céu achar-se podem
Tais belezas como aquelas,
Que Marília tem nos olhos,
E que tem nas faces belas;
Mas às faces graciosas,
Aos negros olhos, que matam,
Não imitam, não retratam
Nem auroras nem Estrelas.
Ah! Socorre, Amor, socorre
Ao mais grato empenho meu!
Voa sobre os Astros, voa,
Traz-me as tintas do Céu.*

Observamos na poesia árcade de Gonzaga o apontar de uma natureza pré-romântica.⁴⁷

Segundo a visão de Polito, para Tomás Antônio Gonzaga “a mulher é o ser mais próximo à perfeição constituído pela natureza e Marília, a mulher mais perfeita”.⁴⁸

Mas a Marília que Dirceu descreve não possui somente atributos de beleza, ela também “surpreende com seus atos de sensualidade os códigos da época”.⁴⁹

⁴⁵ POLITO, 2004, p. 189.

⁴⁶ POLITO, 2004, p. 193.

⁴⁷ MEIRELES, 2008, p. 17.

⁴⁸ POLITO, 2004, p. 195.

⁴⁹ POLITO, 2004, p. 200.

LIRA XVII – Primeira parte

*Quando apareces
 Na madrugada,
 Mal embrulhada
 Na larga roupa,
 E desgrenhada,
 Sem fita ou flor;
 Ah! que então brilha
 A natureza!
 Então se mostra
 Tua beleza
 Inda maior.*

Essa imagem oposta atribuída a Marília, diferente da primeira imagem de beleza imaculada, permite insinuar certa sensualidade à musa inspiradora e desloca Marília para outro lugar. Tudo que foi escrito por Gonzaga está lá em *Marília de Dirceu* acessível ao olhar dos leitores, circulando, gerando questões livremente interpretativas. Essa imagem diversa e difusa de Marília a coloca no lugar de modelo feminino, mas também de mulher desejável. Como é possível ver, o próprio Tomás criou várias imagens para sua Marília. Tomás cria em sua poesia: uma Marília bela e pura, uma Marília sensual, uma Marília esposa de um Ouvidor, uma mulher de cultura capaz de conhecer e acompanhar o homem político e, uma Marília ciumenta. Mas, apenas a primeira delas vingou junto ao imaginário popular. Deixando lacunas onde atua a força dos mitos e do espaço para opiniões diferentes de Marília ou Maria Dorotéia, como será visto em capítulos posteriores.

A beleza dos versos e o imenso amor que assola Gonzaga levam os leitores ao campo do romantismo sedutor, da fantasia literária, entrelaçada à vida pessoal do autor.

LIRA XXI – Primeira parte

*Não sei, Marília, que tenho,
 Depois que vi o teu rosto,
 Pois quanto não é Marília
 Já não posso ver com gosto.
 Noutra idade me alegrava
 Até quando conversava
 Com o mais rude vaqueiro:
 Hoje, ó bela, me aborrece
 Inda o trato lisonjeiro
 Do mais discreto pastor.
 Que efeitos de são os que sinto?
 Serão efeitos de Amor?*

*Saio da minha cabana
 Sem reparar no que faço;
 Busco o sítio aonde moras,
 Suspendo defronte o passo.
 Fito os olhos na janela
 Aonde, Marília bela,
 Tu chegas ao fim do dia;*

*Se alguém passa e te saúda,
Bem que seja cortesia,
Se acende na face a cor.
Que efeitos são os que sinto?
Serão efeitos de Amor?*

*Se estou, Marília, contigo,
Não tenho um leve cuidado;
Nem me lembra se são horas
De levar à fonte o gado.
Se vivo de ti distante,
Ao minuto, ao breve instante
Finge um dia o meu desgosto;
Jamais, Pastora, te vejo
Que em teu semblante composto
Não veja graça maior.
Que efeitos são os que sinto?
Serão efeitos de Amor?*

*Ando já com o juízo,
Marília, tão perturbado,
Que no mesmo aberto sulco
Meto de novo o arado.
Aqui no centeio pego,
Noutra parte em vão o sego; [sic]
Se alguém comigo conversa,
Ou não respondo, ou respondo
Noutra coisa tão diversa,
Que nexo não tem menor.
Que efeitos são os que sinto?
Serão efeitos de Amor?*

*Se geme o bufo agoureiro,
Só Marília me desvela,
Enche-se o peito de mágoa,
E não sei a causa dela.
Mal durmo, Marília, sonho
Que fero leão medonho
Te devora nos meus braços:
Gela-se o sangue nas veias,
E solto do sono os laços.
À força da imensa dor.
Ah! Que os efeitos que sinto
Só são efeitos de Amor!*

Para Melânia Aguiar:

“Tomás Antônio Gonzaga transmite em toda sua obra uma tal sinceridade de sentimentos e um tão forte sentido de realidade, que fica difícil ao leitor não se deixar envolver pela onda de lirismo e de musicalidade postos a serviço do artefato chamado poema.”⁵⁰

⁵⁰ AGUIAR, 1992, p. 18.

Não é somente a amada que o poeta mostra em suas liras, Gonzaga mostra também a si mesmo. Mostra-se vaidoso, suas virtudes parecem em alguns momentos querendo convencer Marília do seu valor:

LIRA XXXI – Primeira parte

*Minha Marília,
Se tens beleza,
Da natureza
É um favor.
Mas se aos vindouros
Teu nome passa,
É só por graça
Do Deus do amor,
Que, terno, inflama
A mente, o peito
Do teu pastor.*

*Em vão se viram
Perlas mimosas,
Jasmins e rosas
No rosto teu.
Em vão terias
Essas estrelas
E as tranças belas,
Que o Céu te deu,
Se em doce verso
Não as cantasse
O bom Dirceu.*

*O voraz tempo
Ligeiro corre;
Com ele morre
A perfeição.
Essa que o Egito,
Sábida, modera,
De Marco impera
No coração:
Mas já Otávio
Não sente a força
Do teu grilhão.⁵¹*

*Ah! Vem, ó bela,
E o teu querido,
Ao Deus Cupido
Louvores dar!
Pois faz que todos
Com igual sorte
Do tempo e morte
Possam zombar:
Tu por formosa,
E ele, Marília,
Por te cantar.*

⁵¹ Citado por AGUIAR, 1992, p. 99. Entenda-se: Cleópatra, atingida pela idade, já não tinha no tempo de Otávio, o mesmo poder de sedução que tivera sobre César e Marco Antônio.

*Mas ai! Marília,
Que de um amante,
Por mais que cante,
Glória não vem!
Amor se pinta
Menino, e cego:
No doce emprego
Do caro bem
Não vê defeitos,
E aumenta quantas
Belezas tem. [sic]*

*Nenhum dos Vates,
Em teu conceito,
Nutriu no peito
Néscia paixão?
Todas aquelas,
Que vês cantadas,
Foram dotadas
De perfeição?
Foram queridas;
Porém formosas
Talvez que não.*

*Porém que importa
Não valha nada
Seres cantada
Do teu Dirceu?
Tu tens, Marília,
Cantor celeste;
O meu Glauceste
A voz ergueu:
Irá teu nome
Aos fins da Terra,
E ao mesmo Céu.*

*Quando nas asas
Do leve vento
Ao firmamento
Teu nome for,
Mostrando Jove
Graça extremosa,
Mudando a Esposa
De invejo a cor;
De todos há-de,
Voltando o rosto,
Sorrir-se Amor.*

*Ah! Não se manche
Teu brando peito
Do vil defeito
Da ingratidão!
Os versos beija,
Gentil Pastora,
A pena adora,
Respeita a mão,
A mão discreta,
Que te segura
A duração.*

Sobre a lira anterior, Lapa diz que “Gonzaga insiste nesta idéia: a beleza de Marília de nada valeria, se a não celebrasse a alta poesia do namorado”.⁵²

Passemos à análise de nova lira:

LIRA XXXII – Primeira parte

*Numa noite, sossegado,
Velhos papéis revolvía,
E, por ver de que tratavam,
Um por um a todos lia.*

*Eram cópias emendadas,
De quantos versos melhores
Eu compus na tenra idade
A meus diversos amores.*

*Aqui leio justas queixas
Contra a ventura formadas,
Leio excessos mal aceitos,
Doces promessas quebradas.*

*Vendo sem-razões tamanhas,
Eu exclamo, transportado:
Que finezas tão mal-feitas,
Que tempo tão mal passado!*

*Junto pois num grande monte
Os soltos papéis, e logo,
Por que relíquias não fiquem,
Os intento pôr no fogo.*

*Então vejo que o deus cego,
Com semblante carregado,
Assim me fala e crimina
O meu intento acertado:*

Queres queimar esses versos?
Dize, pastor atrevido,
Essas liras não te foram
Inspiradas por Cupido?

Achas que de tais amores
Não deve existir memória?
Sepultando esses triunfos,
Não roubas a minha glória?

Disse Amor; e mal se cala,
Nos seus ombros a mão pondo,
Com um semblante sereno
Assim à queixa respondo:

Depois, Amor, de me dares
A minha Marília bela,
Devo guardar umas liras
Que não são em honra dela?

⁵² LAPA, 1942, p. 66.

E que importa, Amor, que importa
Que a estes papéis destrua?
Se é tua esta mão que os rasga,
Se a chama, que os queima é tua?"

*Apenas Amor me escuta,
Manda que os lance nas brasas;
E ergue a chama c'o vento
Que formou, batendo as asas.*

Sobre a lira anterior, Lapa diz que:

“É importante o testemunho desta poesia. Antes de Marília, Gonzaga amara outras mulheres, em Portugal e no Brasil. Dessa experiência de mocidade restavam documentos poéticos. Esse espólio, constituído sobretudo por sonetos, foi publicado como Parte III das suas liras em 1812. Não devemos tomar à letra o que diz Gonzaga: que queimou todos os seus versos anteriores ao amor de Marília. Um escritor dificilmente renega os primeiros amores. E mesmo que o fizesse – existiriam outras cópias em mãos de amigos seus.”⁵³

Passamos agora à segunda fase da escrita de Marília de Dirceu por Tomás Antônio Gonzaga. O tema agora não é mais a vila onde a beleza de Marília desfila e faz do poeta um pastor feliz ao lado de sua pastora. O tom, agora, é o de um homem preso numa masmorra, de onde se defende e se diz caluniado, longe da mulher que ama, sobrevivendo e escrevendo sob condições difíceis para um antigo magistrado da Coroa Portuguesa.

LIRA XXXII – Segunda parte

*Já não cinjo de loiro a minha testa,⁵⁴
Nem sonoras canções o Deus me inspira:
Ah! que nem me resta
Uma já quebrada,
Mal sonora lira!*

*Mas neste mesmo estado em que me vejo,
Pede, Marília, Amor que vá cantar-te:
Cumpro o seu desejo;
E ao que resta supra
A paixão e a arte.*

*A fumaça, Marília, da candeia,
Que a molhada parede ou suja ou pinta,
Bem que tosca e feia,
Agora me pode
Ministrar a tinta.*

*Aos mais preparos o discurso apronta:
Ele me diz que faça no pé de uma
Má laranja ponta,
E dele me sirva
Em lugar de pluma.⁵⁵*

⁵³ LAPA, 1942, p. 70.

⁵⁴ Citado por AGUIAR, p. 109. Esta lira, que tudo indica ser a primeira escrita por Gonzaga na prisão da Ilha das Cobras, no Rio de Janeiro, denuncia a mudança de tom que caracterizará esta segunda parte. Aqui o tema da esperança ganha novos matizes e ajuda o poeta a suportar o desconforto, a humilhação e as saudades de Marília.

*Perder as úteis horas não, não devo;
Verás, Marília, uma idéia nova:
Sim, eu já te escrevo
Do que esta alma dita,
Quanto amor aprova.*

*Quem vive no regaço da ventura
Nada obra em te adorar, que assombro faça;
Mostra mais ternura
Quem te estima e morre
Nas mãos da desgraça.*

*Nesta cruel masmorra tenebrosa
Ainda vendo estou teus olhos belos,
A testa formosa,
Os dentes nevados,
Os negros cabelos.*

*Vejo, Marília, sim, e vejo ainda
A chusma dos Cupidos, que pendentos,
Dessa boca linda,
Nos ares espalham
Suspiros ardentes.*

*Se alguém me perguntar onde eu te vejo,
Responderei - no peito - que uns Amores
De casto desejo
Aqui te pintaram,
E são bons Pintores.*

*Mal meus olhos te viram, ah! nessa hora
Teu retrato fizeram, e tão forte,
Que entendo que agora
Só pode apagá-lo
O pulso da morte.*

*Isto escrevia, quando, oh! céus, que pejo!
Descubro a ler-me os versos o Deus louro:
Ah! dá-lhes um beijo,
E diz-me que valem
Mais que letras de oiro. [sic]*

A composição melancólica de Gonzaga prossegue da prisão da Ilha das Cobras, no Rio de Janeiro, onde aguarda julgamento desde 1789, até finalmente sair a sentença em 20 de abril de 1792.

LIRA III – Segunda Parte – 1ª estrofe

*Sucede, Marília bela,
À medonha noite o dia;
A estação chuvosa e fria
À quente, seca estação.*

⁵⁵ Citado por AGUIAR, p. 109: esta estrofe e a anterior, somadas às passagens de poemas seguintes, são principalmente as responsáveis pela imagem, que o Romantismo se incumbiu de concretizar, repassando-a às gerações futuras, de um homem abatido, mas obcecado pelo ato criador da escrita, mesmo nas circunstâncias psicológicas mais adversas.

*Muda-se a sorte dos tempos;
Só a minha sorte não?*

Na próxima lira, segundo Aguiar, “A incomunicabilidade não era tanta, a esta altura pelo menos, que impedisse ao poeta receber carta de Marília”. Mas, para Adeldo Gonçalves, autor da tese de doutorado *Gonzaga: um poeta do Iluminismo*, o sentido da poesia é outro, para ele a lira significa que “Gonzaga recebeu a carta em que Maria Dorotéia lhe anunciaria a drástica decisão de romper o relacionamento”.⁵⁶

LIRA XXXI – Segunda Parte – 10ª A 12ª estrofes

*Mas vejo, ó cara, as tuas letras belas;
Uma por uma beijo,
E choro então sobre elas.*

*Tu me dizes que siga o meu destino;
Que teu amor, na ausência,
Será leal e fino.*

*De novo a carta ao coração aperto,
De novo a molha o pranto,
Que de ternura verto.*

Na lira a seguir, o poeta busca uma forma poética de levar uma mensagem à Marília pelos caminhos de Minas.

LIRA XXXVII – Segunda Parte

*Meu sonoro Passarinho,
Se sabes do meu tormento,
E buscas dar-me, cantando,
Um doce contentamento,*

*Ah! não cantes mais, não cantes,
Se me queres ser propício;
Eu te dou em que me faças
Muito maior benefício.*

*Ergue o corpo, os ares rompe,
Procura o Porto da Estrela,
Sobe à serra e, se cansares,
Descansa num tronco dela.*

*Toma de Minas a estrada,
Na Igreja Nova, a que fica
Ao direito lado, e segue
Sempre firme a Vila-Rica.*

*Entra nesta grande terra,
Passa uma formosa ponte,
Passa a segunda, a terceira
Tem um palácio defronte.*

⁵⁶ GONÇALVES, 1999, p. 270.

*Ele tem ao pé da porta
Uma rasgada janela,
É da sala, aonde assiste
A minha Marília bela.*

*Para bem a conheceres,
Eu te dou os sinais todos
Do seu gesto, do seu talhe,
Das suas feições e modos.*

*O seu semblante é redondo,
Sobrancelhas arquejadas,
Negros e finos cabelos
Carnes de neve formadas.*

*A boca risonha e breve,
Suas faces cor-de-rosa,
Numa palavra, a que vires
Entre todas mais formosa.*

*Chega então ao seu ouvido,
Dize que sou quem te mando,
Que vivo nesta masmorra,
Mas sem alívio penando.*

No próximo poema, último do breve recorte das quase 100 composições poéticas entre líras, sonetos e odes, Gonzaga cria um poema de despedida:

A uma despedida – Terceira Parte

*Chegou-se o dia mais triste
Que o dia da morte feia:
Caí do trono, Dircéia,
Do trono dos braços teus.
Ah! não posso, não, não posso
Dizer-te, meu bem, adeus!*

*Ímpio Fado, que não pôde
Os doces laços quebrar-me,
Por vingança quer levar-me
Distante dos olhos teus.
Ah! não posso, não, não posso
Dizer-te, meu bem, adeus!*

*Parto, enfim, e vou sem ver-te,
Que neste fatal instante
Há de ser o teu semblante
Mui funesto aos olhos meus.
Ah! não posso, não, não posso
Dizer-te, meu bem, adeus!*

*E crês, Dircéia, que devem
Ver meus olhos penduradas
Tristes lágrimas salgadas
Correrem dos olhos teus?
Ah! não posso, não, não posso
Dizer-te, meu bem, adeus!*

*De teus olhos engraçados,
Que puderam, piedosos,
De tristes em venturosos
Converter os dias meus?
Ah! não posso, não, não posso
Dizer-te, meu bem, adeus!*

*Desses teus olhos divinos,
Que, ternos e sossegados,
Enchem de flores os prados,
Enchem de luzes os céus?
Ah! não posso, não, não posso
Dizer-te, meu bem, adeus!*

*Destes teus olhos, enfim,
Que domam tigres valentes,
Que nem rígidas serpentes
Resistem aos tiros seus?
Ah! não posso, não, não posso
Dizer-te, meu bem, adeus!*

*Da maneira que seriam
Em não ver-te criminosos,
Enquanto foram ditosos,
Agora seriam réus.
Ah! não posso, não, não posso
Dizer-te, meu bem, adeus!*

*Parto, enfim, Dircéia bela,
Rasgando os ares cinzentos;
Virão nas asas dos ventos
Buscar-te os suspiros meus.
Ah! não posso, não, não posso
Dizer-te, meu bem, adeus!*

*Talvez, Dircéia adorada,
Que os duros fados me neguem
A glória de que eles cheguem
Aos ternos ouvidos teus.
Ah! não posso, não, não posso
Dizer-te, meu bem, adeus!*

*Mas se ditosos chegarem,
Pois os solto a teu respeito,
Dá-lhes abrigo no peito,
Junta-os c'os suspiros teus.
Ah! não posso, não, não posso
Dizer-te, meu bem, adeus!*

*E quando tornar a ver-te,
Ajuntando rosto a rosto,
Entre os que dermos de gosto,
Restitui-me então os meus.
Ah! não posso, não, não posso
Dizer-te, meu bem, adeus!*

A opinião de Aguiar sobre o poema de despedida de Tomás é que:

“Esta composição, na opinião de Rodrigues Lapa, é ‘provavelmente a canção de despedida do pobre poeta, a última que teria composto em terras do Brasil, pouco

antes da viagem para a África' (SC, p.182). Julgamos pouco provável; há qualquer coisa de artificial neste poema, que não se coaduna com o desfecho tão temido e efetivamente trágico para o poeta: a separação definitiva da amada. Além disso, a rigidez métrica não verificada nas outras liras, a seleção vocabular, o fecho pouco natural parecem indicar outra autoria.”⁵⁷

Vemos que mesmo entre os pesquisadores da área, a obra *Marília de Dirceu* gera divergência de opiniões – saudável e pertinente ao debate acadêmico.

A tópica do amor romântico, do casal separado por força maior, é utilizada por Gonzaga como uma narrativa poética, como um *topos*, e não como uma verdade histórica. Ele funda o mito, mas baseando-se na tópica do amor romântico. O tipo de composição poética que Gonzaga e os árcades faziam era baseado em temas românticos bastante difundidos na literatura corrente, não imitá-los naquele período seria um erro de composição, seria um risco e um motivo para não ser considerado um poeta.

⁵⁷ AGUIAR, 1992, p. 212.

MITO, TRADIÇÃO, FAMÍLIA E GÊNERO

Um poeta e sua musa: tópica de um mito

O mito é o nada que é tudo.
Fernando Pessoa

Um mito é bastante fugidio. O entendimento do processo de construção da história de Marília e Dirceu, como se conhece hoje, se alinha às características fugidias de um mito. Trata-se daquele tipo de história que todos parecem saber, porque ouviram em algum lugar, leram ou aprenderam na escola. No caso de Marília e Dirceu, representa a história típica e romanceada de um grande amor que se tornou impossível por forças maiores. Mítica, no sentido da grandeza que inspira e representa. Como um conto que repete grandes modelos literários, mas que na verdade não consegue explicar seus próprios conflitos internos quando questionados. Se a matéria é aridamente escorregadia, os conceitos que a formaram também seguem a natureza volátil do objeto: a tópica do mito.

O conceito de tópica que utilizamos no presente trabalho é o de Curtius. Para ele:

“No antigo sistema da retórica, a tópica é o celeiro de provisões. Contém os mais variados pensamentos: os que podem empregar-se em quaisquer discursos e escritos em geral.”⁵⁸

Segundo Curtius, a tópica era bastante utilizada como ferramenta da retórica antiga. A tópica funciona como uma espécie de fórmula ou repertório de pensamentos, modelos de histórias, personagens e tramas que podem ser empregadas na composição de textos, como exemplo ou para expor idéias. A tópica funciona como uma ferramenta da qual os mitos se valem para se erguerem, tomarem forma e se alimentarem. O tipo de história que está dentro do mito, o modelo utilizado do grande herói e sua jornada, sua musa e seu conflito.

Quando dizemos que estamos investigando a formação do mito de Marília não a colocamos na arena da discussão pela verdade histórica, mas pelo somatório de elementos simbólicos que foram atribuídos a Marília por razões históricas. A forma como compreendemos e utilizamos o conceito de mito para o presente trabalho de pesquisa se aproxima também do conceito de Rocha:

“O mito é uma narrativa. É um discurso, uma fala. É uma forma de as sociedades espelharem suas contradições, exprimirem seus paradoxos, dúvidas e inquietações (...) Mas, o mito é também um fenômeno de difícil definição. Por trás dessa palavra

⁵⁸ CURTIUS, 1996, p. 121.

pode estar contida toda uma constelação, uma gama versificada de idéias. O mito faz parte daquele conjunto de fenômenos cujo sentido é difuso, pouco nítido múltiplo. Serve para significar muitas coisas, representar várias idéias, ser usado em diversos contextos.”⁵⁹

São inúmeros os mitos criados a partir de personalidades vividas no século XVIII nas Minas Gerais, alguns estudados pela historiografia, a exemplo de Tiradentes (CARVALHO, 2000; FURTADO, 2002), Tomás Antônio Gonzaga (GONÇALVES, 1999; FURTADO, 2002), Chica da Silva (FURTADO, 2003), Aleijadinho (GRAMMONT, 2008).

José Murilo de Carvalho realiza estudo importante para o entendimento dos modelos historiográficos do século XIX, período em que a institucionalização do regime republicano no Brasil buscou na Inconfidência Mineira o personagem do herói nacional, Tiradentes. O autor explica o processo de formação desse mito:

“É por meio do imaginário que se podem atingir não só a cabeça mas, de modo especial, o coração, isto é, as aspirações, os medos e as esperanças de um povo. É nele que as sociedades definem suas identidades e objetivos, definem seus inimigos, organizam seu passado, presente e futuro. O imaginário social é constituído e se expressa por ideologias e utopias, sem dúvida, mas também por símbolos, alegorias, rituais, mitos. Símbolos e mitos podem, por seu caráter difuso, por sua leitura menos codificada, tornar-se elementos poderosos de projeção de interesses, aspirações e medos coletivos. Na medida em que tenham êxito em atingir o imaginário, podem também plasmar visões de mundo e modelar condutas.”⁶⁰

Os mitos costumam ser ligados aos grandes feitos, heróicos ou àqueles diferenciados no cotidiano das pessoas:

“O mito do herói não visava nos fornecer ídolos para admiração, mas estimular a veia heróica dentro de nós. O mito deve levar à imitação ou à participação, não à contemplação passiva.”⁶¹

O mito é uma criação simbólica que se compõem de inúmeros elementos. A sua utilização cria uma imagem na mente das pessoas que associam o chamado ‘mito’ a uma outra imagem formada pela composição de todos os símbolos que ela carrega consigo. O mito é utilizado para a transferência daqueles conceitos velados e simbólicos que carrega em seu interior. O mito significa algo, um conceito em si, um conceito importante para um determinado grupo de pessoas que é capaz de traduzi-lo.

Os mitos em suas várias facetas sempre fizeram parte da vida dos homens. Desde aqueles criados pelo ser humano para a explicação de fenômenos naturais, até aqueles que

⁵⁹ ROCHA, 1996, p. 7.

⁶⁰ CARVALHO, 1990, p. 10.

⁶¹ ARMSTRONG, 2005, p. 114.

compuseram a mitologia grega. Dos filósofos antigos e dos artistas renascentistas aos astros do mundo contemporâneo. As pessoas precisam de modelos para se espelhar, copiar ou simplesmente acompanhar os rumores e boatos da vida privada de outras pessoas.

O mito da tradicional família mineira – mito da mineiridade

Ai, Minas de minha alma, alma de meu orgulho, orgulho de minha loucura, acendei uma luz no meu espírito, iluminai os desvãos do meu entendimento.

*O Grande Mentecapto
Fernando Sabino⁶²*

Os significados simbólicos contidos nos mitos são fontes onde se busca legitimidade para a atuação política na sociedade:

“Os significados culturais produzidos pelo pensamento mítico conferem aos seres sociais a possibilidade de tornarem-se proeminentes sobre a experiência vivida. A adesão mítica abre as portas de entrada para um plano de vida superior. Os homens julgam encontrar aí o repositório da sua identidade.”⁶³

Onde nasceu o mito da tradicional família mineira? No mesmo tempo e espaço onde nasceram as primeiras formações de ocupação e fixação no território das Minas Gerais, em seus traços culturais mais primitivos e nos acontecimentos mais emblemáticos propagados pelos mineiros em sua história. Mas, como se deu este processo?

Em estudo aprofundado sobre a mitologia da mineiridade, Arruda define o particular espírito do povo mineiro a partir de características históricas próprias que a autora definiu como memorialistas, regionalistas, políticas, culturais e míticas usadas para glorificar e formar uma tradição denominada mineiridade. Significa dizer que o mineiro usou ou se apropriou de sua história, sua memória regional e acontecimentos políticos e culturais para forjar uma tradição enquanto povo singular de uma nação ainda emergente.

Para Arruda, a mineiridade é fundada sobre características históricas míticas que se fundem e se fortalecem na política regionalista do interior do estado para, posteriormente, se projetar no conjunto nacionalista da sociedade brasileira como algo que distingue os

⁶² SABINO *apud* ARRUDA, 1999, p. 61.

⁶³ ARRUDA, 1999, p. 22.

habitantes das Minas Gerais dos demais brasileiros, ao mesmo tempo em que os insere num contexto federalista.

“Daí as explicações míticas adquirirem um conteúdo aparentemente a-histórico, referendando na própria afirmação da unidade intrínseca, porto seguro contra os ventos devastadores. No entanto, “o mito é uma fala escolhida pela história: não poderia de modo algum surgir da natureza das coisas”. É a história a verdadeira atribuidora, então, de significados aos mitos.”⁶⁴

A autora considera que existem visíveis “relações da mineiridade com a identidade nacional”⁶⁵ explicadas pelo regionalismo que, ligado às elites locais e “compreendido como manifestação típica da federação brasileira no período de descentralização republicana,”⁶⁶ sempre parece emergir nos momentos de transição política do Brasil, ajudando a forjar a identidade nacional através de uma tradição ritualizada que passamos a denominar de “mineiridade”.

Segundo Burton,

“Depois daquele tempo (lutas pela independência) o mineiro tem estado tranqüilo. O passado, porém, deve servir de advertência aos estadistas, no sentido de que uma raça tão altiva não deve ter motivos de queixa, se se espera que ela fique tranqüila e satisfeita.”⁶⁷

Para Arruda “A altivez, como se sabe, é atributo exclusivo dos “bem nascidos”; aos escravos e aos homens livres pobres, esta é prerrogativa totalmente vedada”.⁶⁸ Estudos sobre o caráter elitista da Inconfidência Mineira vêm se somando no sentido de complementar uma visão mais abrangente sobre o fracassado movimento transmutado em vitória conceitual na intenção e tradição libertária que tanto orgulha os mineiros (MAXWELL, 1995; FURTADO, 2002; RODRIGUES, 2010). “O movimento da Inconfidência e, principalmente, os significados que lhe foram atribuídos, encontram-se na gênese da formação desse conceito.”⁶⁹ A altivez do mineiro emerge da origem libertária da Inconfidência. É como se nas veias de cada mineiro corresse o sangue da liberdade e todos se sentissem herdeiros dos líderes do movimento, cuja ousadia foi resgatada no século XIX como ato de bravura nacionalista. Resgate que ignorou completamente o anacronismo natural entre o período do movimento no

⁶⁴ ARRUDA, 1999, p. 23.

⁶⁵ ARRUDA, 1999, p. 31.

⁶⁶ ARRUDA, 1999, p. 31.

⁶⁷ BURTON, 1976, p. 322.

⁶⁸ ARRUDA, 1999, p. 63.

⁶⁹ ARRUDA, 1999, p. 63.

século XVIII, quando foi considerado um crime de lesa majestade e o período pré-republicano e depois, republicano do século XIX, a partir do qual se atribuiu aos Inconfidentes, um caráter precursor da liberdade que o Brasil alcançou em 1822, fato que também não será mencionado nesse trabalho, mas não passa de uma libertação construída historicamente.

O fortalecimento da tradição comumente chamada de mineiridade se deu através de escritos de intelectuais de várias estirpes que viveram ou passaram por Minas Gerais no século XIX. “A ênfase no caráter politizado da vida social de Minas, onde ‘a liberdade vivia na boca de todos’ e transpirava pelos poros dos seus habitantes, encontra-se presente já nas visões do século XIX.”⁷⁰ No caso do período em questão, imediatamente posterior aos acontecimentos da Inconfidência Mineira, é relevante o número de viajantes trazidos ao Brasil e a Minas pela curiosidade e pelos interesses científicos e culturais. Interesse por uma terra de riquezas, rebeliões e poetas.

Após a liberação e até o incentivo por parte de D. João VI, então residindo no Brasil com a corte portuguesa, esses biólogos, geólogos, botânicos, militares e escritores de interesses, visões e países distintos, vieram conhecer de perto as terras e a gente do Brasil. Viveram no território brasileiro viajando, observando, conhecendo e principalmente escrevendo e publicando suas impressões. No que se refere ao estado mineiro, deixaram opiniões que propagaram o conhecimento sobre o povo montanhês.

“Acontece que, de todas as províncias desse imenso território, a mais fiscalizada, a mais oprimida, a mais explorada era, sem contradição, a de Minas Gerais. O rei, soberano de direito, percebia um quinto sobre os valores extraídos das Minas. Todo o terreno descoberto, contendo ouro ou diamantes, não era propriedade particular e passava para o estado.”⁷¹

A partir de impressões como as do livro *Brasil Pitoresco* de Charles Ribeyrolles, (publicado em 1861) com relatos sobre as origens, o modo de vida e os motivos que teriam levado à vocação para rebelião dos habitantes das Minas, propaga-se uma imagem dos homens que se envolveram na Inconfidência:

“Havia em 1789, nas Minas Gerais, um homem chamado Joaquim da Silva Xavier, conhecido por Tiradentes (...) bravo, inteligente, patriota (...) Ao seu lado vivia na mesma província, um doutor de Coimbra, José Alves Maciel (...) espírito eminente, versado em estudos científicos (...) os dois conferenciavam. Compreendiam-se. Um era a atividade, a energia, a propaganda insana, a dedicação absoluta. O outro a idéia fria, a razão suprema, a prudência, o tato, o raciocínio. Havia em ambos um grande soldado e um grande chefe.”⁷²

⁷⁰ ARRUDA, 1999, p. 65.

⁷¹ RIBEYROLLES, 1941, p. 47.

⁷² RIBEYROLLES, 1941, p. 47.

Para Arruda, na descrição que o viajante faz desses dois homens, começa a se formar um traço característico assumido com orgulho pelo povo que se auto-denomina detentor da tradicional mineiridade. Deve-se a Tiradentes, o traço heróico do mártir na busca pela liberdade de um povo oprimido e pela formação política de uma nação e, a Maciel, o traço do conhecimento e da razão suprema encarnado em todos os outros intelectuais do movimento.

Os intelectuais interessam diretamente ao contexto do presente trabalho. Letrados, desembargadores, bacharéis, padres, funcionários nomeados pela coroa para assuntos administrativos, financeiros e políticos muitos deles eram também poetas.

“Em torno desse grupo gerou-se toda uma mística, principalmente porque foi grande a participação de intelectuais no movimento dos inconfidentes. A junção entre cultura e as aspirações separatistas estabelece o nexó entre o ideal libertário dos mineiros e o gosto pelas belas-letas.”⁷³

Mas não se trata aqui apenas de belos poemas de pastores árcades escritos à Vila Rica ou às suas musas inspiradoras:

“A identidade de Minas começou a ser gerada a partir da experiência de uma derrota, e, pois, dentre os elementos mais significativos da construção imaginária está o ideário da Inconfidência (...) A idéia de que os mineiros reagem a todas as formas de despotismo, em nome da liberdade, foi inspirada nos acontecimentos desenrolados no final do século XVIII.”⁷⁴

A força criadora do mito da mineiridade que perpassa séculos e traz consigo personagens que todo um povo considera como modelos de sua identidade nacional foi fundida, intencionalmente ou não, por força daqueles trágicos acontecimentos libertários:

“No sigilo das grossas portas fechadas nascia o ideário de liberdade dos inconfidentes – utopia prudente de poetas e do clero – que trouxeram Vergílio para a colônia, que ousaram saltar as fronteiras do isolacionismo cultural e político e criaram uma atmosfera carregada por pontos em suspensão, a reproduzir a vitória na derrota, a sobrevivência na morte, a tradição na ruptura. E de fato, a partir desses episódios, a ‘tradição de Minas é inventada’.”⁷⁵

Metais preciosos, rebeldia, heróis nacionais, devassas, artistas barrocos, políticos, escritores, poetas inconfidentes e suas musas são então ingredientes da gênese do povo mineiro e de seus filhos ilustres. Fazem parte de uma tradição de mineiridade construída e mantida contínua e ritualmente desde o século XIX.

“Das outras sedições pouco ficou na memória nacional (...) em nenhum ocorreu tal concentração de carisma – pois não tiveram poetas apaixonados e chorosos, quando do abandono de suas amadas, e nem um herói que passou à história como tendo

⁷³ ARRUDA, 1999, p. 75.

⁷⁴ ARRUDA, 1999, p. 89.

⁷⁵ ARRUDA, 1999, p. 91.

chamado para si toda a culpa; segundo, por ter sido um projeto gestado na roda das elites ilustradas, porém com um participante tido como de origem popular – sobre quem a pena recaiu mais duramente, deixando espaço para a construção futura do herói.”⁷⁶

A poesia lastreia e acalenta a imaginação e o sentimento das pessoas, mesmo como parte de um evento político como foi a Inconfidência. Dando métrica e rima aos acontecimentos, as poesias escritas pelos próprios sediciosos se fixaram no imaginário nacional. O que vale aqui para o mito de Marília e Dirceu é que o preço a se pagar pela liberdade foi a perda do grande amor, o sacrifício da felicidade. A fracassada Inconfidência dos letrados poetas iluministas foi um dos elementos responsáveis pela fermentação do mito da mineiridade.

Amor e família nos séculos XVIII e XIX

No período colonial, tanto em Portugal como na colônia, amor e casamento não costumavam andar juntos, casar por amor não era uma prática usual.

Mas, o que significava o casamento nos séculos XVIII e XIX:

“Constituindo um contrato civil antes de se tornar sacramento – o que só ocorre na Europa em meados do século XII – o casamento é uma instituição básica para a transmissão do patrimônio, sendo sua origem fruto de acordos familiares e não da escolha pessoal do cônjuge. A garantia de igualdade era fundamental para impedir a dispersão de fortunas acumuladas. A importância dessa questão se reflete no século XVIII, quando na reforma da legislação sobre o casamento de nobres levado a efeito pelo marquês de Pombal em Portugal se reforça a autoridade paterna para impedir os casamentos desiguais.”⁷⁷

As primeiras formações familiares de Minas, o modelo comportamental das uniões ou núcleos familiares, foi se ajustando aos poucos, imposto com muito rigor pelo consórcio estabelecido entre o Estado Português e a Igreja Católica:

“Somente com o desenvolvimento da mineração nas Gerais, no século XVIII, a Coroa tomaria medidas mais consistentes em sua política familiar. Até então, tudo faz crer que nas regiões tradicionais da colonização portuguesa o patriarcalismo dos grandes proprietários rurais substituíra a necessidade de ação mais efetiva do Estado para garantia da disciplina social.”⁷⁸

A medida e a importância desse controle sobre as populações de Minas Gerais também se fazem presentes de maneira atuante, mesmo que de forma diferenciada do sistema

⁷⁶ ARRUDA, 1999, p. 101.

⁷⁷ DEL-PIORE, 2006, p.27.

⁷⁸ FIGUEIREDO, 1997, p. 24.

patriarcal, de difícil implementação numa sociedade urbanizada como a mineira, onde não funcionava o sistema dos proprietários rurais que controlavam grandes populações dentro de suas fazenda:

“Em Minas, a direção da atividade de exploração aurífera exige a organização e atuação do Estado sob novas bases: a severidade e o poder português pedem o fortalecimento do Estado no Brasil. (...) efetivamente, após a montagem do aparelho administrativo e a definição da urbanização no território recém-povoado, são tomadas as primeiras medidas objetivando normalizar os grupos sociais da região. Isso era a condição essencial não apenas para controlar os trabalhos de mineração como, em última instância, garantir por intermédio do fisco e do comércio a transferência de renda nos moldes do Antigo Sistema Colonial.”⁷⁹

O casamento apareceu como importante ferramenta de controle das populações no horizonte português.

Em que medida o amor de Marília e Dirceu se parece com o amor vivido pelas pessoas do Brasil e da Vila Rica colonial? É parecido com a união de família brancas de classes sociais nobres, ou seja, famílias que pretendiam unir seus filhos de mesmo nível social através de uma união lícita. Por se tratar de representar uma relação cantada publicamente em versos apaixonados, a união imaginada para Marília e Dirceu ganha em encantamento e expectativa da sociedade por ser um casamento que comungaria o amor, a igualdade social e o consentimento das famílias. Para o imaginário coletivo, o amor inscrito em *Marília de Dirceu* era uma admirável possibilidade de amor e casamento lícito estarem juntos.

Se compararmos Marília com Chica da Silva, por exemplo, vemos que ambas possuem histórias intimamente ligadas ao amor, mesmo que sejam modelos de mulheres diametralmente opostas no que se refere aos elementos que entram no simbolismo da composição de seus mitos. Sobre o amor no período colonial nas Minas Gerais, Júnia Furtado nos diz que:

“Na época, o amor compreendia duas esferas, a do amor divino e a do profano. O primeiro era, acima de tudo, o que Deus nutria pelos homens, e vice-versa. Para a Igreja Católica, o amor a Deus era a forma perfeita e mais sublime que esse sentimento podia alcançar, e a castidade, o estado necessário para atingi-lo. Mas havia as formas profanas de amor, como aquele que une filhos a pais, os homens à pátria, e também os homens às mulheres. Esta última era considerada ‘um movimento do apetite, com o qual a alma se une com o que lhe parece ter alguma bondade ou beleza’, e o ‘que os homens têm às mulheres é por vezes desordenado’.”⁸⁰

É no sentido representativo da pureza e do pecado, do profano, que os mitos de Chica da Silva e Marília de Dirceu nos parecem distintos. A mulher negra e sedutora e a moça

⁷⁹ FIGUEIREDO, 1997, p. 24/5.

⁸⁰ FURTADO, 2003, p. 115/6.

branca, imaculada, de boa família, escassa no Brasil e cobiçada para os casamentos naquela sociedade.

Numa irresistível comparação histórica, pode-se dizer que assim como foi criado o mito da mulher negra, lasciva e sedutora, modelo a ser evitado, era pertinente criar também o modelo da moça branca que espera eternamente, pura e casta, pelo homem que ama; exemplo a ser seguido pelas moças brasileiras.

A pesquisa de Furtado nos revela que Chica da Silva teve uma relação estável e duradoura com o desembargador e contratador de diamantes João Fernandes de Oliveira. A união dos dois gerou treze filhos, nove meninas e quatro meninos, o que foge completamente à idéia que sempre foi feita dela pela historiografia, de uma mulher lasciva e sedutora. Criou-se a imagem de uma negra que conseguiu seduzir e manter o matrimônio, com o homem considerado um dos melhores pretendentes da região diamantina, simplesmente com bruxarias e artimanhas sexuais inimagináveis. “O relacionamento de Chica e João Fernandes durou dezessete anos, entre 1753 e 1770, período que o contratador viveu no Tejuco”.⁸¹ A separação dos dois se deu porque João Fernandes teve que se ausentar do Brasil, após a morte de seu pai, para resolver assuntos de negócios da família em Lisboa. Assuntos que se alongaram mais que o esperado. Em 1775, o contratador adoeceu de moléstia grave que foi deixando-o enfraquecido e em 1779 veio a falecer em Portugal. “Dona Francisca da Silva de Oliveira, a Chica da Silva, morreu em sua casa, no arraial do Tejuco, no dia 16 de fevereiro de 1796. Estava acompanhada do pároco, que lhe ministrou a extrema-unção, perdoadando seus pecados e consolando-a na agonia.”⁸²

“Não obstante fossem ilícitos, consoante os modelos comportamentais então predominantes, os relacionamentos da época se revestiam de uma aparência legal e estável, ainda que informal e não sagrada pela Igreja – na verdade, o ‘amor profano’ se concretizava sob a fachada do ‘amor conjugal’. A tendência à estabilidade foi fator marcante de várias relações consensuais na região mineradora, muitas mais duradouras que os casamentos legais. Embora não raro os amantes vivessem em domicílios separados, o afeto era preservado.”⁸³

Era grande a importância do casamento na sociedade colonial mineira. Por meio dele, Chica da Silva conseguiu legitimidade e ascensão social refletida nos direitos que adquiriu para si e para os seus, durante a vida e a morte:

“Como irmã do Santíssimo Sacramento, Chica tinha o privilégio de ser enterrada, assim como seus escravos, nas sepulturas da irmandade, na Igreja de Santo

⁸¹ FURTADO, 2003, p. 118.

⁸² FURTADO, 2003, p. 245.

⁸³ FURTADO, 2003, p. 118.

Antônio. Os ocupantes de cargos de direção podiam ser sepultados no altar, os demais irmãos, no corpo da igreja, e seus escravos eram enterrados no adro.”⁸⁴

Tratava-se, portanto, de uma família legítima aquela constituída por Chica e o contratador, mesmo com o incômodo das diferenças sociais. Se tivesse se concretizado o casamento de Tomás Antônio Gonzaga e Maria Dorotéia Joaquina de Seixas resultaria numa família legítima, considerado uma união perfeita, lícita, celebrada entre um homem e uma mulher brancos e de classes sociais semelhantes. Uma família perfeitamente encaixada dentro dos moldes desejados pelo Estado e pela Igreja:

“A expansão das famílias legítimas, peça vital da paz social que deveria sustentar o funcionamento do sistema colonial passaria desde então a se constituir como um dos objetos centrais da ação do Estado.”⁸⁵

Do ponto de vista da nobreza relacionada aos costumes cotidianos, Minas se igualava as outras províncias de origem portuguesa. Ainda no século XIX, quando alguns viajantes puderam observar e relatá-la, a Vila Rica das riquezas auríferas que já haviam se escasseado era considerada uma capitania com famílias abastadas e de bons modos:

“(…) As casas das classes abastadas em Vila Rica estão bem melhor arranjadas e mobiliadas do que as que vi no Rio de Janeiro e em São Paulo e, na sua maioria, conservam uma ordem perfeita. (…)”⁸⁶

Mawe, o viajante, considera Vila Rica uma cidade de famílias de elite e casas abastadas.

Marília aparece no contexto do amor nas Minas como um refresco a todas as relações formais, ideais para o Estado e para a Igreja ou desejadas pela imaginação e romantismo das pessoas. Nas vésperas de sua prisão, quando foi acusado de participar da Inconfidência, Tomás não era mais Ouvidor, havia sido promovido ao cargo de Ministro da Relação da Bahia⁸⁷, funcionário da confiança da Coroa Portuguesa e permanecia na capitania aguardando para seu casamento. Maria Dorotéia era filha do capitão Baltasar José Mairink, homem ligado às oligarquias locais⁸⁸, e de Dona Maria Dorotéia Joaquina de Seixas (sua homônima) de famílias de descendência portuguesa.

Não seria errado afirmar que a Inconfidência Mineira foi o último grande acontecimento do século XVIII para a história do Brasil. O último também para uma Vila Rica que via escassear cada vez mais o ouro que a havia feito tão cobiçada.

⁸⁴ FURTADO, 2003, p. 172.

⁸⁵ FIGUEIREDO, 1997, p. 25.

⁸⁶ MAWE. 1978, p. 141.

⁸⁷ GONÇALVES, 1999, p. 95.

⁸⁸ GONÇALVES, 1999, p. 134.

“A grande quantidade de ouro que se encontrou em Vila Rica foi a única causa de sua fundação. Seria, aliás, impossível escolher posição menos favorável, pois que essa vila afastada dos portos de mar e mais afastada ainda de qualquer rio navegável; as mercadorias só podem chegar aí de animais de carga, e seus arredores são completamente estéreis.”⁸⁹

Uma Vila Rica isolada do comércio e de terras aparentemente estéreis foi a primeira impressão do viajante Saint-Hilaire. No entanto, mesmo com as dificuldades de acesso, essa vila sofreu a influência do recém chegado século XIX. Nela viveram Maria Dorotéia e sua família sob mudanças que às vezes não compreendiam, mas que começavam a alterar lentamente o comportamento da sociedade, das famílias e das mulheres. Sob o signo de alguns escândalos, mexericos e fofocas, o comportamento das mulheres e de suas famílias se modificou progressivamente.

Segundo Maria Ângela D’Incao, “teria havido, no decorrer do século XIX no Brasil, uma mudança na sensibilidade em relação ao que se chama ora de amor, ora de sexualidade”⁹⁰ os casamentos continuam a ser arranjados pelos pais, principalmente entre as famílias mais ricas, e o concubinato por meio de saídas e namoros furtivos e escondidos continua a ser uma maneira de provar o amor e o sexo por quem realmente se deseja, mas existe certo romantismo vindo da literatura relacionado ao período:

“Assim, o que se observa na literatura brasileira romântica desse período são propostas de sentimentos novos, onde a escolha do cônjuge passa a ser vista como condição da felicidade. A escolha, todavia, é feita dentro do quadro das proibições da época, à distância e sem os beliscões. Ama-se, porque todo o período romântico ama. Ama-se o amor e não propriamente as pessoas (...) O amor parece ser uma epidemia que contagia as pessoas, as quais, uma vez contaminadas, passam a suspirar e a sofrer no desempenho do papel de apaixonados. Tudo isso em silêncio, sem ação, senão as permitidas pela nobreza desse sentimento novo: suspirar, pensar, escrever e sofrer. Ama-se, então, um conjunto de idéias sobre o amor.”⁹¹

Embora o livro *Marília de Dirceu* tenha sido composto no final do século XVIII é no século XIX que o amor ali impresso ganha um público amplo. Sentimentos que parecem deflagrar a vanguarda do romantismo, um amor imenso, idealizado por meio de um objeto literário e que se torna impossível, ou seja, um amor que tanto para os parceiros *Marília* e *Dirceu* quanto para os leitores só se concretiza no âmbito da escrita, dos sentimentos avassaladores e da distância.

⁸⁹ SAINT-HILAIRE. 2000, p. 69.

⁹⁰ D’INCAO, 1989, p. 61.

⁹¹ D’INCAO, 1989, p. 66.

Construção do papel da mulher na sociedade brasileira: Patriarcalismo e Honra

No final da década de 1980, período de raros trabalhos sobre história de gênero no Brasil no período colonial, Luciano Figueiredo realizou pesquisa empírica sobre a mulher nas Minas do século XVIII. Sobre a carência desse tipo de trabalho o autor relata que:

“Tinha-se portanto um descompasso que dava margem à continuidade e à reprodução das referências históricas mais conservadoras sobre o tema, representando sua base documental as experiências dos viajantes e cronistas no passado do Brasil. Reforçava-se com isso nas interpretações históricas a suposta tradição patriarcal da família brasileira, válida em todos os tempos e espaços do nosso passado social. Neste quadro as camadas femininas raramente escapavam de serem vistas em um papel secundário, submisso, inteiramente na esfera do domínio do pai, marido ou proprietário (...) Fazia-se imprescindível pois, ampliar e dinamizar o debate por meio de estudos sobre experiências concretas, monográficas (...) que contribuíssem para superar o mito tão eternizado nas consciências coletivas do lugar social da mulher brasileira.”⁹²

Freyre, em *Casa Grande & Senzala*, situa bem o regime patriarcal no Brasil, de bases agrícolas, transportado das tradições e da sociedade europeia e instalado em terras ultramarinas portuguesas desde o século XVI. Os senhores de engenho no nordeste brasileiro detinham a posse de suas esposas, para gerarem sua descendência e manterem a honra da família. Em terras doadas pela Coroa Portuguesa, aqueles primeiros donatários de sesmarias e suas mulheres deviam fincar raízes na sociedade a ser erguida no novo mundo. Era um dever do patriarca e de sua esposa povoarem de brancos a colônia de além-mar.

Naquele contexto, a mulher branca, sempre escassa na colônia, vinda de Portugal, ou descendente de famílias portuguesas e nascidas no Brasil, era destinada a nobres casamentos.

Mesmo diferenciado do modelo *Casa Grande & Senzala*, do nordeste brasileiro, o patriarcalismo foi exercido também em Minas Gerais, como pesquisado por Brugger:

“A atividade mineradora, com suas especificidades, não impediu que as teias familiares fossem o esteio por excelência da organização social (...) quando se entende por patriarcalismo um conjunto de valores e práticas que coloca no centro da ação social a família, fica difícil de se questionar a sua presença em Minas ou em qualquer outra parte da colônia.”⁹³

O outro braço forte da formação brasileira, o catolicismo tridentino, instala-se no Brasil ainda na primeira metade do século XVI, como herdeiro direto dos missionários e evangelizadores contra reformistas. Em breve, aqueles religiosos, herdeiros das grandes cruzadas da moral e vigilância aos pecados alheios, estariam munidos de poderosa ferramenta,

⁹² FIGUEIREDO, 1993, p. 25.

⁹³ BRUGGER, 2006, p. 60.

as leis determinadas pelo Concílio de Trento⁹⁴. Esse cristianismo, vinculado ao Patronato Régio Português⁹⁵, perfila-se ao lado da necessidade portuguesa de tomar posse dos corpos e das almas que povoavam ou viriam a povoar o novo território. Del Priore diz:

“(...) comecei a perceber o fio invisível que laceava as falas dos confessores, teólogos, médicos e moralistas. Reflexo do poder masculino onipresente na sociedade ocidental cristã, a fala desses autores, representantes de diferentes segmentos da sociedade colonial e metropolitana, tinha objetivos: delimitar o papel das mulheres, normatizar seus corpos e almas, esvaziá-los de qualquer saber ou poder ameaçador, domesticá-las dentro da família. Objetivos que se adequaram perfeitamente aos fundamentos da colonização do império colonial português.”⁹⁶

Um assunto da maior importância para as famílias coloniais e para a Igreja Católica sempre foi a honra, como atributo centrado no corpo das mulheres, um tema tão velado quanto suas partes íntimas deveriam sê-lo. Nesse contexto, as mulheres eram uma valorosa moeda de troca.

Para além do casamento, as mulheres deveriam cumprir seu papel gerando filhos, educando-os e cuidando de suas famílias. No geral, era o que a sociedade esperava delas. Em nome da manutenção e garantia dessa honra e castidade, e até que fossem entregues pelos pais aos seus futuros maridos, encontra-se mais um elemento histórico importante a esse processo, a construção de conventos na Europa e posteriormente no Brasil.

O contexto da reclusão das moças brasileiras foi bem estudado por Algranti:

“Honradas e Devotas, é assim que a sociedade espera que se comportem as mulheres no interior dos estabelecimentos de reclusão. O estudo da vida nessas instituições remete, portanto, à análise dos papéis sociais femininos, às imagens criadas pelas sociedades sobre as mulheres, bem como ao estudo das relações entre os sexos.”⁹⁷

Por isso mesmo, para que a honra das donzelas fosse preservada, o mais indicado era que ficassem reclusas em suas próprias casas sob vigilância da família ou em casas de religiosas. Distantes das tentações e dos pecados do mundo e sempre sob a tutela e supervisão masculina: “A necessidade de as mulheres de elite, que não dispunham de proteção masculina, com um mínimo de conforto e segurança à altura de seu status, acaba por levá-las às instituições de reclusão.”⁹⁸

⁹⁴ GOLDSCHIMIDT, 1992, p. 17.

⁹⁵ KUHNEN, 2005.

⁹⁶ DEL PRIORE, 1995, p. 17.

⁹⁷ ALGRANTI, 1999, p. 51.

⁹⁸ ALGRANTI, 1999, p. 47.

Mesmo que a norma fosse tal como relatado até aqui, houve mulheres que ignoraram as regras morais impostas, vivendo à margem delas. Algumas foram arrimo de seus lares e outras viveram relações fora do casamento formal imposto pela Igreja e pela Coroa (FIGUEIREDO, 1980; DEL PRIORE, 1992; FURTADO, 2003).

A partir do século XVIII, na América Portuguesa, a sociedade se expande, com a multiplicação de vilas pelo interior do continente e o aumento das populações fixas naqueles sítios, conseqüência da descoberta dos metais preciosos em Minas Gerais. Faz-se necessário, então, um controle maior, por parte da Coroa portuguesa, de toda essa gente: homens, mulheres, brancos e negros, letrados, proprietários e trabalhadores em geral. Todos deveriam cumprir seu papel e se encaixar nas regras de conduta de cada camada social.

No caso das mulheres brancas, nosso objeto de pesquisa, a manutenção da honra era prioridade: assim seria possível fazer um bom casamento e cuidar da casa e da família. Povoar a colônia, mas dentro das regras da Igreja e da Coroa Portuguesa:

“O projeto de colonização traçado pelo Estado português e pelos representantes da Igreja Católica não exclui as mulheres. Pelo contrário, elas foram consideradas, enquanto mães e esposas, o receptáculo das tradições culturais e das virtudes morais que se desejava transmitir aos colonos, para que desempenhassem os esperados papéis de súditos e bons cristãos.”⁹⁹

Pesava sobre as mulheres a tarefa de garantir a honra da família. Era, principalmente, a honra dos homens, pais, maridos e irmãos, que ficava manchada no caso de se descobrirem atos indignos das mulheres.¹⁰⁰ Atos de despudor, traição, concubinato, tornarem-se mães solteiras. Além de se caracterizarem pecados repudiados pela Igreja Católica, uma mancha na honra dos homens da família não poderia jamais ser eliminada. A família ficaria maculada. Por isso, o cuidado com as mulheres protegendo-as, vigiando-as, dando-lhes uma educação recatada e cristã.

“Gerado em meio a um contexto de transição, em que valores tipicamente estamentais, como honra, fidalguia e precedência chocavam-se com valores de classe, como trabalho, riqueza e propriedade.”¹⁰¹

Uma ordem estamental caracteriza-se pelo fechamento das classes sociais, pois entra-se nelas pelo nascimento. Mas não significa que seja impossível almejar uma classe mais alta. Pode-se ascender a uma classe superior por grande mérito ou pelo casamento, como fez Chica da Silva, por exemplo.

⁹⁹ ALGRANTI, 1999, p. 53.

¹⁰⁰ ALGRANTI, 1999, p. 109-30.

¹⁰¹ FURTADO, 2002, P. 29-30.

A honra era um valor fundamental no contexto das Minas Gerais do século XVIII:

“O coronel Inácio José de Alvarenga Peixoto, fazendeiro e minerador da Comarca do Rio das Mortes, apaixonado por sua esposa Bárbara Eliodora, sensível poeta, bacharel ilustrado e homem de hábitos refinados, possuidor de vários escravos, não deixaria de inspirar grande indignação a alguns dos homens com os quais negociava porque sistematicamente tergiversava quanto ao pagamento de suas dívidas.”¹⁰²

Alvarenga Peixoto, homem endividado, letrado e considerado de elevado nível social para as Minas Gerais, almejava ele e sua mulher, perseguir a ascensão social.

“(...) ele e sua senhora alimentavam pretensões aristocráticas quanto aos filhos, tendo dona Bárbara chegado a dizer que sua família era das de maior respeito e nobreza na América portuguesa, condição social da qual o “prepotente” casal definitivamente não abriria mão na nova ordem a ser implantada após o levante. Referia-se ela ao fato de que sua família era ligada a Amador Bueno da Ribeira que, em 1641, recusou o título de rei dos paulistas, a fim de proteger os domínios de Portugal da investida dos espanhóis, até então senhores do trono ibérico unificado.”¹⁰³

Tratava-se de uma sociedade que se preocupava com claras pretensões sociais mesmo habitando terras das Minas Gerais tão longínquas de grandes centros urbanos como Rio de Janeiro. Segundo o autor, alguns inconfidentes imaginavam conseguir grandes ganhos para somarem aos nomes aristocráticos de seus ascendentes portugueses de linhagem pura e nobre. A apreensão com relação à honra das famílias e os casamentos lícitos eram, portanto preocupação cotidiana.

¹⁰² FURTADO, 2002, p. 40.

¹⁰³ FURTADO, 2002, p. 40-1.

Marília de Dirceu: autores e versões do mito

*Minha bela Marília, tudo passa;
A sorte deste mundo é mal segura;
Se vem depois dos males a ventura,
Vem depois dos prazeres a desgraça.*
LIRA XIV – Primeira Parte

As versões dissonantes da figura mítica de Marília evidenciam o processo de construção de uma imagem que, derivada da poesia de Gonzaga, ganhou autonomia e se projetou no imaginário coletivo. Seu nome é sempre citado como Marília, só às vezes e em segundo plano como Maria Dorotéia, seu nome de batismo. Aquele amor eterno ecoa sobre a vida dos dois, confundidos com o casal romântico do livro de poemas e permanece vivo no imaginário coletivo da história brasileira, como a tópica do amor eterno, o Romeu e Julieta da colônia portuguesa.

Tomás Antônio Gonzaga

Para falarmos sobre Maria Dorotéia Joaquina de Seixas é preciso começar por Tomás Antônio Gonzaga. É o poeta inconfidente quem cria as liras fundadoras do mito inscrito no livro *Marília de Dirceu*.

Tomás Antônio Gonzaga, nasceu em 11 de agosto de 1744, na Rua dos Cobertos, na cidade do Porto em Portugal. Era filho de João Bernardo Gonzaga, magistrado, nascido no Rio de Janeiro e Tomásia Isabel Clarque, portuense.¹⁰⁴ Segundo Manuel Rodrigues Lapa, a ascendência de Tomás era “de uma raça muito atravessada (...) com sangue inglês, português e brasileiro, sem falar (...) que parece insinuar família francesa, e talvez também (...) da ilha das Canárias”.¹⁰⁵ Seus estudos se iniciaram no nordeste brasileiro, após ficar órfão de mãe, com pouco menos de um ano de idade. De acordo com Joaci Pereira Furtado, Tomás veio para o Brasil com o pai que havia sido nomeado em 20 de novembro de 1750 para o cargo de Ouvidor Geral da capitania de Pernambuco e em 1752, “João Bernardo toma posse do novo cargo em Recife no dia 11 de março. Gonzaga seque para a Bahia, onde continuaria os estudos no colégio dos jesuítas”.¹⁰⁶ Voltando a Lapa, de ato Tomás mudou-se menino para a casa de um parente de seu pai em Salvador onde estudou em colégio Jesuíta até 1759, quando

¹⁰⁴ LAPA, 1942, p. IX.

¹⁰⁵ LAPA, 1942, p. X.

¹⁰⁶ FURTADO, 1995, p. 19.

a Companhia de Jesus foi expulsa do Brasil por Pombal. “Não pode haver dúvida que Tomás Antônio Gonzaga foi para a Bahia iniciar os seus estudos oficiais, pois propriamente nos declara que passou naquela grande cidade a flor dos seus anos”.¹⁰⁷ Em 1761, Tomás retornou a Portugal onde se doutorou em Lei, em 1768. Tornou-se juiz de fora em Beja, Portugal, cargo que ocupou entre 1779 e 1781.

Em 1782, foi nomeado Ouvidor de Vila Rica para onde se transferiu imediatamente. Lá conviveu com Cláudio Manuel da Costa e Alvarenga Peixoto, magistrados graduados em Coimbra e poetas como o Ouvidor. Na então capital de Minas, viveu sua vida pessoal e política até 1789, quando foi acusado de participar da Inconfidência Mineira. Conhecida tentativa de libertação da colônia, pensada por intelectuais e religiosos que viviam em Minas e conheciam as idéias iluministas. Nos escritos daqueles intelectuais, incluindo os de Gonzaga, podemos perceber traços destas idéias:

“Em sua obra pode-se sentir o espírito de oscilações que regeu o século XVIII, tecido na contradição entre o indivíduo e o Estado, o absolutismo e as aspirações igualitárias, o racionalismo científico e o irracionalismo pré-romântico. Aquele foi o século de duas grandes revoluções: uma delas, de caráter tecnológico, científico e industrial, emergiu na Inglaterra; a outra, de cunho político e ideológico, eclodiu na França, embora ambas tenham desencadeado o surgimento de uma nova organização social burguesa de bases internacionais (...) Deste complexo e intrincado jogo de interesses vai surgir o surto de independência da colônia norte-americana que, a 4 de julho de 1776, proclama-se uma federação livre da tutela inglesa.”¹⁰⁸

O trabalho de Gonzaga como Ouvidor em Vila Rica teve que encarar em 1783, a posse do Governador Luiz da Cunha Menezes, o desafeto político chamado de Fanfarrão Minésio nas Cartas Chilenas.:

“Não tendo já no paço do Governador convivência agradável nem estímulos de poesia, o ouvidor dedicou-se ao cultivo das amizades que contraíra na cidade. Entre os seus conhecidos figurava a família Silva Ferrão, uma das mais consideradas em Vila Rica. O chefe dessa casa era o Dr. Bernardo da Silva Ferrão, advogado, homem culto e dado às letras.”¹⁰⁹

Fez então novas relações de amizade na capitania das Minas Gerais que acarretariam importantes mudanças em sua vida:

“Gonzaga foi lá certamente encontrar bom acolhimento e aprazível conversação. Havia na casa um rancho de meninas: as filhas do capitão Baltazar Mayrink, sobrinhas dos donos da casa. Ao ouvidor quase quarentão, já familiar, essas raparigas deviam fazer mais de uma partida, nas suas brincadeiras inocentes. A mais velha, Maria Dorotéia, era linda, a julgar pelo retrato que dela fez o poeta e pelo testemunho dos que a conheceram. Era grande a diferença das idades. Gonzaga

¹⁰⁷ LAPA, 1942, p. XI.

¹⁰⁸ HELENA, 2005, p. 14/15.

¹⁰⁹ LAPA, 1942, p. XVIII.

ia nos quarenta, Maria tinha dezessete anos, mas tão desabrochados, que era uma verdadeira senhora. O magistrado sentiu abrasar-se ao fogo daquela radiosa mocidade. Era sua vizinha uma tia de Marília; Gonzaga de certo a meteu como mediadora. O namoro pegou.”¹¹⁰

Para Joaci Pereira Furtado, 1783 teria sido o ano em que Tomás conheceu Maria Dorotéia em Vila Rica:

“É provável que ainda nesse ano Gonzaga tenha conhecido Maria Dorotéia Joaquina de Seixas, de quem enamorou-se, filha de Baltazar João Mayrink, capitão do Regimento de Cavalaria Regular.”¹¹¹

O namoro seria inspiração para a escrita do livro de poemas *Marília de Dirceu*. Mas até onde se conhece o Ouvidor já havia se exercitado na composição de versos românticos sob a inspiração de outras musas quando chegou à Vila Rica:

“O conjunto das poesias de Tomás Antônio Gonzaga não nos autoriza a dizer que sua obra começa apenas em Minas Gerais e que se tece, na totalidade, sob o signo de Marília. Nises, Alteias, Lidoras, Lauras e Ormias, outras tantas pastoras construídas a partir das convenções rococós e arcádicas, percorriam os textos do poeta, em homenagens semelhantes ao tom de muitas das peças líricas em que ele louva a pastora Marília.”¹¹²

Mas é sob a inspiração do amor pela musa que escolheu chamar Marília, se auto-denominando Dirceu, que Tomás Antônio Gonzaga passa a escrever um dos mais bem elaborados e conhecidos conjunto de versos da língua portuguesa. A obra *Marília de Dirceu* foi publicada ainda no século XVIII e já era considerado um livro de grande venda e circulação, o que hoje seria um “best-seller”.¹¹³ Até hoje é considerado um dos livros mais reeditados e lidos do mundo. É em Vila Rica que a genialidade se faz presente na carreira poética de Tomás. Antes de Vila Rica e depois de deportado para Moçambique sua composição é pobre ou mínima.

“Antonio Candido, em estudo agudo, coloca também a questão, afirmando que o poeta Gonzaga existe, na realidade, de 1782 a 1792, como se nele explodisse um poeta na eclosão da crise afetiva e política (...). O problema consiste em avaliar até que ponto Marília de Dirceu é um poema de lirismo amoroso tecido à volta duma experiência concreta – a paixão, o noivado, a separação de Dirceu (Gonzaga) e de Marília (Maria Dorotéia Joaquina de Seixas) – ou o roteiro de uma personalidade, que se analisa e expõe, a pretexto da referida experiência. É certo que os dois aspectos não se apartam, nem se apresentam como alternativas.”¹¹⁴

¹¹⁰ LAPA, 1942, p. XVIII.

¹¹¹ FURTADO, 1995, P. 21.

¹¹² HELENA, 2005, p. 19.

¹¹³ ALCIDES, 1994, p. 21.

¹¹⁴ HELENA, 2005. p. 21.

Estão enlaçados Marília e Dirceu. Um dando notoriedade ao outro. Diferentes tipos de notoriedade. Ao poeta, a fama de seus versos correndo pelo reino, pela colônia e pelo mundo desde que foi publicado em 1792. À musa, fama por ser a mulher de rara beleza e de virtudes que inspirou tal obra-prima em versos. Uma história de amor que se transforma pela força trágica dos fatos políticos num momento chave da história do Brasil. Uma história que penetra e toma a imaginação das pessoas desde o século XVIII. Mas até que ponto a realidade está completamente descrita em uma obra poética, literária, ou seja, cujo suporte seria a linguagem fictícia? Como se misturam Maria Dorotéia, Tomás, Marília e Dirceu?

Não são muitos os exemplos de um poeta-juiz como Dirceu (...)

Dirceu é a um só tempo poeta, magistrado, pastor, amante e vassalo fiel ao reino. Se não há incoerência entre essas características, a harmonia advém da conduta que a um só tempo considera a especificidade de cada campo de ação e a necessidade de uma orientação ideal fundada na noção de virtude que norteia esse indivíduo multifacetado.¹¹⁵

Um indivíduo multifacetado cuja obra passa por temas e interesses diversos. O tema das Leis que diz respeito ao ambiente público, em seu Tratado de Direito Natural, depois pela poesia satírica que critica agudamente as relações de poder nas Cartas Chilenas e finalmente pelo âmbito do privado, mas que tangencia por vezes também o público, nos seus poemas de amor em *Marília de Dirceu*. Os dois últimos têm como pano de fundo a sociedade mineira, colônia portuguesa, seus costumes, sua história e seu tempo.

Como o tema do presente trabalho é vítima de um enlaçamento, no caso entre História e Literatura, se procurou também os estudiosos da literatura de Gonzaga para compreender a formação do mito de Marília. Segundo Lucia Helena:

“As líras do ‘ciclo de Marília’ (...) enlaçam o leitor na magia de um possível romancear lírico-poético do famoso caso de amor do árcade Tomás. E o tema avulta, no conjunto da obra, como núcleo (...). Nem a *Marília de Dirceu* é o romancear puro e simples, em versos claros, de uma realista e bucólica história de amor, nem deixa de conter uma referência a esta, embora desrealizada pelo trabalho poético da literatura (...). Seria atitude ingênua e redutora confinar à mera autobiografia esta parte (...) da obra de Tomás. Nela, realidade e imaginação se imbricam, num trabalho ficcional (entenda-se aqui a palavra não como sinônimo do ato de narrar, mas como a natureza de todas as construções literárias, independentes do gênero a que pertençam).”¹¹⁶

Ainda sobre o tema a autora recorre a outro estudioso:

Wilton Martins também advertiu quanto ao problema, chamando a atenção para os riscos de uma interpretação unilateralmente biográfica, que tendesse a ‘colar’ o poeta e o cidadão Gonzaga, buscando explicar um deles através do outro. Observa o crítico que há uma idealização em torno do poeta, o que acaba por impor um

¹¹⁵ POLITO, 2004, p. 202.

¹¹⁶ HELENA, 2005, p. 22.

sentido único à sua obra, atribuindo-lhe ‘uma unidade, um sentido e até um desenvolvimento orgânico que, com toda certeza, não teve na realidade’.¹¹⁷

Tomando como base os depoimentos de Antônio Candido e Wilton Martins sobre a obra *Marília de Dirceu* de Tomás Antônio Gonzaga, Lucia Helena conclui que:

“Se pode vislumbrar, até, uma outra hipótese: a proposta de “mascaramento” (entre a vida, a realidade, a convenção arcádica e a poesia) já poderia estar prevista pelo próprio autor, cuja primeira e segunda parte das liras foram publicadas em vida, embora não se tenha indício de nenhum depoimento do poeta sobre o assunto.”¹¹⁸

O cuidado a ser tomado na busca de compreensão sobre o tema passa por vários aspectos. Não é possível separar a vida de Tomás, os acontecimentos históricos nos quais esteve diretamente envolvido e o modo como transcreve aqueles acontecimentos através de uma obra poética.

“Decerto, todo escritor, por mais escapista e fantasioso que nos pareça, escreve a partir de uma dimensão dita “real”, colhida em sua própria experiência humana, ou frutificada na observação do mundo que o envolve. Mas se fosse apenas isto a obra literária, como distingui-la dos diários confessionais e dos depoimentos históricos e biográficos? E no entanto o fazemos. Temos uma espécie de consciência empírica da diferença entre esses textos, os literários e os outros, primordialmente historiográficos. Onde reside a diferença, eis a difícil questão.”¹¹⁹

As questões que impulsionaram o interesse em torno da obra *Marília de Dirceu* são: a beleza e penetração popular dos versos criados por Gonzaga, a participação do Ouvidor e poeta no movimento da Inconfidência Mineira e conseqüentemente sua separação da noiva Maria Dorotéia. Contribui para o sucesso do livro *Marília de Dirceu*, o fato de Tomas ter continuado a composição dos versos de dentro da prisão, inserindo neles a dor da separação de sua amada causada pelos acontecimentos que o levaram à prisão. Fatos relatados em liras cunhadas segundo um sistema perfeito de composição e métrica que circularam pela colônia e por Portugal desde o momento em que foram compostas e posteriormente publicadas circulando e permanecendo no imaginário das pessoas num intervalo existente entre a Lei e a Literatura, a História e a Ficção, o real e o imaginário.

“A dimensão real, quando ficcionalizada literalmente – e a obra de Tomás Antônio Gonzaga não teria ultrapassado os tempos se não o tivesse realizado – passa a ter uma convivência estreita com uma outra instância, imaginária, que preside ao recorte que consciente ou inconscientemente o escritor faz do mundo. A obra não é um mero depoimento, ou seja, *Marília* não é simples nem totalmente Maria Dorotéia, nem *Dirceu* é Tomás, nem apenas um mero delírio. Nas poesias de

¹¹⁷ HELENA, 2005. p. 21.

¹¹⁸ HELENA, 2005. p. 21.

¹¹⁹ HELENA, 2005. p. 22.

Tomás há uma complexa tematização deste mundo contraditório, oscilante e globalizado em que todos transitamos e no qual se misturam o real e o imaginário.”¹²⁰

Os acontecimentos e interpretações da Inconfidência Mineira misturam o real e o imaginário. É de se esperar a necessidade de não revelar certas verdades à “Devassa”, tribunal instalado para apurar as pessoas envolvidas em atos de traição à Coroa Portuguesa. Compreensível também que os suspeitos ou envolvidos mantivessem incógnitos aspectos e documentos que poderiam levá-los a uma condenação severa. Muitos daqueles segredos permanecem e transformam a Inconfidência num grande mito da história do Brasil. Acontecimento que fará promover ainda muitos estudos e interpretações sobre o tema.

Após a Inconfidência Mineira, prisão e julgamento de Gonzaga, ele foi deportado para Moçambique. Logo que chegou àquelas terras começou a reconstruir sua vida, segundo a cronologia da vida de Tomás Antônio Gonzaga, composta por Joaci Pereira Furtado:

“1792 - Em sentença de 20 de abril Gonzaga é condenado a dez anos de degredo em Moçambique, então capitania portuguesa na África. Parte no dia 23 de maio com outros réus da Inconfidência, chegando ao seu destino em fins de julho. O poeta hospeda-se na casa do ouvidor José da Costa Dias Barros, que se encontrava adoentado, passando a auxiliá-lo em suas tarefas até que viesse o substituto, Tavares de Sequeira, que assumiu em 30 de agosto. O novo ouvidor nomeia Gonzaga provedor dos defuntos e ausentes.”¹²¹

Com o final de um longo e angustiante processo, acusado de participação em delito de lesa majestade contra a Coroa Portuguesa, o súdito Tomás Antônio Gonzaga se encaminhou ao cumprimento de sua pena de degredo em Moçambique. Homem de profissão reconhecida, homem de letras e grandes relações de amizade, pouco mais de um mês após sua chegada a Moçambique já ocupava um cargo.

“1793 - No dia 9 de maio Gonzaga casa-se com Juliana de Souza Mascarenhas, com quem teve pelo menos dois filhos: Ana e Alexandre Mascarenhas Gonzaga. Seu sogro, Alexandre Roberto Mascarenhas, era traficante de escravos em Moçambique.”¹²²

As relações de amizade e o desejo que reconstruir sua vida parecem urgir na vida do poeta, tanto que dez meses após sua chegada ao degrado já estava casado. Lapa não deixou de observar que “bem casado, com Juliana de Souza Mascarenhas, herdeira da casa mais

¹²⁰ HELENA, 2005. p. 21-23.

¹²¹ FURTADO, 1995, p. 22-3.

¹²² FURTADO, 1995, p. 23.

opulenta de Moçambique em negócios de escravatura (...) O antigo e mimoso poeta estava casado com uma rica analfabeta”.¹²³

Por fim, terminou sendo breve a vida do poeta inconfidente em Moçambique. “A 19 de Fevereiro de 1810 já tinha falecido, segundo se vê desta nomeação: ‘Passe alvará a Antônio da Cruz e Almeida para servir o ofício de juiz de alfândega desta capitania, interinamente, por tempo de 6 meses, vago por falecimento de Tomás Antônio Gonzaga’.”¹²⁴ No mais, Lapa conclui que: “É tudo o que dizem sobre a vida de Gonzaga documentos procurados por nós no Arquivo Municipal do Porto, na Torre do Tombo e no Arquivo Histórico Colonial. Tudo quanto vai fora disto é pura invenção de literatos.”¹²⁵

Paralelo à vida de Gonzaga no degredo, ainda no ano de 1792, foi publicada em Lisboa a primeira parte dos poemas *Marília de Dirceu*. Em 1799, é publicada a segunda parte. Em 1812, sai a terceira parte, considerada autêntica.¹²⁶

Maria Dorotéia Joaquina de Seixas

Conhecida como Marília de Dirceu, Maria Dorotéia nasceu em Vila Rica em 1767, filha de Dona Maria Dorotéia Joaquina de Seixas, de quem era homônima, e do capitão Baltasar José Mairinck.¹²⁷ O que mais se sabe dela é que entrou para a história por sua relação afetiva com Tomás Antônio Gonzaga, Ouvidor de Vila Rica, poeta e Inconfidente de quem foi noiva e musa inspiradora.

Enquanto uma mulher que viveu entre os séculos XVIII e XIX não se conhece muito da vida pessoal de Maria Dorotéia, senão que nasceu e viveu em Vila Rica, depois em Ouro Preto, até sua morte em 1853.

Optamos por relatar a vida de Maria Dorotéia através dos autores que falam sobre Marília e suas versões e tentaremos interpretá-las ou levantar questões importantes como o entendimento historiográfico permitir, mesmo que de forma parcial.

Não é pretensão deste trabalho expor todos os textos escritos sobre Marília nem escolher uma das versões defendidas pelos vários autores. Foram escolhidos os autores julgados mais relevantes para a compreensão e o recorte do presente trabalho.

¹²³ LAPA, 1942, p. XXXVI.

¹²⁴ LAPA, 1942, p. XLII.

¹²⁵ LAPA, 1942, p. XLIII.

¹²⁶ AGUIAR, 1992, p. 13.

¹²⁷ GOMES, 1966, p. 16. “Transcrição da Certidão de Batismo de Marília – Livro de Batizados da Matriz de Nossa Senhora do Pilar, cujo termo de abertura é de 1749, fl. 149”.

Marília de Dirceu: Autores e versões

Ao contrário do que se pensou no início desta pesquisa, são muitas versões e autores que escreveram sobre a musa inspiradora de Tomás Antônio Gonzaga. Os escritos e as opiniões sobre a musa do poeta inconfidente têm certa continuidade ao longo do tempo que simultaneamente oscilam impulsionados pelas influências históricas e historiográficas de cada período. Essas versões são motivadas pela curiosidade em torno da história do casal, por datas comemorativas, estudos literários e a busca da dita verdade sobre o tema da Inconfidência e os envolvidos nela de alguma maneira. A utilização dessa galeria de personagens na história brasileira não chega nem próximo a um consenso. Dentro desse emaranhado simbólico vemos passar esporadicamente a singela figura de Marília.

O nome de Maria Dorotéia

Faremos um pequeno parêntese sobre o nome de Maria Dorotéia por razões que revelaremos no final do presente capítulo. Os jornais e os autores que escreveram sobre Maria Dorotéia ainda no século XIX cometeram erros, ora semelhantes e ora distintos, com relação ao seu nome, quando noticiaram sua morte em 1853: o jornal *Marmota Fluminense*, copiado de *O Mercantil* e também Beatriz Brandão, prima de Marília. Depois, em livros que falaram da musa de Gonzaga, também se enganaram Joaquim Norberto e Richard Burton, como veremos logo adiante. Na tentativa de esclarecimento e possíveis interpretações para os referidos erros, vejamos o Quadro 1 abaixo:

Data	Fonte	Nomes					
		Maria	Dorotéia	Joaquina	de Seixas		
16/05/1840*	Testamento**	Maria	Dorotéia	Joaquina	de Seixas		
22/02/1853	<i>Marmota Fluminense/ O Mercantil</i>	Maria	Joaquina	Dorotéia	de Seixas	_____	_____
15/03/1853	Beatriz in <i>Marmota Fluminense</i>	Maria	_____	Dorotéia	de Seixas	Mayrink	_____
1862	Joaquim Norberto de Souza e Silva	Maria	Joaquina	Dorotéia	de Seixas	_____	_____
1869	Richard Burton	Maria	Joaquina	Dorotéia	de Seixas	_____	Brandão

Quadro 1 – Nomes atribuídos à Maria Dorotéia

Fontes – autores e documentos citados

* Data que o tabelião lavrou o testamento. A data em que Maria Dorotéia assinou foi 02/04/1836.

** GOMES, 1966, p. 90.

Como podemos entender tantos desacertos com relação ao nome de Maria Dorotéia no século XIX? Compreende-se que a falta de preocupação ou de acessibilidade para a conferência de detalhe simples em uma fonte documental, fez com que se repetisse um erro indistintamente por muito tempo.

O jornal *Marmota Fluminense* copia nota do jornal *O Mercantil* com o nome Maria Joaquina Dorotéia de Seixas. A necessidade urgente de noticiar a morte da musa do poeta e inconfidente e a distância entre o Rio e Minas, impossibilitando acesso rápido para consulta a uma fonte segura, certamente contribuíram para esse erro. Posteriormente, Joaquim Norberto usa em seu livro a mesma versão do nome utilizada pelos autores dos jornais cariocas. Acredita-se ser explicável que o autor consultou ou teve acesso àquele periódico em algum momento, pois viviam todos no Rio Janeiro.

Beatriz Brandão também vivia no Rio de Janeiro naquele período. Por que não fez uso da mesma versão do nome do *Marmota Fluminense*? Afinal se tratava do mesmo jornal onde ela também publicou seu texto, apenas algumas semanas depois e sobre o mesmo assunto: a morte de Marília. Mesmo acertando os dois primeiros nomes da prima Maria Dorotéia, Beatriz excluiu por alguma razão o nome Joaquina, o que a levou a cometer dois erros quando incluiu o sobrenome Mayrink. Entende-se que Beatriz, sendo da família, conhecendo o nome dos pais de Maria Dorotéia e sem estar em contato direto com os familiares naquele momento achava que a prima carregava o nome do pai.

No entanto, não existe uma explicação para o fato de Richard Burton que esteve em Ouro Preto no final do século ter mantido os nomes Dorotéia e Joaquina invertidos. Com relação à inclusão do sobrenome Brandão, que o autor achou ser o nome verdadeiro de Marília, o viajante pode ter ouvido falar de Marília como membro da família Brandão¹²⁸ e deduziu por alguma razão também desconhecida, sem ter se preocupado com uma apuração do assunto, que esse seria o sobrenome de Maria Dorotéia.

São muitas as interpretações para os erros cometidos nesse sentido, cada um pode se arriscar na sua versão. Como já vimos há opiniões diferentes também para a idade de Maria Dorotéia e outros detalhes sobre ela, por exemplo. Mas esse não é o objetivo desse trabalho. Detivemos no assunto apenas para demonstrar que se aqueles autores não sentiram necessidade ou não houve preocupação em se apurar o nome de Maria Dorotéia, ou ainda, se apenas esse aspecto tão pequeno gerou enganos e desacertos é possível que não tenha havido preocupação também em apurar outros aspectos de sua vida. Ao mesmo tempo e

¹²⁸ BRANDÃO, 1932.

paradoxalmente cria dúvidas sobre assuntos referentes a Marília que podem ter vindo de boas fontes orais ou escritas. Como tudo na história, pode-se ter cometido enganos que jamais serão apurados.

Viajantes

O que a ausência de algumas informações pode significar para o tema da formação do mito de Marília?

Após a chegada da família real ao Brasil, no início do século XIX, D. João VI abriu os portos aos visitantes, negociantes, artistas e cientistas que quisessem conhecer e relatar suas impressões sobre o Brasil. A partir de então, foram inúmeros viajantes que, visitando várias partes do Brasil, passaram pelas Minas Gerais e, o que mais nos interessa, por Vila Rica.

John Mawe, inglês, comerciante, estudioso de mineralogia e geologia esteve no Brasil entre 1807 e 1811. Publicou seu volume *Viagem ao interior do Brasil* no ano de 1812. “Demorando-se bastante em Minas Gerais, dado o seu maior interesse pelas pedras preciosas”¹²⁹, em Vila Rica, capital das Minas, deteve seu olhar à localidade, geografia, clima, flora, preços dos artigos ingleses na região e outros aspectos políticos e comportamentais da sociedade.

O zoólogo Spix e o botânico Martius estiveram no Brasil entre 1817 e 1820. Viagem que rendeu o volume *Viagem pelo Brasil*. O interesse e os relatos desses dois foram puramente científicos.

Saint-Hilaire, botânico e zoólogo, também esteve na colônia portuguesa entre 1816 e 1820. Renomado cientista e também observador de outros aspectos de lugares por onde passou. Em Vila Rica, relata a impressão que teve sobre as construções públicas, Palácio do Governador, Hospital e o teatro. Desse último, detalha o espaço e também que tipo de encenações eram feitas ali. Saint-Hilaire comenta também sobre a vida social de Vila Rica e sobre os costumes das mulheres da vila.

Quando Mawe, Spix e Martius e Saint-Hilaire estiveram em Vila Rica nossa musa inspiradora, Maria Dorotéia, tinha entre seus 40 e 50 anos de idade. Provavelmente morava ou ia regularmente à vila onde residia sua família,¹³⁰ tinha passado ali fatos emblemáticos de sua vida que eram do conhecimento de todos. Por que aqueles viajantes não falam sobre Marília? Ou ainda por que não falam sequer sobre a Inconfidência ou nenhum dos outros envolvidos?

¹²⁹ MAWE. 1978, p. 13.

¹³⁰ BRANDÃO, 1932.

No entanto, Mawe fala sobre o conflito entre paulistas e forasteiros, a Guerra dos Emboabas, que tinha ocorrido há quase um século quando o viajante esteve no Brasil. A Inconfidência havia acontecido há vinte e poucos anos, mas não mereceu a atenção dos visitantes. Seria anacrônico para aqueles primeiros viajantes investigar ou escrever em seus relatos sobre os envolvidos na rebelião mineira de 1789 como a conhecemos hoje. Pode parecer apenas uma especulação sem propósito, mas o silêncio pode se revelar uma fala importante. O não interesse pelo tema pode demonstrar a falta do assunto nas rodas e na vila naquele momento, talvez por ter sido uma intenção frustrada de rebelião, ou pode revelar simplesmente que não fosse tema relevante para um estrangeiro ou ainda o receio de falarem ou publicarem o assunto, muito recente e delicado no período. Seja lá o que for, se fosse matéria de grande alarde, como se tornou posteriormente quando Marília começou a despertar a atenção explícita de autores e leitores, é possível que tivesse merecido a atenção de ver seu nome citado por um daqueles viajantes.

Desse modo, ao analisar o relato dos viajantes estrangeiros, pela ausência do tema em seus textos, o início do século XIX não foi fértil para o mito da Inconfidência e para os seus envolvidos, bacharéis, poetas, clérigos e musas inspiradoras.

Mas, por outro lado, a morte fortalece e dá nova vida aos mitos. Em um período posterior à morte de Maria Dorotéia, meio século após a estada dos primeiros viajantes na região das Minas Gerais, o inglês Richard Burton, deixará registrado em seu livro *Viagem do Rio de Janeiro a Morro Velho* o que ouviu sobre Marília em Minas Gerais. Impressões que trouxeram a polêmica e a indignação de outros pesquisadores para o assunto.

Richard Burton

Depois de Norberto localizamos no livro *Viagem do Rio de Janeiro a Morro Velho* do viajante Richard Burton uma referência direta a Marília. O viajante esteve presente no Brasil e em Minas em algum período entre 1866 e 1868, e o livro foi publicado em Londres em 1869. O capítulo denominado *Continuação de Ouro Preto* possui em sua abertura uma estrofe da Lira XXIX de Gonzaga dedicada a Marília “Tu formosa Marília, já fizeste/ Com teus olhos ditosos as campinas/ Do turvo ribeirão em que nasceste”.¹³¹ A utilização dos versos de Gonzaga no livro de Burton demonstra o conhecimento e o interesse do autor pelo poeta e

¹³¹ BURTON, 1976, p. 301.

ouvidor de Vila Rica e por aquela que o inspirou. É o que ele relata no seu capítulo sobre Ouro Preto.

“No fundo da depressão ao pé da montanha, e tendo atrás árvores frondosas, há um prédio sem beleza, cumprido, baixo, coberto de telha e caiado de branco, muito parecido com uma confortável casa de fazenda. Ali morou e morreu Marília, cujo nome profano era D. Maria Joaquina Dorotéia de Seixas Brandão, a Heroína local, Beatriz, Laura ou Natércia, e que, por pouco, escapou de ser a Heloísa de Minas.”¹³²

O viajante situa e detalha a casa onde viveu Marília (ANEXO IV) como se fizesse dela um retrato. Mas ainda nesse parágrafo, o autor vai além dos detalhes físicos, geográficos ou corriqueiros e conhecidos a que todos os outros autores já haviam recorrido. Homem de enorme cultura, tradutor inclusive, ele situa Marília entre uma galeria de mulheres míticas. Burton faz uma referência clara ao espaço a que Marília já pertencia: um dos casais míticos da história e da literatura universal.

Dentre outros casais citados, a comparação que Burton faz do imaginário sobre Marília e Dirceu com Abelardo e Heloísa,¹³³ por exemplo, demonstra como o autor é realmente um sujeito letrado, pois a comparação é precisa em vários aspectos das duas histórias, principalmente do conteúdo imaginário que criam e ecoam. Abelardo era um filósofo vinte anos mais velho que Heloísa que se tornou seu professor. O casal viveu um caso de amor arrebatador, física e intelectualmente, na região de Paris no século XII. Regada por poemas e cartas apaixonadas de ambos, tornou-se uma história mítica de muitas lacunas numa fronteira entre a história e a literatura. Casaram-se, porque o relacionamento dos dois foi descoberto, e tiveram um filho, mas Abelardo foi castrado pelo pai de Heloísa. Depois desse episódio trágico o filósofo isolou-se em uma abadia e ela tornou-se abadessa em um convento. Ambos continuaram a escrever cartas e poemas um para o outro, mas nunca mais se falaram. Por fim o casal repousa no mesmo túmulo, construído por Heloísa em homenagem a Abelardo. Conta-se que quando ela morreu e abriram a tumba Abelardo estava de braços abertos esperando por Heloísa e lá finalmente repousaram juntos.

*Fujo para longe de ti,
evitando-te como a um inimigo,
mas incessantemente
te procuro em meu pensamento.
Trago tua imagem em minha memória
e assim me traio e contradigo,*

¹³² BURTON, 1976, p. 303.

¹³³ ZHUMTHOR, 2002.

*eu te odeio, eu te amo.*¹³⁴

*É certo que quanto maior é a
causa da dor, maior se faz
a necessidade de para ela
encontrar consolo, e este
ninguém pode me dar, além de ti.
Tu és a causa de minha pena,
e só tu podes me proporcionar conforto.
Só tu tens o poder de me entristecer,
de me fazer feliz ou trazer consolo.*¹³⁵

Burton continua seu diário de viagem sobre quem foi Marília:

“Era a sobrinha do Tenente-Coronel João Carlos Xavier da Silva Ferrão, ajudante de ordens do Governador. Os livros nos dizem que era “descendente de uma das principais famílias da terra”, mas isso é negado por alguns ouropretanos.”¹³⁶

Esse questionamento sobre a posição social ocupada pela família de Maria Dorotéia é defendida por um descendente dela, Thomas Brandão, que escreve um livro na tentativa de preservar a honra e a posição social que a família sempre ocupou na Corte Portuguesa e no Brasil. Analisaremos o livro de Thomas Brandão na seqüência.

Mas dando prosseguimento ao texto de Burton, ele afirma que Maria Dorotéia:

“Nascida em 1765, aos quinze anos foi prometida pelo tio, um zeloso realista, ao poeta Gonzaga, então com 44 anos, e há uma lenda no sentido de que a sua beleza apressou o trágico desfecho da Inconfidência. Um certo Coronel Montenegro (...) censurou-a por ter preferido, a “um nobre de fortuna e posição”, um pobre “homem que escrevia livros”. Ela, em um impulso juvenil, retrucou que preferia a inteligência a dinheiro e Montenegro. Este denunciou a conspiração, por uma carta, ao Visconde de Barbacena (...) essa versão não consta de qualquer das volumosas notícias que se escreveram sobre a Inconfidência, mas me foi contada, em Minas, por toda parte, mesmo nas margens do Rio São Francisco.”¹³⁷

O autor se glorifica com uma possível versão inédita da história que lhe foi contada, em Minas. Segundo o viajante a beleza de Marília, sempre ressaltada, teria apressado o trágico desfecho da Inconfidência. Uma versão romântica e que cria novo enredo de possibilidades onde já havia tantos outros.

“Infelizmente para o romance, Heloísa foi infidelíssima a Abelardo, como Abelardo foi infiel a Heloísa. Os amantes que ‘morte não poderia separar’ e cujos protestos de constância escritos foram inúmeros, separaram-se depois de descoberta a rebelião (...) Os dois tiveram, contudo, licença de se despedirem para sempre – e a cena foi dolorosa, segundo dizem.”

¹³⁴ Carta de Abelardo a Heloísa.

¹³⁵ Carta de Heloísa a Abelardo.

¹³⁶ BURTON, 1976, p. 303.

¹³⁷ BURTON, 1976, p. 303.

Até aqui Burton vinha contando sua versão e deixando a suspeita de que Marília também havia sido infiel a Dirceu. Mas o autor esclarece:

“E ambos fizeram o diabo, depois disso. Um certo Dr. Queiroga, Ouvidor de Ouro Preto, teve a honra de suplantar o poeta Gonzaga, mas não com ternura legalizada. Dele, D. Maria Dirceu, como era chamada, teve três filhos: Dr. (M. A.) Anacleto Teixeira de Queiroga; D. Maria Joaquina e D. Dorotéia, todos de olhos azuis e cabelos louros. Em Ouro Preto ela é hoje, talvez, mais conhecida como a Mãe do Dr. Queiroga.”¹³⁸

Essa versão de Burton para a história dos amantes Marília e Dirceu solapa e corrói a versão mítica da história de amor construído até aquele momento. Marília, a Heloísa local para o viajante Richard Burton, havia sido infiel a Dirceu, ou Abelardo. Tomás se casara em Moçambique, mas a versão que cabia a Marília era que ela havia permanecido pura e fiel ao amor de Dirceu até que morreu em 1853.

De acordo com a versão que teriam contado para Richard Burton em Ouro Preto, Maria Dorotéia havia tido uma relação íntima e ilícita com um certo Dr. Queiroga, também ouvidor, com quem havia tido três filhos. Uma relação que gerasse três filhos não poderia ser uma relação curta, embora considerada ilegítima para a época, por não ser legalizada com o casamento. Mas como não há até o momento documentos ou outras fontes que possam comprovar tal versão não sabemos se os filhos seriam apenas especulação do viajante inglês.

Lembremos que Maria Dorotéia tinha quinze anos em 1782, quando Gonzaga chegou a Vila Rica, 25 anos quando ele foi deportado para Moçambique em 1792, 43 anos quando Gonzaga faleceu em Moçambique em 1810, casado com Juliana de Souza Mascarenhas desde 1793, e que após a morte do poeta Marília passou ainda 43 anos de sua vida em Vila Rica. Mesmo que a versão de uma relação de Maria Dorotéia com outro homem diferente de Tomás Antônio Gonzaga não possa ser comprovada, seria natural que uma mulher buscasse reconstruir sua vida após uma separação definitiva de outro homem, como Gonzaga já havia feito. Essa seria uma possibilidade comum a qualquer homem ou mulher daquele período ou em outra época qualquer? Se pensarmos nas exigências de honra e pureza para que uma mulher contraísse matrimônio nos séculos XVIII e XIX isso seria uma atitude normal para um homem, mas para uma mulher seria um ato condenável¹³⁹.

“Nos últimos anos, viveu reclusa, só saindo de casa para ir à Igreja, e morreu (1853), com a idade de oitenta anos. Em seu leito de morte, disse ao confessor: “Ele foi separado de mim quando eu tinha 17 anos”. Os que a conheceram bem

¹³⁸ BURTON, 1976, p. 303-4.

¹³⁹ ALGRANTTI, 1999.

descrevem-na como sendo de baixa estatura e conservando, apesar da idade, feições delicadas e “uma boca risonha e breve”, e dizem que seus olhos eram azuis e que os cabelos, tornados brancos, tinham sido meio-louros. Seu amante, curioso é dizer, fez suas madeixas quatro vezes “tingidas do azeviche da noite” e em quatro outras “cachos de ouro”, e o autor da edição favorita das Liras o defende, como só os amigos podem defender.”¹⁴⁰

A versão de Burton, publicada no século XIX em *Viagem do Rio de Janeiro a Morro Velho* circulou como um tipo de literatura que despertava grande interesse dos leitores de várias partes do mundo. Gerou polêmica, curiosidade, animosidades e abriu mais lacunas onde não haviam sido fechadas as anteriores.

Jornal do Comércio

Temos aqui apenas uma pequena nota de falecimento. Nenhuma opinião ou versão emitida diretamente. Apenas um fato, um obituário, e um parentesco comunicado pelo noticiário de um jornal carioca (ANEXO III).

“JORNAL DO COMMÉRCIO

RIO DE JANEIRO - QUARTA-FEIRA, 18 DE JANEIRO DE 1893.

TELEGRAMAS

Ouro Preto 17 de janeiro

Faleceu o major Pedro Queiroga, **neto de Marília de Dirceu**, vítima de lesão cardíaca. Era oficial maior aposentado na Secretaria do Interior, dotado de inteligência e por todos respeitado.”¹⁴¹ [sic]

Thomaz Brandão

Os rumores sobre os amores ilícitos de Maria Dorotéia descritos por Richard Burton, e outros autores, obrigaram seu descendente Thomaz Brandão a publicar em 1932 um livro em desagravo à honra de Marília, denominado também *Marília de Dirceu*, mesmo nome do livro de Tomás Antônio Gonzaga.

Thomaz Brandão era filho de Frederico Augusto da Silva Brandão que, por sua vez, era filho do Coronel Bernardo da Silva Brandão. Este último era filho do Brigadeiro José da Silva Brandão e de Ana Sanches de Seixas da Silva e Ávila, prima em primeiro grau da Marília de Dirceu. Era, portanto, primo de Maria Dorotéia em quarto grau.¹⁴²

¹⁴⁰ BURTON, 1976, p. 304.

¹⁴¹ JORNAL DO COMMÉRCIO - ANO 71 - Biblioteca Nacional - RRc - SPR 00001. Grifo nosso.

¹⁴² TRINDADE, 1951, p. 173-9.

“O objeto do presente livro é a narração verídica do desventurado idílio de Tomas Gonzaga e de D. Maria Dorotéia e simultaneamente a confutação documentada das falsidades divulgadas com referência a ambos.

Para escrevê-lo levamos mais de seis anos a pesquisar, em vários arquivos provas confirmativas do que, por tradição de família, sabíamos de ciência certa.”¹⁴³

Brandão justifica a seriedade de sua pesquisa pela adoção de metodologia e fontes documentais científicas. É como se quisesse reiterar que sua opção de pesquisa não se deu unicamente por um assunto de família, mas como uma necessidade pela busca da verdade. Porém, termina por assumir que buscava comprovação documental para esclarecimento de fatos que conhecia por tradição de família. Fatos que precisavam ser corrigidos publicamente, preferencialmente por meio de livro que pudesse passar a história ao lado dos outros livros que dão suas versões sobre Marília e Dirceu.

Voltemos ao livro de Brandão:

“Capítulo I

Falsidades sobre Marília

A biografia de Marília de Dirceu pode ser resumida em poucas palavras: **foi uma donzela de rara beleza** que teve a desdita de ser amada e decantada por um poeta infelizmente, que lhe conquistara o coração, e estava prestes a desposá-la quando foi preso e condenado a degredo por suposto delito de inconfidência.”¹⁴⁴

Já no primeiro capítulo, o autor deixa claro o que parece ser o propósito primeiro do seu livro de desagravo, reafirmar a castidade de Marília e restabelecer a honra da família. A virtude de donzela atribuída a Marília é o centro da primeira afirmação do autor e o centro de todo o volume junto com as justificativas sobre a genealogia nobre da família. Embora negue isso, os motivos que levaram Brandão a escrever o livro parecem ser conduzidos por razões pessoais.

Mas por outro lado, o autor nos parece bastante coerente na observação de alguns aspectos da história de Maria Dorotéia e das mulheres do período:

“As donzelas formosas de ordinário casam, criam família, envelhecem e morrem, sem que por isso logrem passar à história. Tal se teria dado com Maria Dorotéia, se não fosse o infortúnio de Tomas Gonzaga. Embora por ele decantada, não se pode afirmar que chegaria seu nome à posteridade. Essa encantadora Marília que lhe acendeu o estro, talvez fosse considerada um ideal de beleza feminina, tirado de sua rica fantasia, e não a personificação verdadeira desse ideal que tanto o inflamara.”¹⁴⁵

¹⁴³ BRANDÃO, 1932, p. 5.

¹⁴⁴ BRANDÃO, 1932, p. 11. Grifo nosso.

¹⁴⁵ BRANDÃO, 1932, p. 11-2.

Parece uma idéia clara para o autor a de que Marília só logrou passar à posteridade por causa de sua trágica história com Gonzaga. O autor complementa:

“As mulheres célebres por sua beleza perpetuaram-se na história mais por outras causas, do que pelo prestígio de seus encantos. O nome de Helena, a mítica mulher de Menelau, está ligado à guerra de Tróia; o de Aspásia, esposa de Péricles, ao esplendor da época em que floresceu; o de Cleópatra, rainha do Egito, aos feitos de César e de Antônio, heróis romanos, que ela fascinara.”¹⁴⁶

Mais uma vez, Marília figura entre as mulheres mais célebres da história universal. Ligadas a importantes fatos histórico-políticos, aquelas mulheres, assim como Marília, tiveram seus nomes fixados na história não apenas por sua beleza, mas pela conjuntura de fatos que viveram, cada uma em sua época.

“Ao nome de Gonzaga, que se imortalizou como mártir de uma aspiração política que não teve, ficou perpetuamente vinculado o de sua desditosa noiva, que por tal motivo se tornou incidentalmente uma figura simpática na histórica funesta da conjuração mineira. Tendo entrado assim para a galeria das brasileiras célebres, começaram dela a se ocupar historiadores e escritores, estes em devaneio literário, aqueles na exposição de fatos referentes à vida de Gonzaga. É, porém, de lastimar que uns e outros sem uma averiguação escrupulosa, tenham escrito a seu respeito tantas falsidades, algumas infelizmente indecorosas, as quais, apesar de lhe ultrajarem a memória, vão adquirindo visos de verdade pela insistência e constância com que continuam a ser repetidas.”¹⁴⁷

Quando se diz que alguns historiadores escreveram falsidades sobre Maria Dorotéia Thomaz Brandão é referente, principalmente, a Joaquim Norberto de Souza e Silva e a Richard Burton. O primeiro, por afirmar que Marília morreu em uma rústica choupana, o que feria a posição social da família e, o segundo, por insinuar o caso ilícito de Maria Dorotéia com o Dr. Queiroga com quem teria tido três filhos, fato que feria a honra da família.

Na defesa do que teria escrito Joaquim Norberto, Brandão faz um longo percurso por toda a genealogia da nobre e pura família de Marília com ascendência que remonta a Portugal por parte de mãe e de pai. Não é o caso de incluirmos o estudo a esse trabalho.

Voltando às outras falsidades, Brandão não desmente os três filhos a que se refere Burton, nem que nasceram bastardos, todos os três. Mas, afirma que eles foram gerados por Emerenciana Joana Evangelista de Seixas, nascida a 3 de julho de 1774,¹⁴⁸ caçula das irmãs de Maria Dorotéia. Brandão afirma que:

“Emerenciana cresceu e atingiu a nubilidadade, sempre cercada de desvelos verdadeiramente maternais, que punham a coberto de qualquer macula o arminho

¹⁴⁶ BRANDÃO, 1932, p. 12.

¹⁴⁷ BRANDÃO, 1932, p. 14.

¹⁴⁸ BRANDÃO, 1932, p. 60.

de sua pureza. Cruel destino, porém, parecia persegui-la, expondo sua inocência às ciladas da paixão desvairada que seus encantos tinham acendido, e contra a qual não podia precaver-se por ignorar completamente a maldade humana.”¹⁴⁹

Brandão refere-se aqui ao sedutor Tenente Coronel Queiroga com quem Emerenciana teria tido relações ilícitas e gerado o primeiro de seus filhos bastardos. Segundo Brandão, naquele período Maria Dorotéia morava com o pai na fazenda do Fundão em Itaverava e Emerenciana morava sozinha com duas tias velhas no antigo Solar dos Ferrões em uma área da vila que Brandão considerou despovoado:

“Só, com suas duas tias, que nunca a suspeitariam capaz de entrevistas amorosas, Emerenciana, inocente, inconsiderada, entregue aos impulsos de sua imaginação perturbada, sem um olhar vigilante que a cobrisse do mal, não teve perspicácia para conhecer e esquivar os ardis da sedução que talvez lhe fossem armados pela alcovite interesseira e perversa. Aconteceu-lhe o que estava longe de prever: caiu na armadilha, sem poder livrar-se dela.”¹⁵⁰

Em 1794, após descobrir que estava grávida, Emerenciana recorreu a Anna Ricarda, a terceira das irmãs, casada com Capitão Valeriano Manso da Costa Reis. A irmã a teria ajudado a esconder a gestação do filho da sociedade vilariquense para “abafar o vergonhoso fato tanto quanto fosse possível, revelando-o apenas a uma ou outra pessoa de inteira confiança, a cujo auxílio fosse imprescindível recorrer”.¹⁵¹ Emerenciana foi levada para a fazenda do Manso, propriedade da irmã e do marido, e lá ficou até dar à luz Anacleto que, segundo Brandão, após combinação entre as partes, foi deixado à porta do casal Manoel Ferreira da Silva Cintra e D. Anna Isabel Brasida Ulhoa, sendo batizado e criado por eles como enjeitado:

“Em Vila Rica, sobretudo nos tempos de sua maior população, era muito freqüente o aparecimento de enjeitados. Eram, com raríssimas exceções, filhos de escravas ou de mulheres pertencentes às últimas classes sociais.”¹⁵²

Segundo fonte de Thomaz Brandão, consta do Livro de assentos de batismo da Matriz de Ouro Preto folha 66 que:

“Aos trinta dias do mês de julho de mil setecentos e noventa e quatro, nesta igreja matriz de Nossa Senhora do Pilar de Vila Rica de Ouro Preto, o reverendo coadjutor José Carneiro de Moraes batizou e pôs os santos óleos a Anacleto, inocente exposto à porta de Manoel Ferreira da Silva Cintra, aos treze do mesmo

¹⁴⁹ BRANDÃO, 1932, p. 306.

¹⁵⁰ BRANDÃO, 1932, p. 308.

¹⁵¹ BRANDÃO, 1932, p. 313.

¹⁵² BRANDÃO, 1932, p. 318.

mês. Foram padrinhos o mesmo Manoel Ferreira da Silva Cintra e D. Ana Isabel de Ulhoa, ambos da freguesia de Antônio Dias, do que fiz esse assento.”¹⁵³

Anacleto foi batizado também na Matriz de Antônio Dias. O filho de Emerenciana sabia quem era seu pai, mas só posteriormente descobriu quem era sua mãe. Tanto que assumiu o nome do pai passando a chamar-se Anacleto Teixeira de Queiroga.

Thomaz Brandão afirma que Maria Dorotéia só veio a saber do filho de Emerenciana depois do nascimento, quando a irmã mais nova foi para a Fazenda do Fundão passar uns tempos com ela. Mas não seria impossível que o filho fosse realmente de Maria Dorotéia, afinal ela poderia esperar na fazenda do Fundão até o nascimento da criança e enviá-lo depois como enjeitado seguindo o mesmo plano traçado para encobrir a falta atribuída a Emerenciana.

Anacleto foi enviado para o Rio de Janeiro por Emerenciana para estudar. O rapaz aparece no testamento de Maria Dorotéia como seu herdeiro. A justificativa de Brandão para isso é que com o casamento de Emerenciana com Carlos Melo a revelação de um filho bastardo anterior à relação dos dois envergonharia o capitão. Era necessário, portanto, ampará-lo de outra forma.

“Foi nesta triste conjuntura que teve Dorotéia a abnegação de amparar Anacleto como filho adotivo, sem cogitar que poderia a posteridade lhe infamar um dia a memória com a temerária suposição de ser ele seu filho natural. Ele tinha quase vinte e três anos, e já devia estar adiantado no estudo de humanidades ou matriculado no curso medico cirúrgico, quando Emerenciana se casou. Como ela não podia mais correr com as despesas de sua educação, tomou Dorotéia sobre si tal encargo. Não sabemos em que data ele se formou. Em 1831, era clínico em Ouro Preto.”¹⁵⁴ [*sic*]

O autor completa então sua justificativa de que Maria Dorotéia jamais teve filho bastardo, ou qualquer relação com outro homem. Exceto a intenção frustrada de casar-se com Tomás Antônio Gonzaga. Impedida pela prisão do noivo por causa da Inconfidência Mineira.

O livro de Thomaz Brandão teve uma única edição e uma circulação pequena. É uma peça de arquivos e bibliotecas raras. O livro de Joaquim Norberto Souza e Silva mereceu uma edição da Garnier, circulou bem na época em que foi publicado e o volume de Richard Burton continua a ser editado e lido ainda hoje.

Mesmo com a publicação de livros com idéias tão diversas quanto os de Silva, Burton e Brandão o debate parece que ficou restrito aos autores, poucas pessoas tem acesso a essas informações. A visão pública que permanece é a da Marília imaculada e à espera de seu amor.

¹⁵³ BRANDÃO, 1932, p. 321.

¹⁵⁴ BRANDÃO, 1932, p. 383.

A história do casal Marília e Dirceu, ficcional e idealizada no livro de Gonzaga, continua intocada no imaginário público assim como o de outros casais imortalizados pela literatura e pela história. Como Abelardo e Heloísa, que foram separados por circunstâncias trágicas, mas se uniram na morte, na imaginação das pessoas, e repousam pela eternidade no mesmo túmulo.

Augusto de Lima Jr.

Em 1936 o historiador Augusto de Lima Jr. publicou seu livro denominado *O amor infeliz de Marília e Dirceu*, sua versão para a história do renomado casal. O livro de Lima Jr. pertence a um gênero histórico romanceado e talvez por isso seja lido ainda hoje por um público amplo e leigo ampliando a imagem que ele propaga da musa do poeta Gonzaga. O livro de Lima Jr. permanece como uma edição de grande circulação desde que foi publicado nos anos trinta e acrescentou ganhos específicos àqueles já existentes na idealização e preservação da memória da Inconfidência Mineira.

Segundo o historiador Augusto de Lima Jr., após os acontecimentos da Inconfidência Mineira, outro tema dividia as atenções da população de Vila Rica. Tratava-se de Marília de Dirceu:

“(...) dotada de luzes de espírito e de fortuna, era forte o assédio que lhe faziam os candidatos a esposo. Ela, porém, não traía a memória de Dirceu, cujo culto guardava secreto no fundo do coração.”¹⁵⁵

Volta fortalecida no livro de Augusto de Lima Jr. a imagem mais difundida de Maria Dorotéia, da mulher que permanece por toda a vida apaixonada e fiel à memória do homem amado.

“Muito mais tarde, os sinos dobraram a finados e a notícia da morte de D. Maria Dorotéia Joaquina de Seixas espalhou-se rapidamente por Ouro Preto (...) Em branco caixão, engrinaldado de flores de laranjeira, uma velhinha de oitenta e cinco anos dormia o sono eterno. Finalizava Marília, nesse dia, sua existência, balbuciando entre as orações da agonia o nome adorado de Dirceu.”¹⁵⁶

Repete-se no texto de Lima Jr. o féretro da senhora sepultada com vestes da pureza, grinalda e flores de laranjeira. Muito provavelmente, tomando por fonte o livro de Joaquim Norberto de Souza e Silva que precedeu o presente autor. Uma imagem indestrutível que ecoa e avança sobre o nosso tempo.

¹⁵⁵ LIMA JR., 1936, p. 137.

¹⁵⁶ LIMA JR., 1936, p. 138.

Augusto de Lima Jr. tem outros ganhos no seu trabalho, ganhos que chamou de patrióticos e que sucedem e ampliam o valor da publicação do livro *O amor infeliz de Marília e Dirceu*. O autor foi advogado, historiador e também Ministro da Educação e Saúde Pública do Brasil. No presente livro, Lima Jr. incluiu a transcrição da carta de abril de 1936 que encaminhou ao presidente da República Getúlio Vargas, solicitando interferência no sentido de repatriar os despojos dos inconfidentes. A atitude foi tomada pelo ministro como “ato de justiça que constituirá uma lição de alto valor cívico”.¹⁵⁷ O argumento final do autor para tal pedido ao presidente é de conteúdo nacionalista e sentimental:

“Vós, Sr. Dr. Getulio Vargas, amigo dos escritores e dos artistas, compreenderéis a razão deste pedido que vos dirigimos e vossas próprias mãos deverão depositar, na Sepultura n° 11 da Matriz de Antônio Dias, as escassas cinzas que forem encontradas no chão da Sé de Moçambique. E Deus Nosso Senhor há de permitir que, nesse dia, Dirceu e Marília desçam aos céus de Ouro Preto, para abençoar o brasileiro ilustre que, com sua autoridade, tornou possível o sonho do poeta: ‘Depois que nos ferir a mão da Morte/ Ou seja neste monte, ou noutra serra,/ Nossos corpos terão, terão a sorte, / De consumir os dois a mesma terra’.”¹⁵⁸

Citando poema do próprio Gonzaga que clamaria pela união de Dirceu e Marília, mesmo após a morte de ambos, como Abelardo e Heloísa, Lima Jr. apela ao sentimentalismo patriota do presidente da República em pessoa no sentido de reunir as cinzas dos amantes que nem o tempo, nem a morte poderia separar. O pedido inicial era reunir o casal na então sepultura n. 11 da Matriz do Antônio Dias, a Matriz de Nossa Senhora da Conceição, onde repousava Maria Dorotéia desde 1853. Mas, observando mais atentamente o apelo à união dos restos mortais do casal de amantes da literatura, nos parece trazer à tona um outro desejo nacionalista: ser pedra fundamental para o resgate dos restos mortais de todos os outros inconfidentes num monumento a ser fundado em Minas Gerais.

O pedido do Ministro Augusto de Lima Jr. foi prontamente atendido pelo presidente com o Decreto n. 756-A, do Ministério da Educação:

“Art. 1º - Fica autorizado o Ministro da Educação e Saúde Pública, em combinação com o das Relações Exteriores e o da marinha, a providenciar para que, obtidas as permissões necessárias de quem de direito, sejam exumadas de suas sepulturas nas terras de degredo e transportadas para o Brasil as cinzas dos Inconfidentes, cujos nomes constam da sentença de 20 de abril de 1792 da Alçada Régia no Rio de Janeiro.”¹⁵⁹

¹⁵⁷ LIMA JR., 1936, p. 15.

¹⁵⁸ LIMA JR., 1936, p. 15.

¹⁵⁹ LIMA JR., 1936, p. 16.

O decreto foi publicado em 20 de abril de 1936, data simbólica para o evento por ser o dia de leitura da sentença dos réus inconfidentes no ano de 1792. Como uma combinação de propósitos, o decreto responde e atende rapidamente à carta de solicitação que havia sido encaminhada pelo Ministro ao Presidente Getúlio Vargas. Na seqüência o mesmo decreto também define que conforme “Art. 2º - À cidade de Ouro Preto ficará confiada a guarda desses despojos que, depositados em monumento receberão o culto cívico nacional”.¹⁶⁰

O decreto permitiu a Augusto de Lima Jr. todas as facilidades para localizar e solicitar, em nome do país, o repatriamento dos restos mortais dos inconfidentes, em vários cantos do mundo, e a fundação do Museu da Inconfidência, na antiga Casa de Câmara e Cadeia de Vila Rica, que culminou em grande solenidade cívica na cidade de Ouro Preto no ano de 1942.

O desejo inicial do autor de juntar os restos mortais de Marília e Dirceu não se deu como havia declarado na carta enviada ao presidente. Os restos mortais de Tomás Antônio Gonzaga não foram encaminhados à sepultura n. 11 da Matriz de Nossa Senhora da Conceição. As cinzas trazidas de Moçambique chegaram de trem, seguiram cortejo solene pela cidade de Ouro Preto e foram depositadas em Panteão Cívico criado no Museu da Inconfidência para os Heróis da Pátria. Apenas em 1955, foi criado no Museu da Inconfidência um espaço na ante-sala do Panteão dedicado às mulheres. Os restos mortais de Marília de Dirceu foram exumados de seu túmulo e levados para sepultura criada naquele espaço dedicado à memória nacional da Inconfidência Mineira e ao seu lado foi criada também sepultura simbólica dedicada a Bárbara Eliodora.

Tomás Antônio Gonzaga construiu uma família com sua esposa Juliana Mascarenhas. Não temos conhecimento da maneira como os descendentes da família de Gonzaga pensavam a respeito de retirar os restos mortais dele de Moçambique e trazer de volta para o Brasil. Acreditamos que existia o encantamento de ser reconhecido como herói em um lugar que, quando era colônia, havia condenado aquele homem ao degredo por crime hediondo contra o poder da Coroa Portuguesa. Mas existia também a sombra de reuni-lo aos restos mortais daquela outra mulher que ele teria amado antes de constituir sua verdadeira família em terras do degredo. A questão do porque trazer os restos daqueles homens de volta fica no lugar de onde saiu, o lugar das especulações sobre os conflitos menos historiográficos e mais humanos, no lugar da necessidade do homem de se espelhar em heróis reais ou imaginários.

O Museu pertence ao Governo Federal do Brasil, sob gestão do Ministério da Cultura, e abriga o Panteão da Inconfidência para onde foram transferidos os restos mortais dos mais

¹⁶⁰ LIMA JR., 1936, p. 16.

renomados inconfidentes degredados. Panteão que possui também lápide simbólica, em local de honra, dedicada ao herói maior da nação: Tiradentes. O espaço dedicado a Tiradentes é considerado simbólico porque seus restos mortais não estão depositados ali dentro. Em 21 de abril de 1792, após ter sido submetido à pena de enforcamento e esquartejamento, partes de seu corpo foram espalhados em várias partes da capitania de Minas, expostos nas praças e nos caminhos da vila, como exemplo a não ser seguido.

Outro detalhe do livro de Augusto de Lima Jr. são as ilustrações feitas para o livro por um desenhista chamado Seth. Nos desenhos feitos de bico de pena, a imaginação preenche o desejo da sociedade de construir uma imagem de Marília e Dirceu.

Como era intenção do autor:

“A história triste das desditas do poeta ouvidor de Vila Rica, Tomas Antônio Gonzaga, é o que ides ler nesse livro. Procuramos, em rápidos traços, contar ou **reconstituir por desenho**, aos que desconhecem esse episódio sentimental da Inconfidência Mineira, o romance desgraçado de duas criaturas de eleição, cruciadas por longo e duro martírio.”¹⁶¹

Os desenhos mostram um charmoso Tomás cortejando sua amada. Em outra ocasião, o poeta munido de papel e pena a escrever suas liras. Os desenhos ilustram também uma Marília que evolui de moça bonita, como a imagem descrita pelo poeta, até uma Marília madura e outra ainda em avançada velhice (ANEXO V).

Rodrigues Lapa

Rodrigues Lapa foi um dos responsáveis por atribuir a Tomás Antônio Gonzaga a autoria das Cartas Chilenas. Poemas satíricos de ironia ao Governador da Capitania de Minas, Luiz da Cunha Menezes, conhecido nas cartas por Fanfarrão Minésio.

Boa parte do texto e de referências de Lapa sobre Marília e Dirceu já foram utilizados quando foi introduzida a história de Tomás e de Maria Dorotéia no início deste capítulo. Neste parágrafo, sobre a versão do autor, falaremos de parte ainda não citada do tema na visão de Rodrigues Lapa, ou ainda do que julgamos relevante para a compreensão da formação da imagem e do mito de Marília de Dirceu, segundo a visão do pesquisador.

Em seu livro *Obras Completas de Tomas Antônio Gonzaga*, publicado em 1942, Lapa expõe opiniões um pouco diversas daquelas que se conhece até então. Não se detém apenas na

¹⁶¹ LIMA JR., 1936, p. 14. Grifo nosso.

obra de Tomás, mas também aborda a relação com sua noiva e musa inspiradora. Com o mais reconhecido uso de fontes, conhecido até hoje, seu livro circulou mais amplamente no meio acadêmico.

Segundo versão do autor:

“Marília correspondia àquele afeto com uma simpatia agradecida, em que havia a vaidade da rapariga bonita, que vê a sua formosura levada aos quatro ventos nas asas da poesia. As estrofes mimosas do ouvidor criavam nela uma exaltação deliciosa quando as lia, mas não era o amor, nunca foi o amor, o verdadeiro amor, como se viu mais tarde.”¹⁶²

E Lapa justifica sua opinião inclusive:

“A família também não veria com entusiasmo o casamento, dada a diferença da idade e sobretudo de fortuna. O namorado nada tinha.”¹⁶³

Lembremos da referência de Lapa, citada no texto acima, sobre Gonzaga ter conhecido Maria Dorotéia quando freqüentava a casa do tio dela, na busca por amizades dentre influentes famílias da sociedade de Vila Rica.

“Por entre (...) complicações políticas e administrativas, os amores de Gonzaga seguiam bom rumo, entrecortado, é certo, com as dificuldades próprias desta espécie de navegação. Se a atitude valorosa do namorado o elevava a seus olhos de brasileira de Minas, não é menos verdade que os tios, gente ligada às esferas oficiais, deviam ver agora com justificada apreensão as perspectivas daquele casamento. Gonzaga estava sendo um elemento irrequieto, uma espécie de chefe de conspiração, e isso poderia trazer a Marília um futuro de dissabores.”¹⁶⁴

De certo que as denúncias de Gonzaga contra a tirania do Governador e as preferências e interferências em arrematações de contratos e outros casos administrativos da capitania faziam alarido indesejado para muitos. Embora o mais incomodado com os desmandos do Fanfarrão Minésio sempre pareceu ser o próprio Gonzaga. Foi por isso que:

“Quando se soube, nos fins de 1787, que vinha administrar a capitania o visconde de Barbacena, Gonzaga e os seus adeptos ficaram satisfeitos. Era um amigo e um homem culto, que decerto viria remediar os males provocados pela tirania de seu antecessor (...) Essa feliz circunstância devia ser decisiva para apressar o beneplácito do pai e tios de Marília na realização do casamento.”

A história nos conta que não foi isso que aconteceu. Com a escassez de ouro e a cobrança do quinto veio a ameaça de rebelião.

¹⁶² LAPA, 1942, p. XIX.

¹⁶³ LAPA, 1942, p. XIX.

¹⁶⁴ LAPA, 1942, p. XXIII, XXIV.

“O seu casamento e sua partida para a Bahia também se achavam singularmente demorados. Gonzaga estava vendo no que davam as coisas. Quando teve rumores do malogro da conjura, entendeu dever apressar a sua partida, com receio de se ver envolvido em toda aquela meada.”¹⁶⁵

Lapa ainda acusa Gonzaga de se aproveitar do casamento marcado não apenas como uma desculpa que usou para permanecer em Vila Rica, mesmo depois de estar sendo aguardado para novo cargo na Bahia. Parecia estranho que primeiro adiasse tanto um casamento já autorizado e que depois quisesse repentinamente apressá-lo:

“Hábil como era, aproveitou mais tarde o fato, fazendo ressaltar o absurdo de ser conjurado e estar tratando dos aprestos do casamento e da partida. Não escapou ao juiz, o experimentado e severo Coelho Torres, este estrategema do prisioneiro. Gonzaga tratou com mais força da sua retirada, quando soube que o levante tinha falhado. Procurou escapular-se, mas já não foi a tempo.”¹⁶⁶

A denúncia dos inconfidentes e a prisão de Gonzaga sendo levado para longe de sua noiva Maria Dorotéia, a quem jamais voltaria a ver, encheram de clamor e suspiros os leitores da obra *Marília de Dirceu*.

“Barbacena (...) A 21 de maio deu ordem para que fosse preso Tomás Antônio Gonzaga e apreendidos todos os seus papéis. O noivo de Marília, em vésperas de casamento, foi remetido para o Rio de Janeiro e encerrado na fortaleza da Ilha das Cobras.”¹⁶⁷

Tomás Antônio Gonzaga havia sido nomeado Desembargador da Relação da Bahia desde 1786,¹⁶⁸ ano em que deixou de ser Ouvidor de Vila Rica, é estranho que em 1789, quando explodiu a denúncia da Inconfidência Mineira, ele ainda estivesse por Minas Gerais. Segundo Lapa, a desculpa usada pelo poeta foi que aguardava para se casar com Maria Dorotéia. Mas, passados três anos de sua nomeação e como a família da noiva já havia concordado com o casamento, qual explicação pode ser dada pelo antigo Ouvidor para não ter se casado e ido embora assumir seu novo cargo na Bahia? Por isso, Lapa argumentou que se tratava de mais um motivo para fortalecer as suspeitas de que Gonzaga estava em Minas conspirando contra a Coroa Portuguesa. Depois de denunciado o movimento porque o noivo tratou de correr para marcar para 30 de maio o casamento que vinha sendo adiado há tanto tempo?

¹⁶⁵ LAPA, 1942, p. XXIX,XXX.

¹⁶⁶ LAPA, 1942, p. XXX.

¹⁶⁷ LAPA, 1942, p. XXXII.

¹⁶⁸ FURTADO, 1995.

Eduardo Frieiro

A primeira edição do livro *O diabo na livraria do Cônego* de Eduardo Frieiro é de 1957. Publicação reeditada e bastante conhecida por grande número de leitores brasileiros. O autor tratou em seu volume de várias personalidades mineiras, a principal delas foi o Cônego Luiz Vieira da Silva, mas também escreveu sobre governantes e alguns inconfidentes dentre os quais está Tomás Antônio Gonzaga, único que nos interessa para este trabalho.

Para Frieiro:

“A história do idílio amoroso de Tomás Antônio Gonzaga e Maria Dorotéia, como chegou até nós, segue quase à risca o que o poeta deixou expresso na *Marília de Dirceu*. E essa história idealizada, recomposta pouco depois, já em plena época romântica, tem por esse e por outros motivos um cunho marcadamente romanesco.”¹⁶⁹

Frieiro não romantiza excessivamente o amor do poeta e sua musa, chega a dizer que “Há muito derretimento e melosidade nas líras de Dirceu (...) Os portugueses sempre tiveram fama de muito sentimentais e derretidos em amor”.¹⁷⁰ O autor completa ainda ser o “culto do ‘amor-adoração’, dentro ainda de uma cenografia pastoril e mitológica, o que achamos na parte exterior e formal da *Marília de Dirceu*”.¹⁷¹ Significa que Frieiro parece mais partidário de opiniões como aquelas emitidas por Richard Burton e até mesmo por Lapa. Opiniões que preferem questionar ao invés de aceitar passivamente a imposição do mito como referência histórica.

Com relação ao amor de Marília por Dirceu, o autor emite opiniões ora alinhadas às de Lapa e ora especulações bastante livres:

“E ela, como correspondia a essa afeição? A resposta tem que ficar no terreno das conjecturas. Cabe entretanto indagar: podia uma adolescente, como Maria Dorotéia, amar um homem quarentão, como já era Gonzaga? O caso pode dar-se, mas não é normal. Mocidade pede mocidade. O mais provável é que Maria Dorotéia houvesse aceitado sem repugnância o noivado que se apresentava, depois de um namoro prolongado e que talvez já dava assunto à gente mexeriqueira.”¹⁷²

Frieiro demonstra domínio de fontes e bibliografia dos escritos sobre Marília. Conhece, por exemplo, o texto de Thomaz Brandão, descendente de Maria Dorotéia, sobre a posição da família com relação ao casamento de ambos:

¹⁶⁹ FRIEIRO, 1981, p. 83.

¹⁷⁰ FRIEIRO, 1981, p. 83.

¹⁷¹ FRIEIRO, 1981, p. 83.

¹⁷² FRIEIRO, 1981, p. 84.

“(...) embora o professor Thomas da Silva Brandão, na biografia apologética que escreveu da sua remota parenta Dorotéia, tenha asseverado – incomprovadamente – (...) que a família da moça não fazia gosto no casamento, porque Gonzaga era muito mais velho que ela e ademais não poderia fixar residência em Vila Rica, visto serem os magistrados amovíveis trienalmente.”¹⁷³

E volta mais tarde em seu texto na defesa feita por Brandão sobre a honra da família:

“Saindo em desagravo da memória de Maria Dorotéia, escreveu o professor mineiro Tomás da Silva Brandão a obra *Marília de Dirceu* (...) na qual buscou recompor a verdade dos fatos e restaurar, ao menos em parte, o lustre do brasão dos Brandões, Silvas, Ávilas e Ferrões, famílias aparentadas, às quais se ligava a noiva de Gonzaga.”¹⁷⁴

Esclarece ainda para novas gerações de leitores qual a explicação para os três filhos que Burton teria dado a Marília:

“Os três filhos louros e de olhos azuis, asseverou o Professor Silva Brandão, não eram de Dorotéia e sim de sua irmã Emerenciana, moça de costumes folgados, também solteira. Ficou satisfatoriamente esclarecido o caso? Aparentemente, sim, se se der um crédito de confiança à primeira das duas irmãs.”¹⁷⁵

Como vemos, são sempre muitas opiniões e versões sobre a vida e a família de Maria Dorotéia. Segundo Beatriz Brandão, Emerenciana a irmã de Marília havia se casado com o coronel de cavalaria Carlos José de Mello,¹⁷⁶ portanto não era solteira. Por outro não nos parece conveniente que para limpar a honra da família procure-se retirar as suspeitas de relação ilícita de uma moça colocando-a sobre sua irmã, alguém que pertence à mesma família. Mas se pensarmos que Marília era um modelo conhecido de imagem de mulher pura para todo um país e que é praticamente desconhecida a história de sua irmã Emerenciana seria mais compreensível a manobra que seu descendente tentou fazer. O fato que parece incorrigível é que duas das irmãs da mesma família podem ter tido essas tão condenáveis relações ilícitas na tradicional sociedade mineira.

“Parece que era público e notório em Ouro Preto que Marília tinha sido mãe e avó. Esta idéia horroriza certamente os veneradores da memória da noiva de Gonzaga, os quais só a concebem virgem e pura, fiel à lembrança do namorado poeta, como uma espécie de santa da lenda dourada da Conjuração Mineira. Entretanto, em que é que pode espantar que uma moça de alta prosápia ouro-pretana, como era D.

¹⁷³ FRIEIRO, 1981, p. 84.

¹⁷⁴ FRIEIRO, 1981, p. 88.

¹⁷⁵ FRIEIRO, 1981, p. 88.

¹⁷⁶ BRANDÃO, in *MARMOTA FLUMINENSE* - Jornal de Variedades n. 348 - Biblioteca Nacional - PRSOR 00284[2-4]. Numeração e sublinhado nosso.

Maria Dorotéia, tivesse amores e fosse mãe solteira? Muitas princesas reais o foram, e muitas sinhazinhas de famílias emproadas.”¹⁷⁷

Frieiro cita também fontes já incluídas neste texto, como a do *Jornal do Comércio* com o noticiário da morte do possível neto de Marília e o diário de viagem do Imperador D. Pedro II a Minas em 1881:

“Fui ver a casa de Marília de Dirceu onde se conservam uma cadeira e o cabide na alcova que dormia. Cortaram os pinheiros que havia no fundo da pequena chácara. A capela em ruínas junto à qual se reclinava Gonzaga para contemplar a casa de Marília tem invocação das Dores.”¹⁷⁸

Parece-nos que Marília de Dirceu, a casa onde ela morou e seus objetos pessoais, a casa de onde o Ouvidor Tomás Antônio Gonzaga morou, esse e outros locais de onde observada sua amada e outros pontos já estavam marcados como pontos de interesse público. Até o Imperador D. Pedro II quando visitou a cidade, passou por eles e os relatou em seu diário de viagem.

O trabalho de Frieiro parece, portanto, baseado em fontes de localização segura. Suas interpretações se juntam às de outros autores. Cada um deles se apropria de uma visão existente de Marília de Dirceu e soma a elas, a sua. É, portanto, um tema que nunca se esgota e sempre se amplia.

Cecília Meireles

*Pungia a Marília, a bela,
negro sonho atormentado:
voava seu corpo longe,
longe, por alheio prado.
Procurava o amor perdido,
a antiga fala do amado.
Mas o oráculo dos sonhos
dizia a seu corpo alado:
“Ah, volta, volta, Marília,
tira-te desse cuidado,
que teu pastor não se lembra
de nenhum tempo passado...”
E ela, dormindo, gemia:
“Só se estivesse alienado!”¹⁷⁹*

¹⁷⁷ FRIEIRO, 1981, p. 88.

¹⁷⁸ Anuário do Museu Imperial, vol. XVIII, 1957, p. 78-9.

¹⁷⁹ MEIRELES, 2008, p. 183.

A autora é reconhecida como uma das mais importantes vozes líricas da literatura brasileira e de língua portuguesa.

O livro *Romanceiro da Inconfidência* começou a ser concebido em 1943, quando Cecília foi a Ouro Preto como jornalista. Na cidade guardada e perdida no tempo, a poetiza sentiu-se mobilizada por acontecimentos históricos, amorosos, dramáticos, pelo cenário e a história dos Inconfidentes e inúmeros outros personagens. Sua publicação aconteceu no ano de 1953, fruto de longos anos de pesquisas históricas sobre a vida literária, cultural e política do século XVIII.¹⁸⁰

A proposta de Cecília Meireles é de recompor o passado e a história da Inconfidência por meio de suas poesias. Concebe assim um verdadeiro Panteão literário para aqueles personagens históricos.

A mistura se dá em todos os sentidos. É impossível dissociarmos história e ficção na obra poética *Romanceiro da Inconfidência*. No livro, o imaginário de Cecília Meireles oferece ao público terreno fértil para reviver a Inconfidência e seus acontecimentos mais emblemáticos, míticos e imaginários.

Numa Conferência proferida na Casa dos Contos de Ouro Preto em 20 de abril de 1955 (aparece aqui novamente o dia da leitura da sentença dos Inconfidentes), a própria autora nos diz de seus sentimentos de poetiza com relação à cidade e aos personagens tão vivos em sua obra:

“Dos grandes edifícios, um apelo irresistível me atraía: as pedras e as grades da cadeia contavam sua construção – o suor e os castigos incorporados aos seus alicerces; o palácio dos governadores ressoava com as irreverências de Critillo; a Casa da Ouvidoria mostrava na sombra o desembargador-poeta, louro, amoroso, suave, com um pré-romantismo inglês a amadurecer nos olhos azuis (...) o Largo de Dirceu estava cheio de mensagens à procura do palácio da Amada e das suas sonoras fontes; a igreja de Antônio Dias deixava passar a Marília menina, Marília adolescente, Marília feliz, Marília triste, Marília encarquilhada, Marília morta (...)”¹⁸¹

Marília sempre aparece como figura que une os sentimentos de puro amor e de piedade pela perda, pelo sacrifício heróico da permanecer na solidão até a morte. A obra de Cecília Meireles, assim como a do próprio Tomás Antônio Gonzaga, caminha na linha tênue

¹⁸⁰ MELLO, in MEIRELES, 2008.

¹⁸¹ MEIRELES, 2008, p. 17.

que separa história de ficção, lacunas da realidade e fantasia: “Deixei Ouro Preto - e seguiram comigo todos esses fantasmas” .¹⁸²

RETRATO DE MARÍLIA EM ANTÔNIO DIAS

*(Essa, que sobe vagarosa
a ladeira da sua igreja,
embora já não mais o seja,
foi clara, nacarada rosa.*

*E seu cabelo destrançado,
ao clarão da amorosa aurora,
não era esta prata de agora,
mas negro veludo ondulado.*

*A que se inclina pensativa,
e sobre a missa os olhos cerra,
já não pertence mais à terra:
é só na morte que está viva.*

*Contempla todas as mulheres
a mansidão das suas ruínas,
sustentada em vozes latinas
de réquiens e de misereres.*

*Corpo quase sem pensamento,
amortalhado em sede escura,
com lábios de cinza murmura
“memento, memento, memento...”*

*ajoelhada no pavimento
que vai ser sua sepultura.)¹⁸³*

¹⁸² MEIRELES, 2008, p. 19.

¹⁸³ MEIRELES, 2008, p. 200.

CONCLUSÃO

Percorremos na presente pesquisa uma trajetória temporal extensa, considerada relativamente de longa duração para um trabalho historiográfico. Essa foi nossa opção inclusive para demonstrar que os mitos têm fôlego para atravessar o tempo sem se abalarem e, pelo contrário, até se fortalecendo ao longo de sua passagem. Embora os aparentes objetos de nosso estudo tenham nascido em 1744 (Tomás Antônio Gonzaga) e 1767 (Maria Dorotéia Joaquina de Seixas), nosso verdadeiro objeto está situado entre 1792 (publicação da primeira parte do livro *Marília de Dirceu*) e 1953 (publicação do *Romanceiro da Inconfidência*).

Concluimos que a morte de Maria Dorotéia em 1853 consolidou e cristalizou uma imagem dela pré-existente na sociedade brasileira. No obituário publicado pelos jornais do Rio de Janeiro, capital do Brasil na época, Marília já aparecia como a noiva do poeta inconfidente que mesmo depois da separação definitiva do homem que amava se preservou pura ao amor dos dois até morrer em idade avançada de 85 anos, em uma Ouro Preto quase abandonada e que em breve deixaria inclusive de ser capital de Minas Gerais.

Essa é a imagem cristalizada e mais comum de Marília que permaneceu como um modelo de comportamento a ser seguido pelas moças e pela sociedade do XVIII e do XIX. A mulher que permaneceu casta e donzela, como tentou provar seu descendente Thomaz Brandão no livro publicado em 1932, uma busca por restabelecer a honra de Maria Dorotéia.

Depois de sua morte e após Marília entrar para a galeria de *Brasileiras Célebres* do livro de Joaquim Norberto de Souza e Silva em 1862, vemos passar esporádica e estrategicamente ao fundo da história brasileira, a figura singela de Marília. Heroína nacional da qual se apropriaram republicanos e nacionalistas na constituição da galeria de heróis brasileiros. Apropriaram-se da figura de Marília também ministros e presidentes com objetivo da fundação de seus monumentos como foi o caso de Augusto de Lima Jr., Marília e Dirceu sempre serviram aos mais diversos propósitos ao longo de nossa história.

Mas existe a outra face da moeda, a dos autores que buscaram revelar uma possível verdade sobre Maria Dorotéia, a mulher que nasceu e viveu em Vila Rica. Verdadeira ou não a versão plantada por Richard Burton de que Maria Dorotéia teria tido filhos de uma relação ilícita não é lembrada pelos admiradores do amor monumental de Marília e Dirceu. As versões de que ela nem amou de verdade Tomás, por ser muito moça para isso e ele muito mais velho que ela, como relataram Lapa e Frieiro, foram menos levadas a sério ainda. O que permanece no imaginário coletivo é que lendo os poemas que Dirceu escreveu para sua Marília seria impossível acreditar em tais histórias. Somamos a isso o fato de Tomás ter

escrito boa parte dos seus versos enquanto estava preso na masmorra da Ilha das Cobras no Rio de Janeiro entre 1789 e 1792, enquanto aguardava seu julgamento como rebelde súdito da Coroa Portuguesa. Está feita a confusão entre realidade e ficção. Juntando a esse contexto a força dos versos de uma das obras mais lidas até hoje desde o século XVIII e fica difícil apagar ou contestar a força de uma das histórias mais conhecidas do imaginário popular brasileiro.

Mesmo depois de tantas publicações sobre Marília, fontes contrárias e julgamentos conflitantes é a imagem do mito que novamente será reforçada pela publicação do *Romanceiro da Inconfidência* em 1953. É de amplo conhecimento popular que as duas obras que ancoram e ladeiam o presente trabalho são obras de ficção, a de Tomás Antônio Gonzaga e a de Cecília Meireles, mas mesmo assim é difícil aos leitores e às vezes até aos mais esclarecidos estudiosos, apartarem realidade de fantasia.

A criação de Cecília Meireles está repleta de tudo o quanto pode ecoar sobre os mitos de personagens da Inconfidência Mineira, como era intenção da autora. Não citamos exaustivamente os poemas do *Romanceiro da Inconfidência*, a obra está lá para quem quiser conhecer. Para se envolver na névoa que paira sobre a antiga Vila Rica, para isso basta lê-lo e se transportar até um lugar e um tempo que permanecem vivos na imaginação das pessoas. Esse é o desígnio de mitos de tanta força que se emaranham entre épico, histórico, ficcional. Afinal qual é a maior referência e realidade presa no tempo daquelas pessoas que viveram entre os séculos XVIII e XIX ou da criação feita sobre elas? Tão completamente nossos desconhecidos e ao mesmo tempo e aparentemente tão próximos de nós. Isso provavelmente não será apurado jamais. Aí reside sua eternidade.

MARMOTA FLUMINENSE

JORNAL DE MODAS E VARIEDADES.

Publica-se, ás Terças e Sextas feiras, na EMPREZA TYP. — DOUS DE DEZEMBRO — de PAULA BRITO, IMPRESSOR DA CASA IMPERIAL, praça da Constituição n. 64, onde se recebem assignaturas a 5\$000 réis por seis mezes, pagos sempre adiantados. Numeros avulsos, 80 réis.

Nas vistas desta MARMOTA
Hade ter sempre o leitor,
Com singeleza, e verdade,
Tudo o que houver de melhor.

A MARMOTA.

EXTRACTOS.

Em um dos numeros do *Jornal para fazer rir*, vem um artigo debaixo do seguinte titulo

Nós não sabemos fumar.

e logo abaixo d'elle, acham-se as seguintes linhas:—

Em uma serie de cartas sobre a França, publicadas pela *Gazeta de Ausburg*, lemos o seguinte.

— «O que falta á mocidade Parisiense é o sentimento intimo e grave, a — convicção.— Por toda a parte o espirito submerge a *alma*; o *parecer* todo o lugar de *ser*. Nenhuma bussola moral, nenhum respeito pelas verdades consagradas pela accumulção dos seculos! A mocidade presente não sabe nem pensar, nem sentir, nem rir, nem ouvir, nem escutar: o que ella sabe é *fumar* . . . »

Em verdade (continúa o *Jornal para rir*) é este um retrato que não deixa nada a desejar! A semelhança é perfeita! O que é unicamente de lamentar é que ella pecca por injusta; por quanto, *a mocidade Parisiense não sabe fumar*. Geralmente Paris supõe que *fuma*, mas está em erro.

— Como assim?

— Eu lh'o vou provar. Um de meus amigos, chegado de Cuba, disse-me que em Havana todos chateam dos fumadores francezes; e têm toda a razão. Em Havana, os padres, os frades, as freiras, as senhoras de distincção, as criadas, as meretrizes, os magistrados, os generaes, enfim, todo o mundo fuma. Fuma-se nas ruas, nos bailes, nos conventos, nos theatros, nas igrejas, nas lojas; em summa, em toda a parte. Aquelle que se apresentasse no camarote de um theatro sem ser com o charuto na boca, cahiria logo no ridiculo. Uma negra não sahe á rua sem trazer o charuto na boca, atraz da orelha, ou mettido no cabello. Sem charuto, um Havanense é um ser incompleto. Desde que vem ao mundo, fuma, e quando não fuma, então está morto.

Vêdes, pois, quanto a este respeito Paris está no regresso! A *Gazeta de Ausburg* errou, portanto, quando disse que a mocidade Parisiense não sabe nem pensar, nem sentir, nem pedir, nem ouvir, nem escutar, e que a única cousa que ella sabe, é *fumar*.

A mocidade Parisiense o que não sabe é fumar. Quanto ao mais, *tudo é exacto*.

Conclusão da Marmota.

Não sabendo fumar a mocidade Parisiense, como o prova o *Jornal para rir* (aqui falta uma virgula) *dos Francezes*, e dizendo elle que é exacto tudo o mais que diz a *Gazeta d'Ausburg*: o que fica sabendo então essa mocidade?

Marilia de Dirceo.

Já não existe a desditosa amante do infeliz GONZAGA! O *Mercantil* de 19 do corrente dá a seguinte noticia, á qual cumpre accrescentar, que a constancia de *D. Maria Joaquina Dorothea de Seixas*, foi tal, que nunca quiz tomar estado.

« Falleceu no dia 11 do corrente, na cidade do Ouro Preto, *D. Maria Joaquim Dorothea de Seixas*, conhecida pelo nome de *Marilia de Dirceo*, que immortalizou o genio de *Gonzaga*. A musa inspiradora do grande poeta falleceu com 83 annos de idade, segundo o seu proprio testemunho. O sentimento que lhe dominára e absorvêra a vida inteira era tão forte e profundo, que apesar da idade e do lento trabalho do tempo, que fana as flores e derroca monumentos, 30 dias antes de morrer ainda fallava com lagrimas do desterrado de Angoche! « Quando ELLE foi preso, eu tinha 17 ou 18 annos, e tinha-me contratado com ELLE para nos casarmos, » dizia ella ao Snr. Dr. Mello Franco, com quem conversava.

« O modesto féretro que encerra o corpo desse typo de belleza, será d'ora ávante um constante motivo de saudosos pensamentos para os corações sensiveis, e o dia de sua morte uma data historica para o paiz! »

HISTORIA SAGRADA.

Lição XXII.

Já vai o sol declinando,
Já por aquelles outeiros
Se vão juntando os rebanhos,
Balando os mansos cordeiros!

Os lavradores despegam
Da terra os curvos arados,
E vão com sereno passo
A ceivar os bois cansados!

Vamq-nos aproveitar
Do curto resto do dia,
Fazendo o nosso passeio
Onde eu hoje te dizia.

MARMOTA FLUMINENSE.

Com lagrimas, e jejuns
Clamaram ao Summo Deus,
Que os ajudasse a vencer
Tantos inimigos seus.

Divina revelação
Animou os Israelitas,
E desta vez destruíram
Os rebeldes Benjamitas.

Reduzindo tudo á cinzas,
Quasi todos lhe mataram,
E pelos bosques visinhos
Seis centos só escaparam.

Magoados os Hebreos
Desta Tribu se perder,
Assentaram que devia
Novamente renascer.

Conformes neste projecto,
Peram as filhas donzellas
Aquelles seis centos homens
Para casarem com ellas.

Temos outra historia agora
Tambem rara, e admiravel,
Que Deos quiz que um só Livro
Se escrevesse por notavel.

E' esta a historia de Ruth.
De alta consideração;
Toma bem sêntido nella,
Ouve-a com toda attenção.

Havia em Belém um homem,
Que Elimelech se chamava;
E a mulher era Noëmi,
A quem com extremo amava.

Este só tinha dous filhos,
E pobremente vivia,
Sem meios na grande fome,
Que em Judéa então havia.

Resolveu mudar de terra
Com seus filhos e mulher,
E no paiz de Moab
Se foi estabelecer.

Mas passado pouco tempo,
Os seus dias terminou,
E Noëmi com seus filhos
Ali vivendo ficou.

Tratou logo de os casar,
Um com Orpha carinhosa,
E o outro casou com Ruth,
A mais bella e virtuosa.

Assim passavam contentes;
Mas eis que a roda fatal
Da fortuna desandou,
Produzindo maior mal.

Os dous filhos de Noëmi
D'igual sorte ambos morreram.
Sem fortuna consid' ravel
Depois que a patria perderam.

Ficou a afflicta viuva,
Tendo já tanto soffrido,
Em um paiz tão remoto,
Sem filhos, e sem marido.

Na companhia das Noras
Desta sorte assim vivia,
Mas ás terras de Judéa
Outra vez tornar queria.

Pedio-lhes que a acompanhassem,
Porém Orpha não quiz ir,
Só a virtuosa Ruth
Promptamente a quiz seguir.

Disse-lhe, que aonde ella fosse,
E onde os seus dias findasse,
Constante iria tambem,
Sem que jámais a deixasse.

Que ao seu Povo de Israel
Queria unir-se Belém;
E que o Deos, que ella adorava,
Seria o seu Deos tambem.

Verás agora de Ruth
A virtude singular:
De constancia com que foi
A Noëmi acompanhar.

Mas fique isto reservado,
Sem passarmos adiante,
Para a Lição de amanhã,
Que hade ser interessante.

Marilia de Dirceo.

D. Maria Dorothea de Seixas Mairink foi filha de D. Maria Dorothea de Seixas Ferrão, e do capitão de cavallaria Balthazar João Mairink, e neto do tenente-general Bernardo da Silva Ferrão, e sua mulher D. Francisca de Seixas da Fonseca Borges. Têve mais quatro irmãos, que a precederem na sepultura, ainda que mais moços. José Carlos Mairink, senador do imperio, Francisco de Paula Mairink, tenente-coronel de cavallaria, pai de José Carlos Mairink, negociante bem conhecido nesta Praça. D. Anna Ricarda de Seixas Mairink, casada com o capitão de cavallaria Valeriano Manso da Costa Reis, de quem são parentes proximos os Snrs. Sayão Lobato, e Emerenciana Evangelista de Seixas Mairink, casada com o coronel de cavallaria Carlos José de Mello. A que é objecto da presente memoria, esteve sempre ao abrigo de nossas tias e tio o marechal João Carlos Xavier da Silva Ferrão, que a deixou por sua herdeira. Prescindindo dos arroubos de um amante poeta, Maria Dorothea gozava os foros de uma completa belleza. Era de estatura mais que mediana, esbelta e sem ser magra, alva de neve, faces de rosa, olhos negros e grandes, boca pequena e graciosa, ornada de bellos dentes: madeixas de ebano que se enrolavam naturalmente em lustruos anneis sobre uma fronte de branco esmalte.

Meus louvores devem ser suspeitos á vista dos laços do sangue que tão de perto nos prendiam, pois somos filhas de duas irmãs; mas, ainda que poetisa, sou verdadeira, e posso affirmar, por minha fé, que o retrato que della fez *Gonzaga* é tão exacto, que nada deixa a dizer; quanto ao physico, só accrescentarei que Maria Dorothea era dotada de espirito vivo, e elegancia natural; tinha bons ditos, respostas promptas e adequadas; lembranças felizes, que faziam apreciavel sua conversação, sempre adubada desse sal attico, que tambem a fazia muitas vezes temivel, quando propendia para o sarcasmo, que praticava com a maior graça e firmeza.

Depois da morte de nosso tio, começaram a viver isolada, e algumas pessoas, que desovjavam conhecê-la, eram obrigadas a procurar pretextos, e mesmo estratagemas, e nem todas conseguiam o fim.

Assim passou Maria Dorothea os ultimos annos da sua longa vida em praticas de devoção e caridade, doce recurso do nosso sexo, quando fogem ás illusões da mocidade; contudo, ella tinha sido sempre religiosa.

E' quanto posso dizer de minha fallecida Prima; pois não fui ainda instruida das circumstancias da sua morte, que devem ser as ordinarias em uma pessoa da sua idade.

Vós outros, apaixonados de *Gonzaga*, que tanto vos tendes interessado, e enternecido pela catastrophe de seus desafortunados

amores, recebei esta noticia fiel da sua *Marilia*, e dáe-lhe essa lagrima de saudosa recordação, que tanto merecem os desgraçados amantes!

**A MORTE
de D. Maria Dorothea de
Seixas Mairink.**

Essa belleza, que immortalisára
Do mais terno amador a accordo lyra,
Essa *Marilia de Dirceo* querida,
Cessou de respirar!.. Já não existe!
Cerraram-se esses olhos poderosos,
Que inspiraram tão doces pensamentos
Ao Vate delicado, e inda nas sombras
Da esqualida masmorra, illuminava
O coração e a mente atribulados
Da victima infeliz da prepotencia;
Onde instruido de amorosa industria,
Tinta e penna formou de especie nova,
Para escrever á sua bem amada,
E com traços de fogo pintar-lhe
De seu infausto amor toda a vehemencia!

Foste amada, *Marilia*, e se o teu nome
Á par de *Laura*, e *Beatriz* resda
No orbe litterato; se interessa
Teu destino aos mortaes, a amor o deves!
O amor de um Vate dá posteridade,
E inda mais, se as desgraças o sellaram!..
Dirceo o tinha dito, inda no tempo
De suas mais suaves esperanças,
Nesta lyra tão simples, tão sincera,
Tão cheia de conceito, e de verdade!

— « Minha *Marilia*,
Si tens belleza,
Da natureza
E' um favor;
Mas si aos vindouros
Teu nome passa,
E' só por graça
Do deos de amor,
Que terno inflamma
A mente, e o peito
Do teu Pastor! »—

Foste linda, *Marilia*, foste amavel;
Possuias mil dotes agradaveis;
Mas o tempo teria mergulhado
Nos abysmos do eterno esquecimento,
Todos esses encantos, se os suspiros
De um Vate apaixonado, modulados
Ao pathetico som da branda lyra,
Não tivessem teu nome eternizado!
A desventura aviva-lhe a memoria:
As desgraças de amor são mais tocantes:
Abailard, e *Heloise*, serão sempre
Objectos de piedosa sympatia;
Assim do teu cantor o acerbo fado
Se nos antolla, quando contemplamos
Nesse véo mortuareo, que te envolve,
Na mudéz dessa lousa, que te esconde
Aos olhos dos mortaes, não á memoria:
Que em quanto houverem corações sensiveis,
Amor, e Poesia, os gratos nomes
De — *Marilia e Dirceo* — serão lembrados,
Seu amor e desgraças memorados!..

Beatriz Francisca de Assis Brandão.

HELENA OSTROROG.

Novella Polaca do seculo XIX.

(Continuação da carta do n. 347).

« Havia junto de *Kamieniec-Podolski* uma rica viuva, amada de todo o mundo por sua bondade e beneficencia. Nunca infeliz algum lhe tinha implorado em vão; alliviava a mi-

RIO DE JANEIRO ANNO 71—N. 10

CENTRAL FEDERAL DE NETHERONS

FOR ANNO..... 363000
 FOR SEIS MEZES..... 201000
 FOR TRES MEZES..... 109000

Subscriptiones annuatim: pde comecar em qualquer dia, mas sempre em fim de Março, Junho, Setembro ou Dezembro. Não se recebem assinatura por menos de tres meses.

Escreva pto, rua de Curitiba n. 61
 Rio de Janeiro

JORNAL DO COMMERCIO

Propriedade de Rodrigues & C.

QUARTA-FEIRA 18 DE JANEIRO DE 1933

ESTADOS

FOR ANNO..... 401000
 FOR SEIS MEZES..... 233000
 FOR TRES MEZES..... 113000

A assinatura paga-se adiantada; pde comecar em qualquer dia, mas sempre em fim de Março, Junho, Setembro ou Dezembro. Não se recebem assinatura por menos de tres meses.
 Escreva pto, rua de Curitiba n. 61
 Rio de Janeiro

...
 fez-lhe significativa visita.—**Henrico Esteres**—**Mica-**
elis, professoras da Escola Normal.

OURO-PRETO, 17 de Janeiro

Deu-se um grande desastre entre as estações Ro-
 drigo Silva e Triunfy. Um trolley com trabalhadores
 da Estrada de Ferro encontrou um trem de lastro,
 resultando de choques a morte de tres e ferimentos
 graves em cinco. Estes últimos foram recolhidos no
 hospital desta cidade. Os trabalhadores victimas do
 desastre são honestos pais de familia. O facto pro-
 duziu grande emoção.

— Falleceu o major Pedro Queiroga, neto de Ma-
 rília de Diniz, victima de lesão cardíaca. Era offi-
 cial-maior aposentado da Secretaria de Interior, do-
 tado de intelligencia culta e por todos respei-
 tado.

— Continua animadissima hoje a festa da Escola
 Normal. Esse importante estabelecimento tem 300
 alunas matriculadas.

O Dr. Joaquim Alêis tem sido muito visitado e

ANEXO IV

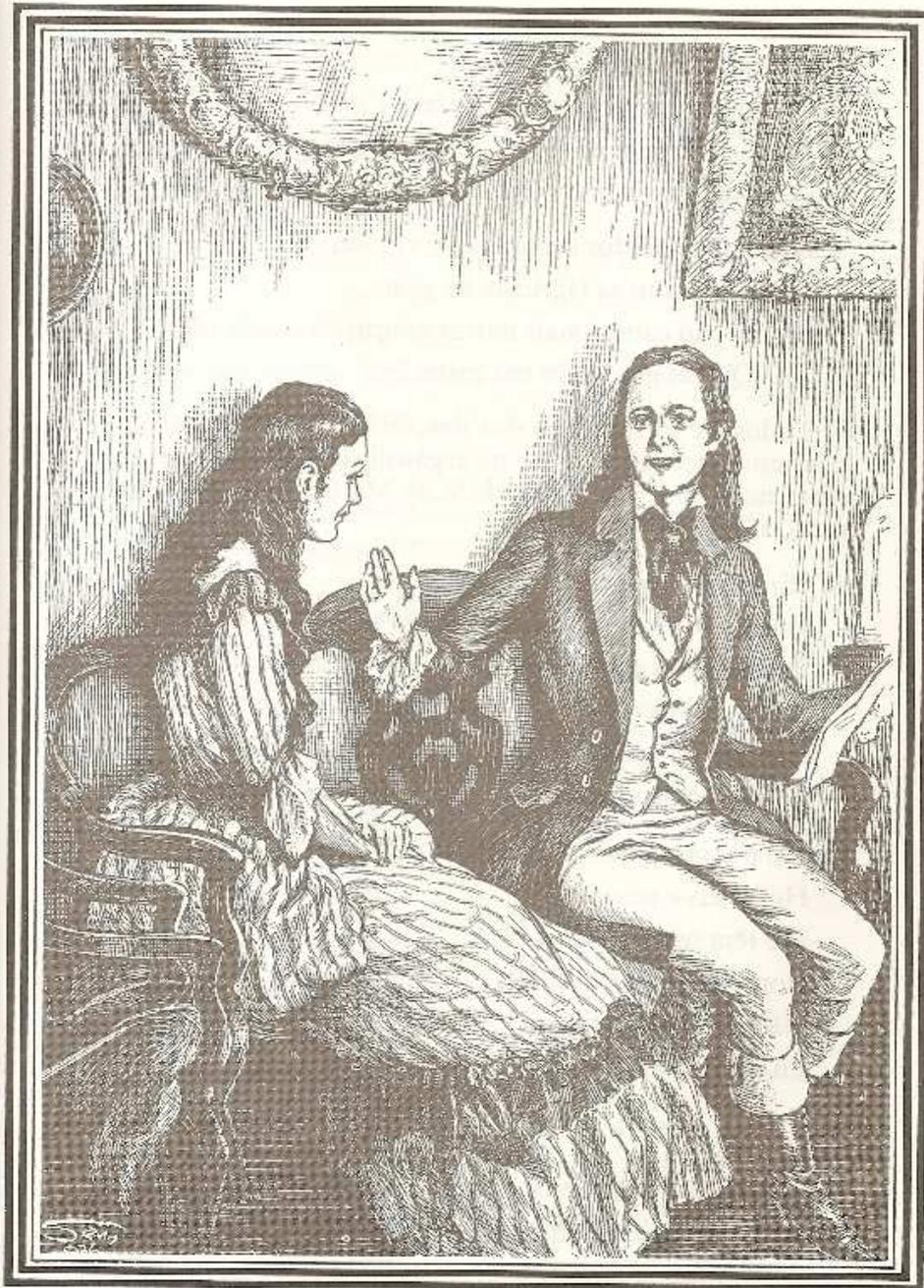
Casa onde viveu Marília. Disponível no site do Arquivo Público Mineiro:

http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/modules/fotografico_docs/viewcat.php?cid=624&num=10&orderby=dateD&pos=380



ANEXO V-A

Ilustração feita por Seth. In: Lima Jr., 1998, p. 89.



MARÍLIA E DIRCEU

— "Eu é que sou herói, Marília bela!"

Obs.: Legendas da própria publicação

ANEXO V – B

Ilustração feita por Seth. In: Lima Jr., 1998, p. 39.



MARÍLIA AOS 19 ANOS

*"Se encontrares lavada uma beleza,
Marília, não lhe revejes a virtude,
Que tens quem leve à mais sã e honesta idade
A tua formosura"*

ANEXO V – C

Ilustração feita por Seth. In: Lima Jr., 1998, p. 127.



ANEXO V – D

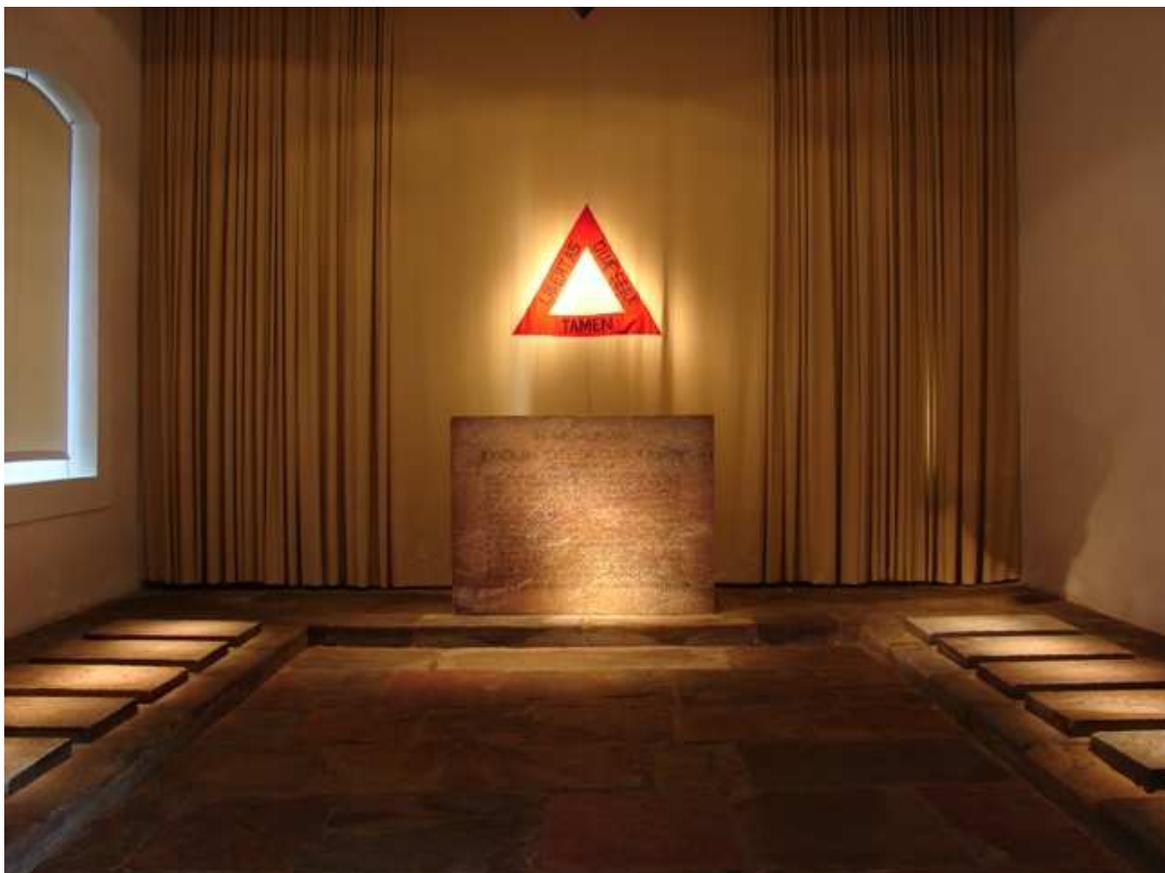
Ilustração feita por Seth. In: Lima Jr., 1998, p. 139.



MARÍLIA NA EXTREMA VELHICE SOMENTE VIVIA DO PASSADO.

ANEXO VI

Foto Panteão da Inconfidência. Disponível em: <http://museudainconfidencia.wordpress.com/about/>



FONTES

MARMOTA FLUMINENSE - Jornal de Variedades n°342 - Biblioteca Nacional – microfilme - PRSOR 00284[2-4]

BRANDÃO, IN MARMOTA FLUMINENSE - Jornal de Variedades n°348 - Biblioteca Nacional - microfilme - PRSOR 00284[2-4].

JORNAL DO COMMÉRCIO - ANO 71 - Biblioteca Nacional - microfilme - RRc - SPR 00001.

VIAJANTES

BURTON, Richard. **Viagem do Rio de Janeiro a Morro Velho**. São Paulo, Itatiaia; São Paulo, Ed. da Universidade de São Paulo, 1976.

MAWE, John. **Viagem ao interior do Brasil**. Tradução de Selena Benevides Viana; prefácio e notas de Clado Ribeiro Lessa. Belo Horizonte, Ed. Itatiaia; São Paulo, Ed. da Universidade de São Paulo, 1978.

RIBEYROLLES, Charles. **Brasil Pitoresco**. São Paulo: Livraria Martins, 1941.

SAINT-HILLAIRE, Auguste de. **Viagem pelas províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais**. Belo Horizonte: Editora Itatiaia Ltda, 2000.

SPIX, Johann Baptist Von; MARTIUS, Carl Friedrich Phillipp Von. **Viagem pelo Brasil**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1938.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALCIDES, Sérgio. **A PÁTRIA DE DIRCEU: Memória e invenção de uma lenda nacional no século XIX**. 1994. Dissertação (Mestrado em História Social da Cultura) – PUC/RJ.

AGUIAR, Melânia. **Marília de Dirceu – Edição do Bicentenário (1792 – 1992)**. Rio de Janeiro: Livraria Garnier, 1992.

ALGRANTI, Leila Mezan. **Honradas e Devotas: mulheres da Colônia: Condição feminina nos conventos e recolhimentos do Sudeste do Brasil, 1750-1822**. – 2ª ed. – Rio de Janeiro: José Olympio, 1999.

ARMSTRONG, Karen. **Breve história do mito**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

ARRUDA, Maria Arminda do Nascimento. **Mitologia da Mineiridade**. São Paulo: Brasiliense, 1999.

- BRANDÃO, Thomaz. **Marília de Dirceu**. Belo Horizonte: Typographia Guimarães, 1932.
- BRETAS, Rodrigo José Ferreira. **Antônio Francisco Lisboa - O Aleijadinho**. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 2002.
- BRUGGER, Sílvia Maria Jardim. **Família e Patriarcalismo em Minas Gerais**. In Brasil-Portugal: sociedades, culturas e formas de governar no mundo português (séculos XVI-XVIII). Org. Eduardo França Paiva. São Paulo: Annablume, 2006.
- CÂNDIDO, Antônio. **Formação da literatura brasileira: momentos decisivos**. Belo Horizonte. Itatiaia, 1981.
- CARVALHO, José Murilo de. **A Formação das Almas: O imaginário da República no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- CURTIUS, Ernst Robert. **Literatura Européia e Idade Média Latina**. São Paulo; Hucitec: Edusp, 1996.
- D'INCAO, Maria Ângela (Org.) **Amor e família no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1989.
- DEL PRIORE, Mary (org.); BASSANEZI, Carla (coord. textos). **História das mulheres no Brasil**. - 7ª ed. – São Paulo, Contexto, 2004.
- _____. **A mulher na história do Brasil**. - 3ª ed. – São Paulo, Contexto, 1992.
- _____. **Ao sul do corpo: condição feminina, maternidade e mentalidade no Brasil Colônia**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1995.
- _____. **História do amor no Brasil**. - 2ª ed. – São Paulo, Contexto, 2006.
- DUBY, Georges. **Eva e os padres**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- FARACO, Sérgio. In: **Marília de Dirceu/ Tomás Antônio Gonzaga**. Porto Alegre: L&PM, 1998.
- FIGUEIREDO, Luciano Raposo de Almeida. **Barrocas Famílias – Vida familiar em Minas Gerais no século XVIII**. São Paulo: Editora HUCITEC, 1997.
- _____. **O avesso da memória: cotidiano e trabalho da mulher em Minas Gerais no século XVIII**. Rio de Janeiro: José Olympio; Brasília, DF: EDUNB, 1993.
- FRANCO, Afonso Arinos de Melo. **Rosa de ouro**. Organização, transcrição e apresentação Afonso Arinos, filho. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.
- FREYRE, Gilberto. **Casa Grande & Senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal**. - 49ª. Ed. rev. - São Paulo: Global, 2004.
- _____. **Sobrados e Mucambos: decadência do patriarcado e desenvolvimento urbano**. - 15ª ed. rev. - São Paulo: Global, 2004.
- FRIEIRO, Eduardo. **O diabo na livraria do cônego; Como era Gonzaga; e Outros temas mineiros**. – 2. ed.rev.e aum. – São Paulo: Itatiaia: Ed. Universidade de São Paulo, 1981.

- FURTADO, Joaci Pereira (Notas e estabelecimento de texto). In: GONZAGA, Tomás Antônio. **Cartas Chilenas**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- FURTADO, João Pinto. **O manto de Penélope: história, mito e memória da Inconfidência Mineira de 1788-9**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- FURTADO, Júnia Ferreira. **Chica da Silva e o contratador de diamantes – o outro lado do mito**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- GOLDSCHIMIDT, Eliana Maria. **Virtude e pecado: sexualidade em São Paulo colonial**. In: COSTA, Albertina de Oliveira e BRUSCHINI, Cristina (Org). Entre a virtude e o pecado. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos; São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1992.
- GOMES, João Batista de Magalhães. **Documentário sobre Marília de Dirceu**. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, 1966.
- GONÇALVES, Adeldo. **Gonzaga, um poeta do Iluminismo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.
- GONÇALVES, Andréa Lisly. **História & Gênero**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
- GONZAGA, Tomás Antônio. **Marília de Dirceu. Edição do bicentenário (1792-1992)**. Prefácio e notas de Melânia Silva Aguiar. Rio de Janeiro: Livraria Garnier, 1992.
- GRAMMONT, Guiomar de. **Aleijadinho e o aeroplano: o paraíso barroco e a construção do herói colonial**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.
- HANSEN, João Adolfo. **Alegoria - Construção da metáfora**. São Paulo, SP: Hedra; Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2006.
- HELENA, Lúcia. **Tomás Antônio Gonzaga**. Rio de Janeiro: Agir – Edições Biblioteca Nacional, 2005.
- HOLANDA, Sérgio Buarque. CÂNDIDO, Antônio (org.) Capítulos de literatura colonial. São Paulo. Editora Brasiliense, 2000.
- KUHNEN, Alceu. **As origens da Igreja no Brasil – 1500-1552**. Bauru: EDUSC, 2005.
- LAPA, Rodrigues. **Obras Completas de Tomás Antônio Gonzaga**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1942.
- LEAL, Waldemar Rodrigues de Oliveira. **Marília e Dirceu, genealogia e diversos**. Belo Horizonte: Expressa Artes Gráficas e Editora Ltda., 1990.
- LIMA JR. Augusto de. **O amor infeliz de Marília e Dirceu**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1998.
- MAXWELL, Kenneth R. **A devassa da devassa: a Inconfidência Mineira, Brasil – Portugal, 1750-1808**; tradução de João Maia. São Paulo: Paz & Terra, 1995.
- MEIRELES, Cecília. **Romanceiro da Inconfidência**. 5ª. Ed. São Paulo: Civilização Brasileira, 1981.

- MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA. Anuário do Museu Imperial – vol. XVIII. Petrópolis, 1957.
- PAIVA, Eduardo França. **História & Imagens** -2ª. Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
- PEREIRA, Cláudia Gomes. **Beatriz Brandão mulher e escritora no Brasil do século XIX**. São Paulo: SCORTECCI, 2005.
- POLITO, Ronald. **Um coração maior que o mundo: Tomás Antônio Gonzaga e o horizonte luso-colonial**; prefácio Melânia Silva de Aguiar. São Paulo: Globo, 2004.
- REIS, Liana Maria. **A mulher na Inconfidência (Minas Gerais – 1789)**. In: Revista do Departamento de História n° 9 - FAFICH/UFMG. Belo Horizonte: Pró-Reitoria de Extensão/UFMG, 1989.
- ROCHA, Everardo. **O que é mito**. São Paulo: Brasiliense, 1996.
- RODRIGUES, André Figueiredo. **A fortuna dos Inconfidentes**. São Paulo: Globo, 2010.
- SANCHEZ, Alexandre. **Maria Dorothea: A musa revelada: História da mulher que inspirou o mito “Marília de Dirceu”**. Belo Horizonte: Gráfica e Editora Lima Ltda., 2006.
- SILVA, Joaquim Norberto de Souza. **Brasileiras Célebres** – Ed. Fac Símile. Brasília: Senado Federal: 1997.
- SOUZA, Laura de Melo e. **O diabo e a terra de Santa Cruz**. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.
- ZHUNTOR, Paul. **Correspondência de Abelardo e Heloísa**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.